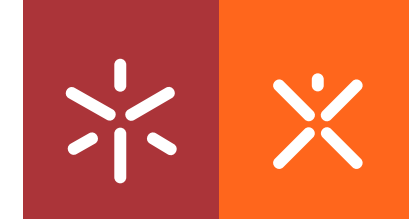


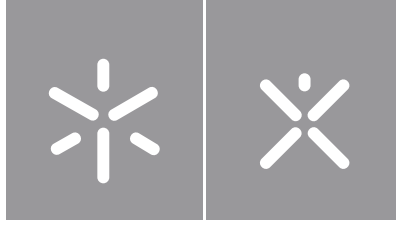


Ricardo Jorge Fraga da Costa Lima

Religiosidade e Comportamentos de Risco na Adolescência

Universidade do Minho
Instituto de Educação





Universidade do Minho

Instituto de Educação

Ricardo Costa Lima

Religiosidade e Comportamentos de Risco na Adolescência

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Estudos da Criança
Área de Especialização em Intervenção
Psicossocial com Crianças e Famílias

Trabalho efetuado sob a orientação da
Doutora Susana Caires

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

Sou extremamente grato pela oportunidade e alegria de ter desenvolvido este trabalho de dissertação numa área que me é tão inspiradora e motivadora – Religiosidade e Adolescência!

Sou grato pelas(os) colegas de mestrado, que ajudaram a criar um ambiente descontraído de pesquisa, procura e dedicação, notava-se que quase todos apaixonadamente exploravam ideais, sonhos e projetos para melhorar o mundo das nossas crianças e jovens – a elas e eles, a minha profunda gratidão.

Sou muito grato à comunidade religiosa a que pertenço. Através dela, encontrei a inspiração e motivação que determinantemente me ajudou a escolher o tema para esta dissertação. Sou grato aos jovens da Igreja que voluntária e anonimamente ajudaram para que a amostra deste estudo tenha sido o motivo de muitas horas de investigação e trabalho árduo.

Pelo apoio extraordinário e incansável da Doutora Susana Caires – a minha orientadora, deixo também aqui a minha profunda gratidão e sinceros agradecimentos.

Sou eternamente grato à minha família, aos meus pais, filhos maravilhosos e à minha querida esposa, na realidade, este trabalho não poderia ter chegado a “bom porto” se não fosse pelo apoio incondicional na minha esposa, ela é uma parte importante deste trabalho e sua paciência, carinho e influência também fazem parte integrante das páginas desta “aventura” académica.

Por fim, por ser uma pessoa de fé e honestamente crente, deixo aqui, como forma de gratidão ao meu Deus, uma citação de Heber J. Grant que se adequa perfeitamente aos meus sentimentos neste momento:

“Aquilo que persistimos em fazer torna-se mais fácil de realizar; não porque a natureza da tarefa mude, mas porque nossa capacidade aumenta.”

Declaração de integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Religiosidade e Comportamentos de Risco na Adolescência

Resumo

A adolescência é um período caracterizado por várias mudanças físicas, psicológicas, sociais e cognitivas, que podem ter um forte impacto no desenvolvimento dos seus protagonistas. Uma das vertentes que tem sido pouco explorada pela comunidade científica é o papel que a religiosidade poderá ter durante este período e em especial que papel pode a religiosidade ter, nas suas vertentes de importância e participação, na prevenção de alguns comportamentos de risco comum nesta etapa.

Pretende-se, através desta dissertação, explorar a dimensão da religiosidade num grupo específico de adolescentes pertencentes a um grupo religioso minoritário com representação em Portugal e a sua relação com o consumo de álcool, tabaco, e o envolvimento em situações de *bullying* e *cyberbullying* nos papéis de vítima e/ou agressor. O estudo efetuado envolveu uma amostra de 101 jovens, com idades compreendidas entre 13 e 18 anos, 59% dos quais do sexo masculino e 41% feminino. O seu nível de religiosidade (medido em termos da relevância atribuída à religião e à frequência dos seus rituais e atividades da Igreja no âmbito da sua vida, e do nível de envolvimento e participação nesses rituais e atividades) bem como o nível de envolvimento em potenciais comportamentos de risco foram avaliados a partir do *Questionário sobre Religiosidade e Comportamentos na Adolescência*, especificamente construído para o efeito. Os resultados relativos aos consumos de tabaco e álcool deram a conhecer uma realidade contrastante com os números observados noutros estudos nacionais e internacionais com adolescentes, verificando-se que as respostas de 95% dos participantes apontam no sentido de nunca terem experimentado tabaco, e de 94% que reportam a ausência de qualquer consumo de álcool nos últimos 30 dias à data do inquérito. Os resultados do estudo apontam também para a importância que a religiosidade parece assumir enquanto reguladora de comportamentos de violência – mais especificamente nas experiências *bullying* e *cyberbullying*, quer no papel de vítima quer de agressor. Crê-se que a afiliação religiosa destes adolescentes e a sua participação regular em programas de ensino religioso, parecem concorrer de modo significativo para o seu desenvolvimento espiritual e moral, ao estabelecer, por exemplo, modelos de comportamento e relacionamentos positivos, ao promover alguns códigos de conduta que não só promovem o controlo de comportamentos, mas assumem um papel na proteção da saúde dos seus seguidores.

Palavras-chave: adolescência; comportamentos de risco; religiosidade

Religiosity and Risk Behaviors in Adolescence

Abstract

Adolescence is a period characterized by several physical, psychological, social and cognitive changes, which may have a strong impact on the development of its protagonists. One of the aspects that has been little explored by the scientific community is the role that religiosity may play during this period and, in particular, the role that religiosity may play, in its importance and participation, in the prevention of some common risk behaviors during this stage.

This dissertation aims to explore the dimension of religiosity in a specific group of adolescents belonging to a minority religious group represented in Portugal and its relationship with the consumption of alcohol, tobacco, and involvement in situations of bullying and cyberbullying in the roles of victim and/or aggressor. The study involved a sample of 101 young people, aged 13 to 18 years, 59% male and 41% female. Their level of religiosity (measured in terms of the relevance attributed to religion and the frequency of their rituals and church activities within their lives, and the level of involvement and participation in these rituals and activities) as well as the level of involvement in potential risk behaviors were assessed using the *Questionnaire on Religiosity and Behaviors in Adolescence*, specifically designed for this purpose. The results regarding tobacco and alcohol consumption showed a contrasting reality with the numbers observed in other national and international studies with adolescents, with 95% of the participants indicating they had never tried tobacco, and 94% reporting no alcohol consumption in the last 30 days at the time of the survey. The results of the study also point to the importance that religiosity seems to play as a regulator of violent behavior - more specifically in bullying and cyberbullying experiences, both in the role of victim and perpetrator. It is believed that the religious affiliation of these adolescents and their regular participation in religious education programs seems to contribute significantly to their spiritual and moral development, by establishing, for example, models of behavior and positive relationships, by promoting some codes of conduct that not only promote the control of behaviors but assume a role in protecting the health of their followers.

Keywords: adolescence; risk behavior; religiosity

Lista de Abreviaturas e Siglas

IJCSUD – A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

OMS – Organização Mundial de Saúde

SUD – Santos dos Últimos Dias (ou membros da IJCSUD)

Índice

Resumo	v
Abstract.....	vi
Lista de Abreviaturas e Siglas	vii
Introdução	1
CAPÍTULO I	4
1. A ADOLESCÊNCIA.....	4
1.1. Do passado ao presente.....	4
1.2. O despertar da adolescência: os tempos, as dimensões e os processos.....	7
1.3. Teorias do desenvolvimento moral.....	12
1.3.1. <i>As teorias seculares</i>	12
1.3.2. <i>As teorias religiosas</i>	18
1.4. Comportamentos de risco na adolescência: Fatores de risco e proteção.....	20
1.5. Bullying e Cyberbullying.....	22
1.6. Tabagismo e consumo de álcool.....	23
CAPÍTULO II	26
2. A RELIGIOSIDADE	26
2.1. Religiosidade e Espiritualidade: os conceitos	26
2.2. Liberdade religiosa e os grupos minoritários religiosos em Portugal.....	27
2.2.1. O direito à liberdade religiosa	27
2.2.2. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (IJCSUD) em Portugal.....	28
2.3. A intervenção junto dos jovens SUD	29
2.3.1. Programas de desenvolvimento espiritual, social, intelectual e físico	29
2.3.2. A vida religiosa dos jovens SUD vs. outras comunidades religiosas	31
2.4. Desenvolvimento moral e religiosidade: o seu papel nos comportamentos de risco adolescente.....	32
2.5. A Religiosidade como fator protetor	34
2.6. O papel da religiosidade nos comportamentos de risco dos adolescentes	35
CAPÍTULO III	40
3. COMPONENTE EMPÍRICA	40
3.1. Formulação do Problema.....	40
3.2. Objetivo Geral	40

3.3. Objetivos específicos.....	41
3.4. Plano e Metodologia	41
3.4.1. Participantes.....	41
3.4.2. Instrumentos.....	41
3.4.3. Procedimentos.....	43
CAPÍTULO IV	44
4. RESULTADOS	44
4.1. Perfil sociodemográfico dos participantes	Erro! Marcador não definido.
4.2. Nível de religiosidade	Erro! Marcador não definido.
4.3. Envolvimento Escolares	Erro! Marcador não definido.
4.4. Hábitos de consumo dos participantes	Erro! Marcador não definido.
4.5. Experiências de <i>Bullying</i> e <i>Cyberbullying</i>	Erro! Marcador não definido.
4.6. Teste de diferenças	Erro! Marcador não definido.
4.7. Discussão dos resultados.....	59
CAPÍTULO V	65
5. CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS.....	71
ANEXOS	83
Anexo 1 - Questionário sobre Religiosidade e Comportamentos na Adolescência	83
Anexo 2 - Matrícula no Seminário.....	103

Figuras

Figura 1- O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano	6
---	---

Gráficos

Gráfico 1 - Escolaridade dos participantes	45
Gráfico 2 - Composição do agregado familiar	45

Tabelas

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico.....	44
Tabela 2 - Filiação religiosa & Participação Seminário.....	46
Tabela 3 - Dimensão da importância religiosa	46
Tabela 4 - Dimensão da frequência religiosa	47
Tabela 5 - Comportamentos escolares	47
Tabela 6 - Assiduidade escolar.....	48
Tabela 7 - Hábitos de consumo I (álcool).....	48
Tabela 8 - Hábitos de consumo II (álcool).....	49
Tabela 9 - Hábitos de consumo (tabaco)	50
Tabela 10 - Experiências de <i>Bullying</i> e <i>Cyberbullying</i>	50
Tabela 11 - Teste 'Frequências domingo' vs 'Experiências de <i>Bullying & Cyberbullying</i> '	51
Tabela 12 - Teste 'Frequências domingo' vs 'Experiências de <i>Bullying</i> '.....	52
Tabela 13 - Teste 'Frequências atividades' vs 'Experiências de <i>Bullying & Cyberbullying</i> '	52
Tabela 14 - Teste 'Frequências Seminário' vs 'Experiências de <i>Bullying & Cyberbullying</i> '	52
Tabela 15 - Teste 'Frequências Seminário' vs 'Experiências de <i>Bullying</i> '.....	53
Tabela 16 - Teste 'Importância da Escola' vs dimensões de freq.	53
Tabela 17 - Testes de 'frequências religiosas' vs comportamentos escolares.....	54
Tabela 18 - Testes dimensão da importância religiosa vs experiências de <i>Bullying e Cyberbullying</i>	54
Tabela 19 - Testes dimensão de importância religiosa vs importância da escola	55
Tabela 20 - Testes da dimensão da importância religiosa vs comportamentos escolares.....	56
Tabela 21 - Teste de diferenças – Sexo vs Importância reuniões de domingo.....	57
Tabela 22 - Teste de diferenças - Sexo vs Teste de diferenças - Importância atividades jovens.....	57
Tabela 23 - Teste de diferenças - Sexo vs Teste de diferenças - frequência reuniões domingo	58
Tabela 24 - Teste de diferenças - Sexo vs Teste de diferenças - frequência às atividades.....	58

Introdução

As rápidas mudanças no mundo, nas sociedades ocidentais e nas famílias deram lugar a um novo conjunto de preocupações e questões entre os estudiosos. Por exemplo, como compreender as influências mútuas entre os fatores individuais e as forças contextuais influenciam no desenvolvimento do adolescente (Senna & Dessen, 2012).

De acordo com o Dicionário de Psicologia da *American Association of Psychology* (APA, 2022), a adolescência é o período do desenvolvimento humano que começa com a puberdade (10-12 anos de idade) e termina com a maturidade fisiológica (aproximadamente 19 anos), embora a faixa etária exata varie entre os indivíduos. Durante este período, ocorrem grandes mudanças em diversas dimensões do desenvolvimento humano, designadamente ao nível das características físicas, sexuais, e cognitivas e sociais, com significativas repercussões na imagem corporal, autoconceito e autoestima dos seus protagonistas. Assim, por exemplo, a par do aparecimento das características sexuais primárias (e.g. menarca, crescimento dos testículos e pênis) e secundárias (e.g. engrossamento da voz, desenvolvimento dos seios, aparecimento de pelos púbicos), ou, do interesse sexual, a maioria dos jovens adquire habilidades aprimoradas para pensar abstratamente, avaliar a realidade hipoteticamente, reconsiderar experiências anteriores de pontos de vista diferentes, bem como a autorreflexão ou a criação de modelos complexos de compreensão e a projeção de cenários futuros complexos. Na esfera social, os adolescentes passam também a ter maior foco e a envolverem-se mais em atividades relacionadas com os pares, e a darem maior ênfase à aceitação social, ao mesmo tempo que buscam mais independência e autonomia em relação aos pais (Wigfield, Lutz & Wagner, 2005; Rice & Dolgin, 2002; Crocetti, 2017).

Uma das áreas que tem sido pouco explorada no âmbito do desenvolvimento adolescente prende-se com a sua dimensão religiosa. Segundo Aries (1981) a relação da criança com a religião remonta aos tempos antigos, sendo que, no seu famoso livro “A História da Criança e da Família”, o autor descreve-nos alguns dos rituais, cerimónias e influências religiosas, desde a Grécia Antiga até aos dias modernos. Nesta sua obra, reportando-se à era do Cristianismo, o autor diz-nos que, com a introdução do batismo infantil, houve uma necessidade de normalizar comportamentos morais, baseados na literatura moral e pedagógica muitas vezes citados em trechos do Evangelho em que Jesus faz alusão às crianças. De acordo com Fleury, no seu *Traité des Études* de 1686, citado por Ariès (1981, p.129), "O Evangelho nos proíbe desprezar as

crianças pela alta consideração que elas recebem dos anjos bem-aventurados que as guardam", tendo-se por esta altura se normalizado certos rituais religiosos centrados na vida da criança, designadamente a primeira comunhão, que segundo Ariès (1981, p-132) "... iria tornar-se progressivamente a grande festa religiosa da infância, e continuaria a sê-lo até hoje, mesmo nos lugares em que a prática cristã não é mais observada com regularidade".

A principal razão pela qual o autor colocou o foco da sua dissertação nesta temática partiu do seu interesse geral pela adolescência e do largo investimento realizado até à data mesmo ao nível de programas relacionados com o ensino religioso de jovens e jovens adultos. Durante mais de 18 anos desenvolveu funções de Coordenador Educativo, fazendo a supervisão e certificação de mais de 50 professores voluntários, trabalhando na elaboração e organização de eventos e atividades religiosas, e exercendo funções de professor de Religião e de Diretor de Instituto (núcleos para jovens adultos), bem como de Técnico de programas educativos. Atualmente exerce à data funções de Presidente Eclesiástico da Estaca Porto Norte (semelhante a uma diocese Católica). A nível de voluntariado, desenvolveu várias responsabilidades na liderança de grupos de jovens, destacando-se o seu envolvimento na organização de conferências regionais para jovens, acampamentos e viagens culturais e recreativas, bem como o desenvolvimento de vários projetos comunitários (e.g. banco alimentar, limpeza de espaços públicos, ajudas alimentares e médicas, etc.).

Centrada na exploração da dimensão da religiosidade num grupo específico de adolescentes pertencentes a um grupo religioso minoritário com representação em Portugal - A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias – a presente dissertação procura averiguar o lugar que a religião ocupa na vida destes adolescentes, bem como a sua associação (positiva ou negativa) a comportamentos de risco comuns nesta etapa do desenvolvimento humano, designadamente: o consumo de álcool e tabaco, os comportamentos de *Bullying* e *Cyberbullying*. Por forma a atingir tais objetivos, procedeu-se ao desenho de uma dissertação cuja estrutura se organiza em duas partes. A primeira parte corresponde à componente teórica da dissertação, abarcando o capítulo I versando as várias áreas do desenvolvimento que sofrem significativas transformações durante a adolescência, dando-se particular relevo à dimensão moral e ética. Os comportamentos de risco mais comumente presentes nesta etapa do desenvolvimento humano, bem algum dos fatores que poderão aumentar a propensão dos adolescentes se envolverem nos mesmos (fatores de risco) ou de impedi-los (fatores de proteção) são igualmente alvo de exploração. No capítulo II o foco

incide sobre a religiosidade adolescente, dando-se particular protagonismo aos estudos – nacionais e internacionais - que têm vindo a ser desenvolvidos em torno desta temática e sobre o papel que esta poderá desempenhar na prevenção ou mitigação de alguns comportamentos de risco durante a adolescência.

Na segunda parte - reportada à componente empírica da dissertação - dar-se-á a conhecer, no capítulo III, a metodologia do estudo realizado, descrevendo-se os seus participantes, instrumentos de avaliação e, entre outros, os procedimentos adotados ao nível da recolha de dados. No capítulo IV apresentam-se os resultados do estudo, seguidos da sua discussão à luz das evidências recolhidas por estudos análogos. Finalmente, no capítulo V, proceder-se-á à apresentação de algumas das principais conclusões retiradas a partir dos investimentos realizados ao longo da dissertação, quer em termos da revisão da literatura na área, quer da análise dos dados recolhidos no estudo empírico ou da sua discussão. Serão igualmente tecidas considerações sobre as limitações do trabalho desenvolvido e de algumas das suas potencialidade e investimentos a realizar no futuro.

CAPÍTULO I

1. A ADOLESCÊNCIA

1.1. Do passado ao presente

De acordo com Muuss (1976, cit. por Ferreira & Nelas, 2016), a palavra “adolescência” deriva do latim “adolescere” que significa “fazer-se homem/mulher” ou “crescer em maturidade”. Por seu lado, Outeiral (2003, cit. por Oliveira & Carneiro, 2004) explica-nos que a palavra tem origem do latim *ad* (a, para) e *olercer* (crescer), que significa o indivíduo capacitado, apto, ou em processo de crescimento.

Em termos históricos, a representação da adolescência conforme a conhecemos hoje, como período único e distintivo da vida, não existiu sempre. Segundo Ferreira e Nelas (2016), só a partir dos finais do século XIX, no decorrer da revolução industrial, com o surgimento das grandes transformações socioculturais, é que a adolescência começa a ser considerada como uma etapa importante do desenvolvimento humano. Antes desta época, assumia-se que a pessoa transitava diretamente da infância para a idade adulta sem passar por uma etapa intermédia. Contudo, entre muitos povos primitivos, a iniciação da puberdade era um evento importante, solene e de transição para a vida adulta. Encontramos, por exemplo, referências a estas cerimónias de iniciação na antiga Pérsia, Grécia e Roma (Ferreira & Nelas, 2016). Com o surgimento da época renascentista, a adolescência perde gradualmente o seu papel social, e as referências a estes cerimoniais deixam de existir, o que, segundo Ferreira e Nelas, “nos leva a presumir que a importância psicológica e social da adolescência não seria reconhecida pelo mundo moderno” (*ibidem*, p. 143).

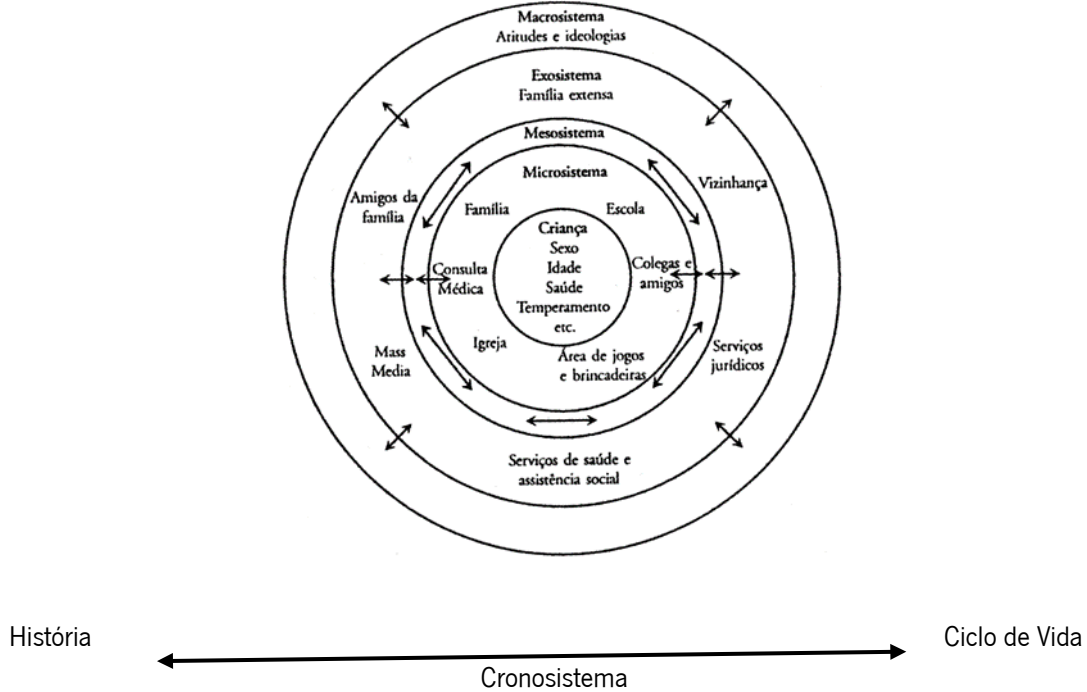
De acordo com Senna e Dessen (2012), apesar dos avanços na compreensão e reconhecimento da adolescência como uma etapa específica da trajetória desenvolvimental de qualquer ser humano, ainda hoje permanece a tendência para caracterizar este período como especialmente conturbado e marcado por dificuldades, conflitos, sofrimento e risco (Lerner, 2004; Steinberg & Morris, 2001). Esta é, no entanto, apenas uma das “versões” possíveis da adolescência, significando isto que nem todos os indivíduos que passam por ela e vivem de forma especialmente “dramática”, “perigosa” e/ou “rebelde”. Segundo autores como Steinberg e Morris (2001) ou Larson e colaboradores (2002), a visão de uma adolescência única parece inadequada e, sobretudo, limitada e ultrapassada. Ou seja; já não se pode admitir, por exemplo, que a ideia tradicional de rebeldia seja típica, universal ou, mesmo, inevitável nesta etapa do curso de vida.

Por seu lado, Brown (2005), procurando um olhar multidisciplinar e multinível sobre a adolescência, afirma que considerar o adolescente com base em fatores particulares, ou mesmo isolar aspetos genéticos e ambientais, pode impedir um diálogo amplo entre as diferentes áreas de pesquisa, e dos pesquisadores com os profissionais e os políticos. As ideias deste autor são consonantes com as de Urie Bronfenbrenner (1979, 1989, 1986, 2005) que, no seu Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, perspetiva o indivíduo de um ponto de vista global e integrado, e concebe o desenvolvimento como decorrendo “*da interação mútua e progressiva entre, por um lado, um indivíduo activo, em constante crescimento e, por outro lado, as propriedades sempre em transformação dos meios imediatos em que o indivíduo vive, sendo este processo influenciado pelas relações entre os contextos mais vastos em que aqueles se integram*” (Bronfenbrenner, 1979; cit. por Portugal, 1998, p.37).

Assim, para Bronfenbrenner, a trajetória desenvolvimental do ser humano é determinada pela relação dialética existente entre fatores biológicos e genéticos (a dimensão “bio” do Modelo) e fatores externos e contextuais (a dimensão ecológica). Entre os contextos que concorrem para o desenvolvimento humano, o Modelo Bioecológico sustenta que são inúmeras as suas influências, diretas ou indiretas, pontuais ou prolongadas, exercidas por diferentes ambientes mais próximos ou longínquos do indivíduo e que podem exercer influência sobre a sua trajetória, em diferentes graus, ao longo do seu curso de vida. Esses ambientes ou sistemas incluem, segundo o Modelo, o *microsistema*, o *mesossistema*, o *exossistema*, o *macrossistema* e o *cronossistema*. Na Figura 1 surge representado o Modelo com os seus diferentes elementos, procedendo-se à sua explicitação logo em seguida.

O *microsistema* abarca um conjunto de atividades, papéis sociais e relações estabelecidas pelo indivíduo nos seus contextos de vida mais imediatos, com os quais estabelece uma relação direta (processos proximais) e que integram o seu dia a dia. Se colocarmos no centro da nossa análise o adolescente, de tais contextos são exemplo o ambiente familiar, a escola, os grupos desportivos, recreativos ou religiosos dos quais é membro, e onde interage de forma direta e significativa com os seus diferentes agentes (e.g. os pais, amigos, colegas, professores, mentores, treinadores, entre vários outros). O Modelo afirma também que, nas interações estabelecidas no seio destes microsistemas, o indivíduo não é um mero recetor de experiências, mas, um contribuinte ativo para a construção desse ambiente, numa experiência multidirecional.

Figura 1- O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano



Num outro nível de representação, o *mesossistema* representa um conjunto de “canais” que asseguram a comunicação transcontextual entre dois ou mais microsistemas. Por outras palavras, inclui as ligações e processos que ocorrem entre os contextos de vida mais imediatos do indivíduo (e.g. relação escola-família). Num outro nível, mais afastado do indivíduo, surge o *exossistema*. Esta abarca os contextos que, apesar de não conterem a pessoa em desenvolvimento e de não estabelecerem contacto direto com a mesma, os seus eventos influenciam indiretamente os processos que têm lugar dentro do(s) microsistema(s). Dele é exemplo o contexto de trabalho dos pais cujas exigências, stresse vivenciado ou, por exemplo, a remuneração, podem ter implicações no desenvolvimento do adolescente.

Adicionalmente, o *macrossistema* (o círculo mais afastado do centro do Modelo) inclui os valores, crenças e normas sociais e morais vigentes numa determinada cultura ou sociedade. Deles são exemplo os preconceitos, as representações sociais, as políticas ou os fenómenos sociais mais prevalentes numa determinada sociedade (e.g. acentuado desemprego, racismo, representação da mulher como um ser “inferior”, políticas protetoras da família).

Por fim, o *cronossistema* engloba a(s) mudança(s) ou a(s) consistência(s) ocorrida(s) ao longo do tempo no ambiente em que a pessoa vive, bem como nas características da pessoa. Deste são exemplo, as mudanças ocorridas na estrutura familiar (e.g. nascimento de um filho, divórcio), no estatuto socioeconómico (e.g. desemprego, ganhar da lotaria), uma guerra ou uma crise pandémica (Bronfenbrenner, U., 1996; Bronfenbrenner, U., e Morris. P. A., 1998).

De referir, ainda, um elemento central do Modelo: nos processos - interativos e dialógicos -, que têm lugar ao longo do desenvolvimento, não apenas os contextos exercem influência sobre o indivíduo, como também o indivíduo - visto como um sujeito ativo, produto e produtor de desenvolvimento - exerce influência sobre os mesmos.

Face à complexidade dos processos que concorrem para o desenvolvimento adolescente, tal como referem Smetana e colaboradores (2006), não existe apenas uma, mas inúmeras “adolescências”. Há, pois, que tentar compreendê-la(s) na sua diversidade, multidimensionalidade e no seu carácter multifatorial e contextual. Tal compreensão culmina na noção de que um mesmo resultado em termos desenvolvimentais pode ser alcançado por diferentes meios e em contextos relativamente, ou que, por exemplo, nas situações em que o “ponto de partida” é o mesmo (o caso dos gémeos monozigóticos, que detêm o mesmo DNA) e em que dois indivíduos se desenvolvem em contextos relativamente semelhantes, o resultado nunca será o mesmo. Assim, para se atingir uma compreensão mais apurada e profunda das características que emergem nesta fase, fará mais sentido investigar os mecanismos subjacentes aos processos desenvolvimentais protagonizados pelos adolescentes, ter em conta as interações entre os seus protagonistas e os seus diversos contextos ou ambientes significativos, bem como a multiplicidade de agentes e fatores que concorrem para os mesmos (no sentido da sua promoção, inibição ou comprometimento em termos de “normalidade”), bem como às sinergias existentes entre esses diferentes contextos (Bronfenbrenner, 1996, 1998; Schiamberg et al., 1998).

1.2. O despertar da adolescência: os tempos, as dimensões e os processos

Para Eisentein (2015) e Ferreira e Nelas (2016), o início da puberdade - acontecimento biológico relativo às alterações fisiológicas e morfológicas que têm lugar no corpo adolescente -, ocorre como um indicador precursor da adolescência. Ambos os indicadores são variáveis em função das características biológicas do indivíduo (e.g. sexo), dos contextos sociais, culturais, ambientais e nutricionais vividos pelos seus

protagonistas. Por outro lado, o seu término ocorre, segundo Ferreira e Nelas, quando “o jovem atinge a maturidade social e emocional e adquire a experiência, a habilidade e a vontade, características necessárias para assumir o papel do adulto, de acordo com os padrões culturais do meio onde vive” (p. 145). Uma vez mais, a variabilidade de trajetórias e fatores que concorrem para o desfecho da adolescência e marcam o início da jovem adultez é grande, sendo também comuns as oscilações vividas (e observadas) em vários momentos e áreas do desenvolvimento. Apesar desta grande variabilidade, por adequação política e estatística, as fronteiras temporais definidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2019) para a adolescência são entre os 10 e 19 anos de idade, tendo-se optado por, no presente trabalho, adotar este referencial para delimitar as fronteiras cronológicas da adolescência.

No que se refere às dimensões do desenvolvimento que sofrem transformação durante a adolescência e às principais tarefas desenvolvimentais que esta etapa encerra, a literatura aponta as esferas física, cognitiva, social, moral, psicossexual, vocacional e identitária como as que são palco de mudanças mais expressivas, e como estando sinergicamente ligadas entre si. Entre as mudanças ocorridas, as mais óbvias são as do foro físico. Os estudos na área indicam que, tipicamente, as raparigas amadurecem cerca de um ano e meio mais cedo do que os rapazes, processo conhecido como o *intervalo de maturidade* (Wigfield, Lutz & Wagner, 2005).

Tal como refere Tsagem (2022), o conhecimento acumulado em torno do desenvolvimento adolescente sugere a divisão desta etapa em três fases nucleares: (i) a pré-adolescência (normalmente entre os 8 e os 12 anos); (ii) a adolescência média ou, simplesmente, “adolescência” (entre os 12 e os 15 anos); e (iii) a adolescência tardia (15-19 anos).

A pré-adolescência corresponde às fases iniciais da puberdade. Nesta, ambos os sexos experimentam um crescimento físico significativo e um aumento do interesse sexual. Tais mudanças acentuam as diferenças na aparência dos sexos masculino e feminino (e.g. desenvolvimento dos seios nas raparigas e a mudança de voz e pelos faciais nos rapazes), verificando-se que as raparigas de estatura média são geralmente mais altas e mais pesadas do que o rapaz médio. No final da adolescência, o quadro inverte-se, passando os rapazes a superar as raparigas em altura, peso e força.

Na 1ª fase (pré-adolescência), a estrutura óssea começa a crescer de maneira rápida e desigual. Em termos do aparelho reprodutor, as meninas poderão ter o seu primeiro período menstrual – a menarca -, e

nos rapazes ocorre um aumento dos testículos. Estas mudanças corporais podem inspirar curiosidade e/ou ansiedade entre os púberes - especialmente se não souberem o que esperar ou o que é normal ocorrer com o seu corpo. Na esfera cognitiva, dá-se lugar ao início da transformação do pensamento infantil (operações concretas) para o pensamento adolescente (operações formais) ocorre de forma gradual, sendo que, nos primeiros anos, as capacidades para pensar e raciocinar podem parecer altamente variáveis, oscilando entre um pensamento muito desenvolvido e um pensamento relativamente imaturo (Sprinthall & Collins, 2008).

Na adolescência média, a puberdade completa o seu processo, verificando-se uma desaceleração do crescimento físico entre as raparigas (mais precocemente iniciado), tendo agora, a sua maioria, períodos menstruais regulares. Entre os rapazes ocorre o desenvolvimento da massa muscular, dá-se o aparecimento da acne facial e a voz pode sofrer mudanças drásticas. Nesta idade, muitos adolescentes despertam o seu interesse pelas relações românticas e pela sua sexualidade. Podem questionar e explorar a sua identidade sexual, o que para alguns pode ser uma experiência particularmente stressante se não tiverem o apoio a nível da compreensão, respeito e tolerância dos pares, família ou comunidade.

Por último, na fase final da adolescência, é atingida a altura máxima, e as formas do corpo tornam-se próximas das de um adulto. Por outro lado, as desproporções que poderiam ocorrer na primeira fase da adolescência desaparecem, dando lugar a uma aparência mais harmoniosa, com as dimensões dos membros mais proporcionais (Sprinthall & Collins, 2008; Tsagem, 2022). As evidências empíricas recolhidas em torno do desenvolvimento físico adolescente revelam também que os rapazes que apresentam maior robustez física tendem a colher benefícios no desporto e no estatuto social que o sucesso no desporto traz (Coakley, 2011; Turkay & Yetim, 2018). Os rapazes de maturação mais lenta – que frequentemente se destacam menos no desporto e noutras áreas de vida (por terem um aspeto mais infantil ou menos “viril”) enfrentam, por vezes, ridicularização e outras formas de estigma social dos seus pares (Wigfield, Lutz & Wagner, 2005). Inversamente, entre as raparigas, a mudanças físicas que emergem no início da transição pubertária, especialmente para as raparigas em amadurecimento precoce (e.g., menarca ocorrendo substancialmente mais cedo do que nas suas companheiras; com o aspeto físico de uma mulher adulta mas ainda funcionando como uma menina em termos emocionais, psicosssexuais, identitários), poderão ocorrer situações de rejeição da parte das companheiras da mesma idade, e sintomas depressivos (McGuire et al., 2019).

Por seu lado, na esfera cognitiva, as mudanças ocorrem também de modo expressivo. Segundo Jean Piaget (1973), é nesta etapa que ocorre a transição do *pensamento concreto* para o *pensamento formal*, sendo o raciocínio abstrato uma das aquisições mais significativas. Tal aquisição traduz-se, por exemplo, na capacidade de pensar de forma especulativa e flexível sobre os objetos e situações à sua volta; de testar hipóteses como parte do processo de resolução de problemas; de se projetar no futuro; ou, de pensar sobre os seus próprios pensamentos e sobre os dos outros. Decorrente da maturação cognitiva ocorrida, verificam-se igualmente ganhos ao nível do conhecimento de si próprios e dos outros, bem como na relação com estes últimos, tornando-se os adolescentes mais capazes de refletir sobre si próprios e sobre a sua maneira de ser; de tomar a perspetiva dos outros; e reconhecer que as ideias, os pontos de vista, ou os interesses dos outros podem ser diferentes dos seus (Sprinthall & Collins, 2008).

Na esfera relacional numa etapa onde, como nunca outra, o grupo de pares assume grande importância, a relação com o mesmo funciona como um mecanismo de apoio para reforçar valores e qualidades comuns, reconhecer normas e processos sociais, e proporciona oportunidades únicas de descoberta e exploração de novas competências sociais, designadamente a escuta, a empatia ou a capacidade de gestão de conflitos. É também no âmbito da relação com os pares que poderão emergir as relações de intimidade, no seio dos quais poderá surgir o amor, a cumplicidade, a confiança mútua ou o sentimento de pertença (Aydoğdu, 2021).

No que se refere à identidade adolescente, o desenvolvimento de um sentido coerente de si próprio representa também uma tarefa nuclear desta fase, sendo, inclusive, assumida por vários autores como uma das mais importantes (e.g. Bosma & Kunnen, 2001; Erikson, 1968; Marcia, 1966). Definida por Erik Erikson como a conceção que o indivíduo tem de si próprio - composta por valores, crenças e objetivos com os quais o indivíduo está fortemente comprometido -, a construção da identidade implica a resposta a questões como “Quem sou eu?”, “Quais são os valores que me guiam?”, “Qual o rumo que quero dar à minha vida?” ou “Qual o meu papel da Sociedade?” (Crocetti, 2017; Sprinthall & Collins, 2008). Neste processo de busca por respostas, determinados eventos de vida, transições e/ou experiências significativas podem desempenhar um papel crucial na construção da identidade adolescente. Segundo Schoen-Ferreira e colaboradores (2003), tal processo é o resultado da influência de diversos fatores, designadamente: (i) fatores de ordem intrapessoal (e.g. as capacidades – inatas - do indivíduo e as suas características de personalidade – adquiridas); (ii) fatores interpessoais (relação e identificação com outras pessoas); e (iii)

fatores de ordem cultural (e.g. valores sociais a que se encontra exposto). Segundo Branje (2022), o desenvolvimento de uma identidade bem “resolvida” tem lugar no seio de relações familiares e amigáveis de qualidade, no âmbito das quais têm lugar processos narrativos construtivos. Kimmel e Weiner (1998; cit. por Schoen-Ferreira et al., 2003) afirmam, também, que quanto maior o sentido de identidade do indivíduo, maior a valorização do quão é parecido ou diferente dos demais, e mais claramente reconhece as suas qualidades e limitações, e encontra o seu lugar na sociedade (Crocetti, 2017). Inversamente, dizem Kimmel e Weiner, quanto menor o sentido de identidade, maior a sua dependência relativamente à opinião dos outros para se poder avaliar (i.e.; saber “quem é”). Nestes casos, é também menor a compreensão, pelo indivíduo, das outras pessoas como sendo distintas de si.

A esfera moral é também palco de significativas mudanças durante a adolescência, estando as mesmas largamente associadas às transformações ocorridas ao nível do desenvolvimento cognitivo e social. Segundo Sprinthall e Collins (2008), esta é uma dimensão crucial do desenvolvimento interpessoal, e que envolve essencialmente aspetos relacionados com a ética e a justiça (social e pessoal), como o valor da vida, a liberdade de expressão ou o cumprimento de leis. Cortina (1997, p. 18) parte da assunção de que *“Toda a pessoa humana é inevitavelmente moral”* e, debruçando-se sobre a sua função afirma que os *“permitem-nos “acondicionar” o mundo para que possamos viver nele plenamente como pessoas”* (p.80). Para a autora, os valores são qualidades reais que qualificam determinadas pessoas, ações, situações, sistemas, sociedades ou coisas, podendo estes ser positivos (e.g., beleza, justiça e igualdade, saúde, bem-estar), ou negativos (e.g. desigualdade, injustiça, inutilidade ou enfermidade). Para além desta classificação mais dualista, Cortina (1997) propõe uma outra reportada a vários aspetos ou dimensões da experiência humana, a saber:

- Valores sensíveis: prazer/dor; alegria/pena.
- Valores úteis: capacidade/incapacidade; eficácia/ineficácia.
- Valores vitais: saúde/doença; força/fraqueza.
- Valores estéticos: bonito/feio; harmonioso/caótico; elegante/vulgar.
- Valores intelectuais: verdade/falsidade; conhecimento/ignorância.
- Valores morais: honestidade/desonestidade; solidariedade/indiferença; liberdade/escavidão.
- Valores religiosos: sagrado/profano.

Centrando-se especificamente nos valores morais, e comparando as palavras "ética" e "moral" em grego (*ethos*) e latim (*mos*), Cortina explica que ambas significam praticamente a mesma coisa, razão pela qual as pessoas geralmente as utilizam como sinónimos, ou seja: caráter e costumes. Assim, como diz a autora, “Ambas as expressões se referem, no final, a um tipo de conhecimento que nos guia na forja do nosso próprio carácter e que nos permite enfrentar a vida à medida da estatura humana” (Cortina, 1997; p. 41).

Obviamente, conclui a autora, “Nem os indivíduos nem as sociedades nascem com uma consciência já feita, mas sim, vão moldando-se através de um processo de aprendizagem que abrange tanto a sua própria biografia como a sua história” (Cortina, 1997; p. 57), enfatizando a ideia de que os valores não são estáticos nem no indivíduo, nem nas sociedades, sofrendo alterações ao longo dos tempos e do ciclo de vida dos indivíduos. Neste processo estão presentes, e de forma interligada, aspetos emocionais, sentimentais e cognitivos.

1.3. Teorias do desenvolvimento moral

1.3.1. *As teorias seculares*

Numa tentativa de mapear estes aspetos e o modo como se interligam entre si e vão mudando ao longo dos tempos (individuais e históricos), vários modelos explicativos foram surgindo no âmbito da Psicologia, aquelas a que R. Murray Thomas (1997), na sua obra “Moral Development Theories – Secular and Religious” chamou de “teorias seculares”. Neste livro, o autor procede a um estudo comparativo de vários modelos do desenvolvimento morais quais, segundo o autor, são, “em essência, uma tentativa de explicar como os indivíduos adquirem valores morais e como tais valores ajudam a orientar a forma como essas pessoas tratam outras pessoas” (Thomas, 1997, p. 1).

Dos vários modelos alvo de comparação no estudo de Thomas (1997), realçam-se, pela sua relevância para o presente trabalho, a (1) Teoria de Atribuição, a (2) Teoria Cognitivo-estruturalista e a (3) Teoria da Cognição Social cujos contributos serão em seguida apresentados.

A Teoria de Atribuição, que teve como pioneiro F. Heider (1958) e notáveis desenvolvimentos feitos por E. E. Jones and K. E. Davis (1965), H. H. Kelley (1971, 1972, 1992), K. G. Shaver (1975) e B. Weiner (1974, 1980) explora as características individuais e do ambiente social que concorrem para a forma como as pessoas pensam e agem em situações morais. Para Heider (1958), as pessoas são como psicólogos

naïves tentando dar sentido ao mundo social e, nesse sentido, duas ideias principais saem desta teoria: atribuições de disposição (causa interna) versus atribuições situacionais (causa externa). A atribuição de disposição atribui a causa de comportamento a alguma característica interna da pessoa (e.g. seus traços de personalidade, habilidades, inteligência, estatuto social, consciência, intenção/motivação e capacidade empática). Por seu lado, as atribuições situacionais ou ambientais, correspondem às situações em que se atribui a causa do comportamento do indivíduo a alguma situação ou acontecimento externo à pessoa e, por isso, fora do seu controlo de uma pessoa (e.g. sorte/azer; pressão social; expectativas dos outros em relação ao próprio; coerção).

Para Heider (1958), a consciência é o repositório dos valores morais de uma pessoa, a qual abarca um conjunto internalizado de regras ou padrões sociais que ditam os “deves” ou “não debes fazer” das relações humanas. Adicionalmente, segundo o autor, para algumas pessoas os valores morais também dizem respeito às relações entre o indivíduo e um ou mais seres sobrenaturais (e.g., Deus para os cristãos e judeus; espíritos de antepassados falecidos para os confucionistas e xintoístas). Quando as pessoas violam as normas sobre o que pensam que devem fazer, “sentem-se mal”, “sentem-se culpadas” ou “envergonhadas”. Em contraste, quando cumprem as normas, “sentem-se bem” ou “sentem-se orgulhosas”. Em resumo, segundo Heider, a consciência é composta tanto por princípios morais como por emoções e funciona tanto como um estimulador ou inibidor de ações.

Do ponto de vista desta teoria, o desenvolvimento moral é um processo que ocorre durante todo o período de vida e pode ser dividido em 4 estágios (desde a infância até aos 21 anos). No estágio da adolescência, aquele que nos interessa desenvolver aqui, Thomas (1997) refere que com o advento da puberdade, os jovens entram na “idade da razão”, assinalada por ritos de passagem como forma de pertença a uma igreja ou sinagoga e ao desenvolvimento de temas complexos e abstratos no currículo escolar. Contudo, os adolescentes com menos de 18 anos de idade ainda são identificados como menores, e a violação da lei é julgada nos tribunais de menores em vez de tribunais penais para adultos. Os seus nomes são ocultados da imprensa pública, de modo a não incorrer numa má reputação e são detidos em centros de detenção de menores em vez de em prisões para adultos. Com efeito, são ainda considerados como candidatos promissores para a reabilitação moral.

Por seu lado, a Teoria Cognitivo-Estruturalista - decorrente das propostas do psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) e pelo psicólogo americano Lawrence Kohlberg (1927-1987) – assume que “Toda a

moralidade consiste num sistema de regras, e a essência de toda a moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por estas regras" (Piaget, 1965; cit. por Thomas, 1997, p. 13). Segundo Piaget, o sentido de “certo” ou “errado” não é inato. Os indivíduos adquirem, em grande parte, as regras morais a partir das interações entre o indivíduo e o meio, surgindo os contextos que compõem este segundo elemento da “equação” (o meio) como promotores ou inibidores da formação positiva de valores, podendo igualmente conduzir à sua estagnação prematura ou não exercendo qualquer influência (Sprinthall & Collins, 2008). Existem, no entanto, segundo os defensores desta teoria, certas propensões morais (e.g. tendência para a retribuição ou equidade) que são parte da natureza biológica do indivíduo, podendo estas ser posteriormente melhoradas ou diminuídas pelas experiências do indivíduo na sua interação com o mundo (Thomas, 1997). Posteriormente, Lawrence Kohlberg (1984), baseado no modelo do desenvolvimento Moral de Piaget, desenvolve a seu próprio modelo – a Teoria do Desenvolvimento Moral - apresentando uma visão estruturada do desenvolvimento moral da criança, do adolescente e do adulto. Segundo Kohlberg (cit. por Sprinthall & Collins, 2008), são três os níveis de raciocínio moral, cada qual representando uma forma distinta de relação do sujeito com as regras e com as normas sociais (i.e. diferentes modos de definir o que é justo/injusto): o pré convencional, convencional e pós convencional. Cada um destes níveis de raciocínio moral abarca, por sua vez, dois estágios (num total de seis), a saber:

I. Nível pré-convencional

Estágio 1 - Obediência e orientação para evitar o castigo.

Estágio 2 - Orientação egoísta e instrumental para a satisfação de desejos.

II. Nível convencional

Estágio 3 - Orientação determinada por Expetativas Mútuas Interpessoais, Relações e Conformidade Interpessoais (“Estádio da boa reputação”)

Estágio 4 - Orientação para a manutenção da ordem social.

III. Nível pós-convencional

Estágio 5 - Orientação legalista (jurídico-contratual).

Estágio 6 - Orientação para princípios éticos universais.

No período da adolescência, segundo Kohlberg, os indivíduos evoluem no sentido da compreensão de assuntos morais mais complexos. Alguns deles adotam ideais filosóficos que influenciam as suas decisões morais e ficam aptos a subscrever movimentos sociais que apresentam preceitos religiosos e éticos. No final da adolescência, são capazes de igualar o raciocínio moral dos adultos, mas numa percentagem residual (Sprinthall & Collins, 1994, cit. por Thomas, 1997). O mais comum é que encontremos os adolescentes, predominantemente, no estágio 3 do nível convencional. Neste o lema é: “É preciso ajudar os outros, agradar-lhes e obter a sua aprovação”. Ou seja; segundo Kohlberg, o comportamento do adolescente é externamente orientado, estando este essencialmente preocupado com a opinião e com a satisfação das expectativas das pessoas que são mais importantes para si: os pares. Assim, para o adolescente, a noção de bem/mal depende das reações dos outros em termos de aprovação/desaprovação, orientando o seu comportamento no sentido de agradar e obter a aprovação e aceitação do grupo, bem como de manter boas relações com os seus diferentes membros (Sprinthall & Collins, 2008).

Numa fase mais tardia, podemos encontrar, pontualmente, alguns adolescentes no estágio 4. Neste o lema é: “Cumprir o dever, respeitar a autoridade e manter a ordem”, sendo o comportamento moral do adolescente dirigido pelo próprio, de maneira racional, tomando por referência as leis da sociedade. Neste estágio, já está capaz de compreender que existe uma lei; que existem regras e que é necessário funcionar de acordo com as mesmas. Assim, o adolescente passa a experienciar um sentimento de lealdade relativamente às leis e às normas e a identificar-se com as pessoas, instituições ou grupos que são o garante das mesmas. Segundo Kohlberg, a orientação do juízo moral dos indivíduos que se encontram neste estágio passa a ser determinada pela autoridade, pelas regras fixas e pela manutenção da ordem social, avaliando estes os seus comportamentos e dos outros como “moralmente adequados” se em conformidade com um conjunto de regras; se cumprindo o seu dever; e, em respeito pela autoridade (Sprinthall & Collins, 2008).

Por fim, a Teoria da Cognição Social - da qual Albert Bandura (1991) é um dos autores de referência - está alicerçada em quatro pressupostos, a saber:

1. Os valores morais e comportamento dos indivíduos não são inatos, nem evoluem naturalmente ao longo dos anos. Em vez disso, são aprendidos durante os encontros sociais da sua vida quotidiana;
2. Valores morais e formas de comportamento podem ser aprendidos quer através da participação direta, quer simplesmente através de observação de transações sociais;

3. De entre a multiplicidade de valores e formas de comportamento que o indivíduo experimenta, a decisão sobre quais adotar e quais evitar é determinada pela natureza das consequências que se seguem a cada interação social. Ou seja; quando estas expressões de valor ou formas de atuação são recompensadas, a tendência é o indivíduo adotá-la. Inversamente, quando têm consequências desagradáveis ou indesejadas (ou não têm consequências aparentes) estas são rejeitadas/não adotadas pelo indivíduo.
4. O desenvolvimento moral é um processo gradual, feito diariamente através da acumulação e refinamento dos próprios valores e formas de atuação. Ou seja, este não ocorre de forma faseada, com um avanço súbito, seguido de um período de relativamente nenhuma alteração até que ocorra outro avanço súbito, mas, sim, de modo gradual e contínuo.

As fontes do comportamento moral desta teoria resultam de uma combinação de fontes racionais (cognitivas) e irracionais (afetivas). As três fontes racionais mais importantes são (i) os valores morais (convicções acerca do “bom” e do “mau”); (ii) as considerações prudenciais (crenças sobre como um comportamento observado pode influenciar o nosso próprio bem-estar, levando à sua aceitação ou rejeição); e (iii) as técnicas de proteção do ego (uma espécie de racionalização que consiste em justificar um comportamento que parece ser uma violação de um valor moral). Por outro lado, a principal fonte irracional do comportamento moral são as emoções fortes – o medo, a raiva, luxúria, vergonha, afeto, simpatia -, que podem alterar ou mitigar a capacidade de se ser racional em decisões morais.

Adicionalmente, a Teoria da Cognição Social reconhece a necessidade de as pessoas terem valores morais e a necessidade de ter a maioria, se não todos, os valores adotados pela sociedade verificando-se que, a maioria das pessoas adotam os valores dominantes da sua cultura particular, através de um processo de aprendizagem social. A Teoria reconhece também que podem existir diferenças nos valores morais normativos entre uma sociedade e outra, o mesmo acontecendo entre indivíduos de uma mesma sociedade.

Diz-nos Thomas (1997) que, contrariamente às teorias anteriores, os defensores da Teoria da Cognição Social concebem o desenvolvimento moral e desenvolvimento dos comportamentos do indivíduo como tendo lugar num processo que ocorre durante as transações entre este e o seu meio social e não propriamente através de sucessivos estádios de raciocínio moral. Para além do mais, rejeitam a ideia postulada pelas outras teorias de que as etapas do raciocínio moral são comuns a todas as crianças, e que o seu desenvolvimento moral ocorre de forma idêntica de uma cultura para outra. Thomas- refere, no

entanto, que embora os defensores da Teoria da Cognição Social rejeitem a noção de estágios de desenvolvimento moral, estes assumem que existem certas universalidades comuns durante o desenvolvimento moral. Ou seja, segundo a sua perspectiva, o desenvolvimento moral abrange os primeiros 25 anos de vida, e divide-se por 6 segmentos. No presente trabalho optou-se por focar apenas no segmento referente ao período da adolescência (12 a 17 anos), uma vez que reportado ao grupo etário que é alvo do presente trabalho. Assim, segundo a Teoria da Cognição Social, o raciocínio e o comportamento moral na adolescência são determinados por:

- Diferenciação de necessidades - A necessidade de aprovação pelos pares e o interesse pelos seus impulsos sexuais aumentam e podem levar a comportamentos destinados à aceitação, mas que podem entrar em conflito com a sociedade tradicional, bem como com as regras e valores familiares;
- Maturidade intelectual - que gera um aumento da compreensão de questões morais complexas. Nesta fase alguns adolescentes adotam ideais filosóficos que influenciam as suas decisões morais e os levam a subscrever movimentos sociais que apresentam preceitos religiosos e éticos. No final da adolescência, são capazes de níveis de raciocínio moral comparados aos dos adultos;
- Crescimento físico - As mudanças corporais - que acentuam as diferenças na aparência dos sexos - podem afetar o comportamento moral, por exemplo, motivando os adolescentes a comprometerem-se com atos antissociais em resposta à rejeição, provocação ou sedução de pares (Ketterlinus & Lamb, 1994, cit. por Thomas 1997);
- Interiorização de valores - O conteúdo e o poder da consciência continuam a expandir-se, de tal modo que o comportamento dos adolescentes é cada vez mais guiado por valores morais internalizados, substituindo a relevância dada às recompensas ou às punições imediatas do seu comportamento (Pritchard, 1991, cit. por Thomas, 1997).
- Diferenciação de emoções: As emoções associadas a impulsos sexuais e aprovação pelos pares (afeto, ressentimento, medo de rejeição, alegria, tristeza) assumem maior importância em julgamentos e comportamentos durante encontros morais;
- Capacidade de antecipar consequências: Como resultado da sua melhor capacidade de raciocínio e da acumulação de experiências, os adolescentes estão mais bem equipados do que as crianças para preverem o tipo de consequências que podem esperar para determinados comportamentos que envolvam situações morais.

1.3.2. *As teorias religiosas*

Para além das “teorias seculares” do desenvolvimento moral, Thomas apresenta, na sua obra, uma visão de desenvolvimento moral baseada nas teorias religiosas, que são, em contraste, independentes do conhecimento científico, mas, em alternativa, oferecidas como produtos de revelação ou inspiração divina. Como tal, as teorias religiosas incluem assuntos como forças cósmicas invisíveis e uma vida espiritual que se estende para além da duração da vida física, e da lógica empirista da ciência (Thomas, 1997). De referir que, embora Thomas analise, na sua obra, uma variedade significativa de religiões e suas respetivas fontes de evidência e valores morais, para efeitos desta dissertação, é apenas explorada, a doutrina Cristã, baseada nos ensinamentos de Jesus Cristo. Importa, contudo, realçar que existem hoje várias denominações Cristãs, sendo a Igreja Católica Apostólica e Romana a mais conhecida, referindo, no entanto, o autor o contributo de outras denominações, conhecidas como Protestantes e que são tidas em conta na sua análise.

A fonte básica de evidência sobre a qual a teoria Cristã de desenvolvimento moral é construída é a Bíblia Cristã. Grande parte dos valores morais ensinados provêm da Bíblia¹ que contém os mandamentos básicos de Jesus Cristo. A determinada altura, quando questionado “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?” (Marcos 12:28), Jesus respondeu:

Amarás, pois, ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento.

E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes (Marcos 12:30 – 31).

Parece que, segundo Thomas (1997) este tipo de declaração acerca da moralidade Cristã não consiste em seguir um determinado conjunto de regras específicas, mas antes, significa ser guiado pelo amor a Deus e pela humanidade. Isto torna a moralidade Cristã num tipo de ética situacional ou contextual. Uma vez que nenhuma lista de regras detalhadas pode acomodar adequadamente as condições de cada situação que surja na vida de qualquer cristão, é necessário que as pessoas utilizem os princípios morais gerais para responder sabiamente aos diversos episódios morais que encontram. Contudo, no discurso do

¹ Bíblia Sagrada por João Ferreira de Almeida (Edição revista e corrigida)

Sermão da Montanha (Mateus 5), Jesus inclui um conjunto de virtudes e admoestações que poderão de alguma forma providenciar pistas mais precisas sobre comportamento moral:

E Jesus, vendo as multidões, subiu a um monte, e assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos;

E abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo:

Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra;

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;

Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia;

Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus;

Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo.

Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério.

Eu vos digo, porém, que qualquer que olhar para uma mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela.

Ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente.

Eu vos digo, porém, que não resistais ao homem mau; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra;

Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo.

Eu vos digo, porém: Amai vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem;

Segundo Thomas (1997), ao longo dos séculos, sempre surgiram conflitos entre os conservadores e as forças modernistas presentes no seio da Igreja em relação aos preceitos morais que devem orientar a vidas dos fiéis. Os conservadores têm tido tendência a aderir estrita e literalmente ao conteúdo do cânone bíblico e, por seu lado, os modernistas têm procurado ajustar os preceitos aos dias de hoje, para se acomodarem às correntes de mudança social.

O Mundo Cristão moderno é caracterizado por uma multiplicidade de denominações que subscrevem, em comum, preceitos tão básicos como aquele que é ensinado por Cristo (*amar a Deus e amar a humanidade*) e a crença na vida após a morte. No entanto, as denominações diferem frequentemente numa variedade de assuntos relacionados com valores e comportamento moral. Por exemplo, certas denominações cristãs são nitidamente contra a contraceção, aborto, homossexualidade, e diferem muito em relação ao papel da mulher nos assuntos da Igreja.

Importa aqui realçar, que, embora a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (IJCSUD), seja uma igreja de raiz totalmente cristã, e como tendo em comum muito dos mesmos preceitos referidos por Thomas (1997), esta difere em grande parte na composição das suas fontes sagradas. Os membros da IJCSUD reconhecem como cânone escriturístico, para além da Bíblia Cristã, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convénios e Pérola de Grande Valor, acrescentando esta especificidade um conjunto de regras comportamentais importantes para o desenvolvimento moral dos seus membros. Por exemplo, encontramos no livro de Doutrina e Convénios, uma seção específica sobre saúde, conhecida como Palavra de Sabedoria, na qual os membros são convidados a viver segundo um código de saúde que implica o não consumo de bebidas alcoólicas, tabaco, café, chá preto e drogas ilícitas. Os membros da IJCSUD são também incentivados a ingerir, sempre que possível, ervas, frutas e vegetais, cereais e, com parcimónia, carne de animais.

Em seguida, e tomando as normas morais que pontuam os comportamentos dos membros da IJCSUD busca-se o seu cruzamento com as teorias seculares anteriormente apresentadas (a Teoria de Atribuição, a Teoria Cognitivo-estruturalista e a Teoria da Cognição Social) e sua aplicação ao desenvolvimento moral e à religiosidade adolescente, bem como à sua correlação com os comportamentos de risco mais comuns nesta etapa do desenvolvimento humano (tópicos centrais da componente empírica desta dissertação): o *Bullying* e *Cyberbullying*, o tabagismo e o consumo de álcool e de drogas ilícitas. Proceda-se, primeiramente, ao mapeamento dos principais fatores de risco, logo seguido da identificação dos fatores de proteção desta etapa do desenvolvimento humano.

1.4. Comportamentos de risco na adolescência: Fatores de risco e proteção

Wigfield, Lutz e Wagner (2005) - centrados no estudo das funções mentais superiores -, afirmam que, na adolescência, paradoxalmente, o córtex pré-frontal (a parte do cérebro responsável pelo funcionamento

mental superior) amadurece, mas, é também durante esta etapa que muitos rapazes e raparigas se envolvem em comportamentos de risco (e.g., sexo desprotegido ou o uso de drogas ou álcool). Dizem estes autores que, embora este paradoxo ainda não tenha sido totalmente esclarecido, sabe-se hoje, no âmbito da neurobiologia (por recurso à ressonância magnética funcional), que, no cérebro adolescente, ocorre uma mudança estrutural sináptica considerável, bem como um aumento de neurotransmissores e alterações hormonais que podem ser a causa das mudanças de humor que afetam muitos destes indivíduos. Há também evidências que ligam as hormonas a "aumentos específicos da puberdade na procura de sensações - com a sua relevância para uma vasta gama de comportamentos de risco emergentes na adolescência" (Dahl & Hariri, 2005, p. 372).

Em seguida procede-se à exploração dos conceitos de fatores de proteção, fatores de risco e de resiliência, logo seguidos da descrição dos comportamentos de risco mais comumente identificados durante a adolescência bem como os fatores de risco e de proteção identificados como estando associados a cada um deles.

1.4.1. *Fatores de risco*

De acordo com Deković (1999) ou Sprinthall & Collins (2008), sendo a adolescência um período em que ocorrem inúmeras mudanças a nível interno e externo, é expectável a existência de uma expressiva relação dinâmica entre fatores de risco e de proteção à medida que o indivíduo "viaja" pela experiência da adolescência. Definindo fatores de risco como as "...condições ou variáveis associadas à alta probabilidade de ocorrência de resultados negativos ou indesejáveis" Reppold e colaboradores (2002; cit. por Maia, 2005, p. 92) fazem alusão à sua forte associação a uma maior probabilidade de comportamentos problemáticos, tido por Costa (2019) como aqueles que podem comprometer a saúde, o bem-estar ou o desempenho social do indivíduo". Tal como refere os anteriores autores, os fatores de risco podem ser externos (e.g. doença mental de um dos pais, parca rede social, pobreza) ou internos (e.g., baixo QI, vulnerabilidade genética); e podem ora ter efeitos prolongados e/ou intensos, ora ser temporários e passíveis de ser alterados ou de desaparecer (e.g., desemprego).

Entre os adolescentes, os fatores de risco consistentemente encontrados em diferentes estudos incluem baixa aspiração educacional e baixa autoestima (Luthar, 1993; Rutter, 1987). Tendo em conta que as mudanças que ocorrem nos ambientes geram também alterações nos fatores que afetam o

desenvolvimento dos indivíduos, na adolescência, a maior independência concedida ao adolescente, e a ampliação das influências externas à família, especialmente as que advêm do grupo de pares, surgem, na literatura, como potentes preditores de problemas comportamentais nesta fase. Entre eles, os ambientes que expõem o adolescente a amigos que modelam comportamentos desviantes (e.g. uso de drogas, violência, *Bullying*, alcoolismo e tabagismo) são os maiores geradores de problemas.

1.4.2. Fatores de proteção

Quanto aos fatores de proteção, estes incluem um conjunto de recursos pessoais, sociais e institucionais que modificam os efeitos do risco numa direção positiva e que fomentam a competência e promovem o desenvolvimento bem-sucedido. Tais efeitos representam, na adolescência, potenciais geradores de resultados positivos e redutores da probabilidade de envolvimento em comportamentos problemáticos. Como refere Costa (2019), à semelhança dos fatores de risco, os fatores de proteção também podem ser internos, abarcando características individuais (e.g., inteligência, autoeficácia, capacidade de *coping*) ou externas (e.g., apoio parental, mentoria por parte de um adulto, organizações comunitárias que promovam o desenvolvimento positivo), fornecendo as condições de crescimento, de proteção e de fortalecimento das crianças e dos adolescentes (Schenker & Minayo, 2005).

Embora os fatores de risco estejam associados a comportamentos problemáticos, também é verdade que nem todos os adolescentes que crescem em circunstâncias adversas desenvolvem estes problemas. Os adolescentes deste último grupo - rotulados como "resilientes" -, fazem ajustes satisfatórios apesar da sua exposição à adversidade. Segundo Rutter (1987) e Luthar (1993), a resiliência destes indivíduos – definida por Baldwin e colaboradores (1993) como a capacidade “para enfrentar o desafio e usá-la para o crescimento psicológico...e para superar obstáculos” (p. 743) – é considerada como uma característica importante, que permite ao adolescente lidar com desafios e problemas típicos desta etapa desenvolvimental de uma maneira construtiva, podendo funcionar como fator de proteção e impulsionador de estratégias de *coping* mais adaptativas.

1.5. Bullying e Cyberbullying

De acordo com o documento *Uniform Definitions for Public Health and Recommended Data Elements* (2014), o *Bullying* “representa qualquer ato de agressão indesejada cometido por um agressor individual ou por um grupo de abusadores ... envolvendo desequilíbrio de poder a favor dos culpados”

(Gladden, 2014, p.7). Conforme descrito na literatura, existem vários tipos de *Bullying*: físico, verbal, emocional ou psicológico, sendo que, de acordo com um estudo de 2018 da Organização Mundial da Saúde (OMS), envolvendo 227.441 estudantes, de 45 países, com 13 e 15 anos de idade, 10% e 6% dos alunos, respetivamente, relataram ter sofrido ou perpetrado *Bullying* pelo menos duas vezes ou três vezes nos dois meses anteriores ao estudo. Este é um fenómeno presente, principalmente, em contexto escolar e que tem impacto negativo - a nível psicológico, social e académico - em todos os envolvidos (Gini & Pozzoli, 2009).

Mais recentemente, e em resultado do desenvolvimento das tecnologias de informação, bem como da proliferação de redes sociais em plataformas digitais, um novo tipo de *Bullying* emergiu: o *Cyberbullying*. Segundo os estudiosos deste fenómeno mais específico (e.g. António et al, 2020; Hymel & Swearer, 2015; Smith, 2019), o *Cyberbullying* consiste na utilização das tecnologias de informação para ameaçar, assediar ou vitimizar outra pessoa de maneira constante e intencional. Alguns dos números mais atuais relativos à incidência do *Cyberbullying*, apontam para uma subida para 13% da vitimização e 10% para a perpretação do mesmo (Inchley et al., 2020). Em período análogo ao estudo de Inchley e colaboradores, em Portugal, em plena Pandemia por Covid-19, Antonio e colaboradores (2020) realizaram uma pesquisa envolvendo 485 estudantes, com idades entre os 16 e 34, de todos os distritos de Portugal. Os resultados do estudo permitiram concluir que, entre a amostra estudada, “mais de 60% dos estudantes foi vítima de *Bullying online* por mais de uma situação durante o confinamento provocado pela pandemia, período em que as aulas decorreram virtualmente”. Segundo os autores, mais de ¼ dos participantes assumiu que praticou *Bullying* e apontou “a diversão, a vingança e a necessidade de afirmação como motivações para a agressão”. Por seu lado, aqueles que foram vítimas de *Cyberbullying* “apresentaram maiores níveis médios de consequências psicológicas, comparados com os restantes estudantes e mais de metade dos estudantes considera que existiu um aumento de mensagens e conteúdo prejudicial e violento *online* durante a pandemia” (António et al., 2020, p.2-3, 19). Os autores deste estudo apontam o fecho das escolas e, em consequência, a transferência das aulas e das interações sociais entre adolescentes exclusivamente para o regime *online*, como os tendo deixado mais vulneráveis e expostos ao fenómeno do *Cyberbullying*.

1.6. Tabagismo e consumo de álcool

De acordo com os números da Comissão Europeia (2021), o consumo de tabaco, na União Europeia, é responsável por mais de 700 mil mortes por ano, sendo que, em termos de escala mundial, sinalizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2018, 2020) como responsável pela morte anual de mais de oito

milhões de pessoas. Segundo esta mesma entidade esta corresponde uma das substâncias aditivas mais consumidas a nível mundial (OMS, 2008, 2017). Por seu lado, o *Global Report on Trends in Prevalence of Tobacco Smoking*, alusivo ao período 2000-2025, dá conta de uma tendência para a redução mundial do consumo tabágico, continuando, no entanto, a ser uma das principais causas de morte em todo o planeta.

De acordo com a Fundação Portuguesa de Cardiologia (2014), em Portugal, cerca de 20 a 26% da população fuma, com predomínio de três homens e meio para cada mulher. Quanto ao seu impacto em termos de saúde pública este é apontado como altamente prejudicial uma vez que se encontra na origem da diminuição da qualidade e duração de vida dos seus consumidores, e sendo responsável por 25 a 30% da totalidade dos cancros, 80% dos casos de doença pulmonar crónica obstrutiva, 90% dos casos do cancro de pulmão e 20% da mortalidade por doença coronária. Tem ainda a agravante de ser um fator de risco não apenas para o fumador, mas, também, para todos aqueles que se encontram frequentemente expostos ao fumo passivo.

Entre os adolescentes, e reportando-nos ao trabalho de Lavado e Calado (2019) que aludem aos resultados do último estudo sobre o consumo de álcool, tabaco, drogas e outros comportamentos aditivos e dependências – Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências (ECATD-CAD), em 2019, realizado pelo Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e das Dependências – SICAD, a 26.319 alunos de 734 escolas do ensino público localizadas em Portugal, tendo por base a aplicação do questionário do *European School Survey Project on Alcohol and other Drugs*, os resultados indicam que o álcool é a principal substância psicoativa consumida entre a população em estudo e, mesmo tratando-se de inquiridos esmagadoramente abaixo de 18 anos – a idade mínima legal de consumo –, a grande maioria (68%) já ingeriu uma bebida alcoólica ao longo da vida. O tabaco é a segunda substância psicoativa mais consumida pelos alunos dos 13 aos 18 anos, embora se assista a uma clara tendência de decréscimo do consumo de tabaco de combustão (cigarros ditos tradicionais), a percentagem de alunos que fumaram alguma forma de tabaco alguma vez na vida é de 38%, enquanto 29% fizeram-no no último ano e 18% no último mês.

À escala mundial, segundo o relatório da OMS de 2018, o álcool é a substância psicoativa com maior prevalência de consumo em todo o mundo, com mais de 150 milhões (26,5%) de consumidores adolescentes (15 – 19 anos), sendo as taxas europeias as mais altas do mundo. Segundo Valim e colaboradores (2017) e Urbán e colaboradores (2022), os adolescentes que consomem bebidas alcoólicas

de uma forma excessiva estão mais predispostos a envolverem-se em comportamentos de risco, encontrando-se, pois, mais vulneráveis a acidentes, atos de violência e contração de infecções sexualmente transmissíveis. Para além do mais, apresentam resultados académicos mais baixos quando comparados com outros estudantes não consumidores de álcool.

Brown (2004), ao explorar que fatores poderão concorrer para que o envolvimento ou não do adolescente em comportamentos de risco verificou que, embora a pressão dos pares esteja presente, as evidências provenientes de vários estudos levam a que se discorde da visão simplista de que são estes que representam, sobretudo, “a” má influência. Tendo procedido à revisão de vários estudos, o autor concluiu que um dos principais fatores que pode influenciar um adolescente a participar, ou não, em grupos com comportamentos desviantes está relacionado com a qualidade da relação com os seus progenitores e com as práticas parentais. Ou seja, um adolescente que viva numa família disfuncional (e.g. violência doméstica, consumo de drogas ou alcoolismo) está mais propenso a se “refugiar” em grupos que expressem o mesmo tipo de comportamentos (Wigfield, Lutz & Wagner, 2005).

Carlson e Lewis (1988; cit. por Thomas, 1997) fazem também alusão ao papel determinante que os meios de comunicação e as redes sociais têm no comportamento adolescente. Segundo os autores, estes oferecem modelos de comportamento que prometem popularidade, gratificação sexual e emoções fortes modelos esses que, frequentemente, entram em contradição com os valores e padrões tradicionais da sociedade (macrossistema), da família ou outros microssistemas frequentados e valorizados pelo adolescente (e.g. grupos estruturados a que pertence – como os escuteiros ou um grupo desportivo - ou as comunidades eclesiais de que faz parte).

Quanto aos fatores de proteção, Brito e colaboradores (2015), apontaram a não frequência de contextos recreativos propensos ao consumo de bebidas alcoólicas, possuir conhecimentos e crenças acerca do consumo e valores morais ou religiosos como particularmente importantes. A estes, outros estudos - alargando o seu foco também ao consumo tabágico adolescente -, acrescentam como fatores de proteção a presença, entre os adolescentes, de uma noção individual dos riscos associados ao consumo de tabaco e de álcool, bem como a ausência de consumos excessivos entre os pais e o veicular, pelos mesmos, de informação adequada sobre os seus riscos e malefícios (Louro, 2020; Precioso et al., 2011).

CAPÍTULO II

2. A RELIGIOSIDADE

2.1. Religiosidade e Espiritualidade: os conceitos

De acordo com Cotton e colaboradores (2006), os termos mais frequentemente utilizados na literatura científica sobre religião/espiritualidade são "Religiosidade" e "Espiritualidade", termos muitas vezes usados como sinónimos, mas que, na realidade, são diferentes na sua definição e significado, e que reúnem em torno de si, na comunidade científica, considerável discordância e inconsistência.

No que se refere à palavra “espiritual”, esta tem origem na palavra latina *spiritual*, que significa *soprar* ou *respirar*, dar vida à alma (Victor & Treschuk, 2019). Vários foram os pensadores que, ao longo do tempo, procuraram definir Espiritualidade, definição essa que é abstrata e subjetiva, e com muitas suposições. De entre as definições propostas por vários autores mais recentes destaca-se, no presente trabalho, a de Barber (2019), que assume a Espiritualidade como “*um caminho de busca da verdade*”. Por seu lado, para Farinha e colaboradores (2018), esta refere-se à consciência de que existe algo sagrado, a partir de valores e conceitos particulares de cada indivíduo. Nesta mesma linha, Cotton e colaboradores (2006) propõem que a Espiritualidade seja definida como a expressão interna, pessoal e emocional do Sagrado, e como sendo medida pelo bem-estar espiritual (sentido de propósito de vida e bem-estar em relação a um poder, ser, ou realidade maior do que o próprio *Eu*), pela paz e conforto derivados da fé, ligação espiritual e do *coping* espiritual (confiança nas crenças espirituais e ensinamentos em tempos de dificuldade e na gestão de eventos da vida). Florczak (2010) e Fowler (2017), por seu lado, assumem a Espiritualidade como representando uma interligação de algo além do próprio indivíduo e que está conectado a algo dentro de si mesmo.

Quanto à interpretação e vivência do plano espiritual, Yeşilçinar e colaboradores (2018) fazem alusão à existência de inúmeras diferenças entre os indivíduos, podendo a Espiritualidade ser vivida por cada um de maneiras distintas, quer através da prática de uma determinada religião, quer fora de um sistema religioso organizado, ou, ainda, através de uma mistura de diferentes tradições religiosas e filosóficas (Burkhart & Hogan, 2008; Lavorato et al., 2018).

Procurando definir Religiosidade, Cotton e colaboradores (2006) assumem este conceito como podendo ser pensado como a expressão formal, institucional e exterior do Sagrado, e medida por variáveis como a

importância da religião, crença em Deus, a frequência dos serviços religiosos, frequência das orações e/ou da meditação. Na mesma linha, Farinha e colaboradores (2018) assumem-na como uma atividade desenvolvida coletivamente, que engloba um sistema de crenças, dogmas e práticas definidas ou pré-estabelecidas. Na mesma linha, Tomass (2012) refere que para que possa haver identificação religiosa é necessário que os membros sigam um certo conjunto de regras que regem o comportamento do grupo.

Quanto às diferenças entre os conceitos de Espiritualidade e Religião, o conceito de Religião é mais restrito, e é muitas vezes definido como um conjunto de atividades religiosas em busca de orientação espiritual. Por seu lado, a espiritualidade requer experiência e mudanças emocionais, envolvendo a Religião a codificação e conceptualização dessa experiência (Tomass, 2012).

2.2. Liberdade religiosa e os grupos minoritários religiosos em Portugal

2.2.1. O direito à liberdade religiosa

A liberdade de consciência, de religião e de culto é um direito humano, funcional e fundado na dignidade da pessoa humana, um dos pilares da Constituição portuguesa. Esta está igualmente consagrada nos textos internacionais de direitos humanos (Declaração Universal dos Direitos Humanos – art.º 18.º; Pacto Internacional sobre os Direitos Cívicos e Políticos – art.º 18.º; Carta das Nações Unidas – art.º 55.º, alínea c); Convenção Europeia para a Protecção dos Direitos Humanos e das Liberdades Fundamentais – art.º 9.º; Carta Social Europeia Revista – art.º E.) e na grande maioria das Constituições atuais (Lopes, 2016). Refira-se, no entanto, que tal como relata Lopes (2016), “Ainda que a história da religião se confunda com a história da humanidade, o direito à liberdade religiosa é uma realidade recente. Se quisermos falar de etapas embrionárias do direito à liberdade religiosa, podemos recuar ao início do séc. XVI e ao movimento da Reforma Protestante; à Paz de Augsburgo; à Paz de Vestefália; ao Édito de Nantes; ao Act of Toleration. Períodos de consolidação do direito à liberdade religiosa estão representados pela Constituição dos Estados Unidos da América (1787) que previa que “The Senators and Representatives ... shall be bound by Oath or Affirmation, to support this Constitution; but no religious Test shall ever be required as a Qualification to any Office or public Trust under the United States”; na Declaração francesa dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789) e na Primeira Emenda (Amendment I) da Constituição dos Estados Unidos que explicitamente consagra a liberdade religiosa: “Congress shall make no law respecting an establishment of religion, or prohibiting the free exercise thereof” (Lopes, 2016, p. 5).

Em Portugal, as várias Constituições da Monarquia (1822-1910) proclamavam a religião Católica Apostólica e Romana como a religião da nação portuguesa reconhecendo apenas “aos estrangeiros o exercício particular dos respetivos cultos. R, outubro de 19710, aquando da instauração da República, a Constituição estabelece formalmente a separação entre a Igreja e o Estado, contudo, esta relação predomina até à revolução de 25 de Abril de 1974 (Lopes, 2016). Dois anos depois, na versão inicial do art.º 41.º da Constituição de 1976, declarava-se inviolável a “liberdade de consciência, religião e culto”. Cerca de 25 anos volvidos, em 22 de junho de 2001, foi publicada a Lei da Liberdade Religiosa (Lei nº16/2001), a qual permanece em vigor até aos nossos dias e, que tem como objetivo fundamental “nivelar os direitos individuais e coletivos dos cidadãos e das instituições religiosas, através da aproximação dos direitos das sensibilidades minoritárias aos da Igreja maioritária no País.” (ACM-Alto Comissariado para as Migrações, IP & Grupo de Trabalho para o Diálogo Inter-religioso (GT DIR), 2021).

2.2.2. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (IJCSUD) em Portugal

De acordo com o site oficial d' A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em Portugal, a história da instituição começa no início dos anos 70, através de alguns integrantes das Forças Armadas americanas, que se encontravam em bases militares do país. As primeiras reuniões de carácter regular da Igreja, são dirigidas por militares, nomeadamente por John C. Peterson e Steven Lindsay. Com a queda do Governo Salazarista e a declaração da “liberdade de consciência, religião e culto”, a Constituição portuguesa passa a reconhecer outras entidades religiosas para além da religião Católica Apostólica e Romana, criando-se as condições para que a Igreja entre em Portugal. Pouco depois, dá-se a visita do Presidente Spencer W. Kimball e David M. Kennedy, representantes especiais da Primeira Presidência, que recebem garantias de que a Igreja poderia entrar no país. Em agosto de 1974, um membro da Igreja, Ray Caldwell, é designado pelo Governo do Canadá como primeiro secretário da embaixada em Lisboa, sendo as primeiras reuniões da Igreja realizadas na casa da família Caldwell.

Em novembro de 1974, o Presidente William Grant Bangerter - mais tarde um membro da Presidência dos Setenta (um dos órgãos de governo da Igreja) - chega a Lisboa para presidir a recém-criada Missão Portugal Lisboa. Quatro missionários são transferidos de diferentes missões do Brasil, para iniciarem o trabalho no país. A primeira reunião pública realiza-se no dia 19 de janeiro de 1975, numa sala do Hotel Roma, em Lisboa (*A Igreja Em Portugal*, 2013).

A missão principal da IJCUD é ajudar todas as pessoas a conhecerem e assumirem compromissos (convénios) com Jesus Cristo. As pessoas que aceitam estes convénios são convidadas a viver uma vida de serviço cristão de ajuda ao próximo e de cuidado para com os mais desfavorecidos e necessitados.

A IJCUD tem mais de 30 mil congregações, em mais de 160 países, e territórios com quase 17 milhões de membros. Em cada congregação - liderada por líderes eclesiais não remunerados - os membros são convidados a servirem, a ensinarem e a orientarem-se uns aos outros através de várias organizações e estruturas divididas por faixas etárias e distintos propósitos. Atualmente, existem em Portugal mais de 45,000 membros, organizados em 7 Estacas (regiões), com mais de 60 congregações por todo o país, incluindo os arquipélagos dos Açores e da Madeira. A 2 de outubro de 2010, foi anunciada a construção de um templo na cidade de Lisboa e, em agosto de 2019, o templo é terminado, sendo um dos principais marcos da história da IJCSUD em Portugal.

Para atingir os seus propósitos, a IJCSUD partilha a sua mensagem através de um programa de serviço missionário, onde cerca de 55.000 jovens missionários (entre os 18 e 25 anos de idade) servem uma missão de proselitismo por um período de 18 ou 24 meses.

Por outro lado, a Igreja fornece aos seus membros recursos e programas de ensino religioso em mais de 110 idiomas. É proprietária e gere várias universidades (nos EUA) e tem um programa educacional religioso (Seminários e Institutos de Religião) para jovens e jovens adultos presente em mais de 170 países, com uma média de matrículas próxima das 400 mil/ano.

Os membros da IJCSUD acreditam que Joseph Smith, sob a orientação de Deus, organizou a Igreja em 6 de abril de 1830 e que, posteriormente, traduziu um antigo registo escrito por profetas que viveram no continente americano e que ensinaram e testificaram a respeito de Jesus Cristo. Esse registo antigo é conhecido como O Livro de Mórmon e, tal como a Bíblia, é para os membros da IJCSUD um outro testamento de Jesus Cristo (A Igreja em Portugal, 2013; A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2021).

2.3. A intervenção junto dos jovens SUD

2.3.1. Programas de desenvolvimento espiritual, social, intelectual e físico

De acordo com o *documento Crianças e Jovens da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias - Guia de Apresentação para Pais e Líderes* (IJCSUD, 2019), os principais objetivos da intervenção destinada aos membros adolescentes da IJCSUD são dar a conhecer e a compreender as doutrinas, valores

e princípios da Igreja, e proporcionar-lhes experiências que lhes permitam crescer espiritualmente, assimilando esses valores, estabelecendo compromissos com Deus e cumprindo, através da prática, na sua vida quotidiana, os princípios e doutrinas estabelecidos.

Estes propósitos são firmados de várias maneiras, por intermédio de diferentes iniciativas e programas oferecidos pela Igreja, e que passam, por exemplo, pela participação, desde crianças, num programa educacional religioso. Especialmente dirigido aos seus membros adolescentes a Igreja oferece um programa de desenvolvimento pessoal, abarcando quatro áreas principais - espiritual, social, intelectual e física - no âmbito das quais, quer os adolescentes quer as suas famílias. De referir que, no seio da Igreja, cada pessoa, família e congregação é vista de um modo único e especial, podendo cada família, classe ou unidade da Igreja adaptar os seus programas de acordo com as necessidades encontradas. No caso das crianças e adolescentes, considerando a variabilidade existente em termos da sua trajetória desenvolvimental a recomendação é que a qualidade e quantidade das metas estabelecidas, bem como os recursos despendidos, sejam determinados de acordo com as características e necessidades individuais e dos recursos e circunstâncias locais. Assim, salvo algumas exceções, a partir dos 14 anos (e até aos 18), o ensino religioso passa a ser feito através de um programa formal conhecido como “Seminário”. Desenvolvido como um programa escolar, o Seminário implica a frequência de um curso anual, com uma aula diária de cerca de 50 minutos, que decorre paralelamente ao calendário escolar “normal”. Cada ano escolar corresponde a um curso religioso. Ao final de 4 anos, os alunos - se cumprirem com os requisitos académicos estabelecidos -, recebem um diploma de formatura religioso (*Manual Geral: Servir a IJCSUD*, 2021).

No que se refere às áreas de desenvolvimento social, intelectual e físico, estas são coordenadas por estruturas locais, sob orientação de modelos mundiais, e traduzem-se, por exemplo, em: atividades de serviço comunitário; conferências de jovens (multitemáticas); acampamentos; o programa Especialmente para a Juventude (conhecido nos Estados Unidos como “FSY” - *For The Strenght of Youth*), um evento anual desenvolvido pela Igreja portuguesa e que ocorre durante uma semana. A Escola Dominical é mais uma das iniciativas destinadas aos adolescentes, e consiste na formação de turmas de ensino religioso que tem lugar aos domingos.

Quanto ao impacto destes programas, o estudo desenvolvido por Hilton III e Sweat, em 2017, no qual 216 jovens SUD, com idades entre os 18 e os 30 anos de idade, foram entrevistados, e fizeram uma avaliação do seu percurso durante a adolescência na Igreja, revelou que o Seminário corresponde ao

programa que maior impacto espiritual tem entre os adolescentes, contribuindo para que estes aprendam e apliquem os ensinamentos da Igreja. Estes dados são coerentes com outros estudos (Sweat, 2011; Hilton III & Sweat, 2015) que creditam o programa do Seminário como uma poderosa fonte de força espiritual para os adolescentes da IJSUD. Igualmente significativo é o impacto espiritual dos acampamentos e do FSY, este último mencionado por 50% dos participantes entrevistados no estudo de Hilton III e Sweat como dos espiritualmente mais impactantes. Inversamente, o menos mencionado dos programas é a Escola Dominical.

Quando questionados sobre qual o professor, dos vários programas da Igreja, que teve o maior impacto espiritual nas suas vidas, os professores do Seminário são mencionados com maior frequência, correspondendo àqueles que os jovens descrevem como estando bem preparados, sendo respeitosos e convidativos, tendo aprendido os nomes dos alunos e encontrado maneiras de lhes mostrar que os amavam e se preocupavam com eles. Um outro aspeto igualmente valorizado pelos jovens entrevistados foi a importância de acolherem bem, não repreendendo, e procurando integrar e acompanhar de forma igualmente atenta e acolhedora os alunos que faltavam com maior frequência ou que não estavam tão envolvidos nas aulas.

2.3.2. A vida religiosa dos jovens SUD vs. outras comunidades religiosas

Num estudo realizado em 2009 pelos sociólogos Christian Smith e Melinda Denton, de Chapel Hill (Smith & Denton, 2009) - Universidade da Carolina do Norte (EUA) foram avaliados 3.370 adolescentes norte-americanos, de várias religiões, relativamente a diversas variáveis espirituais e religiosas, em torno da sua vida religiosa. Os resultados deste estudo, foram relatados no livro *Soul Searching*, revelando que os jovens SUD estavam altamente envolvidos e comprometidos com a sua fé. Adicionalmente, o estudo verificou que:

- Os adolescentes SUD são os mais propensos a ter uma religião e crenças semelhantes às dos seus pais;
- 70% dos adolescentes SUD vão à igreja pelo menos uma vez por semana;
- Os adolescentes SUD são os que maior importância dá à sua fé como mediadora e influenciadora de decisões importantes na sua vida;
- Os adolescentes SUD são um dos grupos que oram com mais frequência;
- Os adolescentes SUD são dos que mais se envolvem em grupos religiosos de jovens e são os mais propensos a reivindicar serem líderes dos seus grupos;

- Famílias de adolescentes SUD parecem conversar mais sobre assuntos religiosos e espirituais;
- Os adolescentes SUD, Protestantes negros e Protestantes conservadores tendem a orar/rezar mais com os pais;
- 23 % dos adolescentes SUD são mais propensos a expressar a sua fé com frequência na escola;
- 83 % dos jovens SUD relataram esperar frequentar a mesma comunidade de fé quando tiverem 25 anos e relataram a menor percentagem (2%) de todos os grupos ao dizer que esperavam frequentar “um tipo diferente de congregação”;
- Os jovens SUD parecem ter internalizado um conjunto de valores e práticas religiosas que estão relacionados com a participação menos frequente em atividades de risco (Smith & Denton, 2005).

2.4. Desenvolvimento moral e religiosidade: o seu papel nos comportamentos de risco adolescente

Tal como anteriormente explorado, a moralidade diz respeito à forma como os indivíduos se tratam uns aos outros, como desenvolvem um sentido de cuidado e justiça, e como lidam com as suas próprias experiências emocionais, por exemplo em situações de conflito social (Kohlberg, 1984; Malti et al., 2021; Sprinthall & Collins, 2008; Thomas, 1997). Malti e colaboradores (2021) assumem o período da adolescência como fornecendo uma janela de estudo essencial sobre o desenvolvimento moral e ético, ao longo da qual ocorre um movimento de crescente complexidade e de passagem do egocentrismo para a descentração de si próprio.

Partindo da evidência de que a vida em sociedade implica que as pessoas regulem os seus pensamentos, sentimentos e ações em função de regras, normas e valores sociais (Kohlberg, 1984; Sprinthall & Collins, 2008), e que os contextos sociais dos adolescentes mudam à medida que estes se despedem da infância e abraçam novos “mundos” (e.g. grupos de amigos e relacionamentos românticos), Malti e colaboradores (2021) caracterizam esta transição como encerrando oportunidades únicas para o desenvolvimento de interações que moldam as motivações, valores e emoções do adolescente. Segundo os autores, essas mudanças contribuem para o desenvolvimento de uma identidade mais diferenciada, incluindo o “Eu” moral.

Procurando explorar o papel que a religiosidade poderá ter no maior ou menor envolvimento dos adolescentes em comportamentos de risco, Ozorak (1986) parte da asserção de que, por norma, as pessoas,

na sua vida, procuram recompensas e evitam custos. Citando, Stark e Bainbridge (1980) - que sugerem que a religião está equipada de uma forma única para oferecer certos tipos de recompensas – Ozorak enfatiza, entre tais recompensas, a salvação espiritual; a explicação ou informação sobre o propósito da vida, ou sobre como as coisas ocorrem e com que objetivo acontecem. Reportando-se ao que essa informação poderá representar para os adolescentes, Ozorak atribui-lhe o potencial significado de recompensa, uma vez que nesta etapa da sua vida encontram-se em plena busca do seu “Eu” e do seu propósito de vida (Frankl, 1959; cit. por Ozorak, 1986). Ozorak refere também que a filiação religiosa permite uma partilha de identidade social, com efeitos poderosos na autoestima dos indivíduos, e proporcionando um meio para o intercâmbio de apoio social. A este propósito o autor afirma que, obviamente, os grupos religiosos não são os únicos a oferecer apoio social, mas, estes detêm duas vantagens fundamentais: (i) o apoio de outros membros faz parte do código ético do grupo, tornando menos provável a rejeição (aspeto de importância acrescida na adolescência), e, nalgumas religiões (em particular entre as de génese cristã), (ii) os grupos religiosos oferecem a possibilidade de um tipo de intimidade emocional com o divino.

Enfatizando a filiação religiosa como funcionando como um fator de proteção na adolescência, Amey e colaboradores (1996) e Lerner e Galambos (1998), descreveram o papel profilático da religião no consumo de drogas durante a adolescência. Em conformidade com estes, outros autores (e.g., Donahue & Benson, 1995; Wallace & Forman, 1998; Yarnold, 1998) constataram, nos seus estudos, que os adolescentes religiosos são menos suscetíveis de estarem envolvidos em comportamentos de consumo de marijuana e esteroides, bem como na condução sob o efeito do álcool. Donahue e Benson (1995) e McBride e colaboradores (1996) verificaram, ainda, a existência de outros comportamentos adolescentes como sendo também alvo da influência protetora da religião, prevenindo, entre outros, o abuso de substâncias nocivas ou promovendo uma maior adesão a programas de abstinência. Os autores referem também a menor probabilidade de os jovens religiosos se envolverem em sexo pré-marital.

O conteúdo religioso está embutido nas experiências vividas dos adolescentes que navegam nos seus contextos de vida (Bronfenbrenner e Morris, 1998). De acordo com Abo-Zena and Rana (2020), uma abordagem contextual inclui desenvolvimento relacional de sistemas, pois fornece uma estrutura abrangente que destaca as relações bidirecionais entre os diferentes níveis dos sistemas em desenvolvimento (Lerner et al. 2015). Esses contextos de desenvolvimento incluem o indivíduo inserido em diferentes relações de socialização, principalmente os pais (Berns, 2015) mas também incluindo relacionamentos com colegas

(Brown 2004) e mentores religiosos e espirituais (Schwartz et al. 2006). A adolescência também se desenvolve em contextos particulares, como espaços proximais no lar, grupo de jovens, congregação, bem como influências mais distantes, como sociedade mais ampla e políticas públicas e percepções que privilegiem ou desprezem a partir de múltiplos eixos identitários (Abo-Zena e Ahmed 2014). A religião e a espiritualidade proporcionam aos jovens diferentes fontes de esperança, ideais, crenças morais, normas comportamentais e visões de mundo por meio de textos, orações, rituais e papéis modelos através da natureza coletiva da religião e influenciam o curso do desenvolvimento da identidade durante adolescência (Roeser et al. 2008; Smith e Denton 2005). Os jovens desenvolvem sua personalidade dentro das normas de seu ambiente social e cultural; portanto, a religião é uma construção importante na identidade da juventude (Erikson, 1968). Famílias e comunidades são estruturadas dentro de contextos culturais, históricos, e tradições religiosas, que ajuda os jovens a ter um sentimento de pertencimento social, encontrar significado e propósito em sua vida, aumentar a autoestima e compreensão e contribuir para moldar as identidades dos jovens (Ashmore et al. 2004; Ho & Ho, 2007).

2.5.A Religiosidade como fator protetor

Mediante os múltiplos desafios e tarefas desenvolvimentais presentes na da adolescência, a afiliação e o suporte religioso e espiritual são apontados por Sinha e colaboradores (2007) e Crosby e Smith (2015) como estando associados a ganhos em várias áreas do desenvolvimento, designadamente ao nível do comportamento pró-social dos seus protagonistas, ou seja; da internalização de um conjunto de valores como a igualdade, a solidariedade, a generosidade, o diálogo e a tolerância, e que se traduzem em comportamentos como a cooperação, a ajuda ao outro, doação ou compartilhamento (Roberts & Strayer, 1996).

No caso da criança, Crosby e Smith (2015) afirmam que a percepção de um Deus presente e compreensivo tem uma forte associação a fatores emocionais, podendo, por exemplo, orar a Deus em tempos de aflição providenciar um conjunto de recursos espirituais que reduzem o seu sofrimento emocional. Para além do mais, crianças que percecionam Deus como Amor tendem a responder a este amor obedecendo aos ensinamentos religiosos, vivendo a sua obediência como sendo parte do seu sentido de devoção. Dizem, também, Crosby e Smith (2015) que quando as crianças são acolhidas por uma boa rede de apoio religioso ou espiritual e quando experimentam, na sua Igreja, momentos amigáveis, recetivos e amorosos, é mais provável que estas percecionem Deus como sendo amoroso e amigável. Da mesma forma,

as evidências recolhidas por estes autores descrevem as crianças que detêm a capacidade de ver Deus como real e presente, e como amoroso e amigável, têm maior propensão para desenvolver comportamentos pró-sociais e para assumir uma maior responsabilidade pelo seu próprio comportamento.

Por sua vez, na adolescência, a participação regular de jovens em programas religiosos é apontada por Sinha e colaboradores (2007) e Crosby e Smith (2015) como estando associada a inúmeros ganhos em termos do seu desenvolvimento espiritual e moral, bem como em termos emocionais e relacionais. Destes são exemplo o estabelecimento de modelos de comportamento e relacionamento positivos, a aquisição de habilidades escolares e de trabalho, a diminuição de fatores emocionais negativos, o desenvolvimento de atitudes altruístas e a perceção de que a crença em Deus aumenta a esperança e satisfação com a vida.

Para tais ganhos parecem concorrer, por exemplo, alguns códigos de conduta estabelecidos no seio de várias instituições religiosas, designadamente no que se refere ao consumo de álcool aplicando normas que não só promovem o controlo de comportamentos, mas assumem um papel na proteção da saúde dos seus seguidores. Entre umas o apelo vai no sentido do consumo moderado de álcool (e.g., o catolicismo e as religiões orientais) noutras, impõem-se a abstinência (e.g. Islão, IJCSUD e mais denominações protestantes conservadoras).

A este propósito, Koenig e seus colaboradores (Koenig, 2008; Koenig et al., 2012) apresentam um modelo de associação entre religião e saúde, sugerindo várias funções que a religião poderá assumir junto desta última. Em primeiro lugar, tal como anteriormente referido, a religião fornece indicações específicas relativamente aos comportamentos de consumo de álcool, sugerindo um consumo regrado ou mesmo a sua proibição, promovendo a saúde e o bem-estar do seu grupo de fiéis. Em segundo lugar, o envolvimento religioso está associado a ligações sociais que oferecem maior quantidade e qualidade de apoio social, o que provavelmente aumenta a capacidade de resistência ao envolvimento em comportamentos de risco. Terceiramente, a religião é apontada pelos autores uma das principais fontes de *coping*, providenciado sentido e oferecendo esperança e conforto, especialmente em circunstâncias difíceis (Koenig, 2008; Koenig et al., 2012).

2.6.0 papel da religiosidade nos comportamentos de risco dos adolescentes

No que se refere especificamente aos comportamentos de risco na adolescência e ao papel que a religião poderá assumir na sua prevenção, de entre os autores que têm dedicado os seus investimentos a

esta área, é unânime a constatação de que existe uma correlação negativa entre ambos (Cotton et al., 2005; Coutinho, 2019; Santos, A., 2015; Sinha et al., 2007). De notar, ainda, que, apesar de ainda poucos os estudos que procuram averiguar a relação entre variáveis de cariz religioso e espiritual e os comportamentos de risco adolescentes, a literatura - nacional e internacional - dá conta de um crescente interesse pela investigação em torno desta problemática a partir do início do século XXI.

De entre os primeiros estudos deste período mais “investido” destaca-se o de Sinha e colaboradores (2007), realizado em 2000, no contexto norte americano, envolvendo um grupo de 2004 adolescentes, com idades compreendidas entre os 11 e 18 anos de idade. Neste, os autores concluíram que os adolescentes que manifestam uma perceção positiva sobre a religião e que são ativos na adoração e na participação em atividades religiosas revelam menores comportamentos de risco em termos de consumo de álcool, tabaco, evasão escolar e uso de marijuana.

Pouco tempo depois, em 2004, no Brasil, Dalgarrondo e colaboradores (2004) realizaram um estudo envolvendo 2287 estudantes dos 2º e 3º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, no qual encontraram resultados que consistentes com os anteriormente descritos e com os de outros estudos ainda reportados à realidade do século XX (e.g., Baumrind & Moselle, 1985; Amoateng & Bahr, 1986; Miller L., Davies M., Greenwald, S., 2000): o da presença de uma correlação negativa entre variáveis religiosas (filiação, frequência e compromisso religioso) e o consumo de drogas entre adolescentes. De relevar, ainda, a constatação de que a ausência de uma educação religiosa, ou uma relação pouco expressiva com a mesma durante a infância, estavam marcadamente associadas a um uso mais significativo de drogas na adolescência (Dalgarrondo et al., 2004).

Em 2013, Neighbors e colaboradores, focando-se especificamente no consumo de álcool, concluíram que a relação entre este e as normas sociais percebidas (grupos ou de irmandades, motivos para beber, expectativas em relação ao álcool e avaliação dos efeitos do álcool) são moderadas pelo envolvimento e compromisso religioso. Partindo das evidências existentes em termos da relação positiva entre o consumo de álcool e a influência dos pares (e.g., Chawla et al., 2007; Perkins, 2002) Neighbors e colaboradores aludem ao papel mediador que fatores como as redes sociais, os valores, atitudes, e os objetivos e significado de vida poderão assumir nestes processos, exacerbando ou atenuando esta associação. Por exemplo, entre os adolescentes que atribuem um alto nível de importância à religiosidade existe a tendência para se aproximarem e estabelecerem amizade com outros cuja religiosidade também ocupa um lugar significativo

na sua vida. Por outro lado, referem os autores, ao promover códigos de conduta dissuasores do consumo de álcool relativamente ao consumo de álcool, a religião diminui indiretamente a motivação para beber.

Num estudo um pouco mais recente, da autoria de Santos e colaboradores (2015), no Brasil, averiguou-se de forma mais ampla, qual a associação entre prática religiosa e comportamentos de risco para a saúde, designadamente o baixo nível de atividade física, consumos (de álcool, tabaco e/ou drogas ilícitas) e comportamentos sexuais de risco. O estudo envolveu um total de 6.264 adolescentes com afiliação e prática religiosa (independentemente da religião professada), e idade compreendida entre os 14 e os 19 anos. A partir dos dados deste estudo os autores concluíram “que a religiosidade, independentemente da religião, mostrou-se associada à proteção aos comportamentos de risco à saúde neste grupo de adolescentes” (p.294).

Corroborando os dados anteriores no que toca, especificamente, ao consumo de drogas ilícitas, Gmel e colaboradores (2013), no estudo desenvolvido junto de 5990 jovens suíços do sexo masculino, verificaram que a religiosidade ou espiritualidade (relativa, respetivamente, a indivíduos afiliados ou não afiliados a uma Igreja específica) pode atuar como fator de proteção em relação ao uso de drogas ilícitas.

Adicionalmente, Barton e colaboradores (2012), ao avaliarem as práticas religiosas dos pais, as suas próprias práticas religiosas e os comportamentos desviantes e emocionais de 491 adolescentes e jovens adultos com idades entre os 18 e os 22 anos, constataram que a sua religiosidade do medeia de uma forma positiva a relação entre a religiosidade dos pais e os resultados de saúde do adolescente, designadamente ao nível do consumo de drogas ilícitas e de álcool, bem como da depressão.

Igualmente focados no papel que a religiosidade dos pais poderá ter numa maior ou menor propensão para os filhos adolescentes se envolverem em comportamentos de risco, os estudos de Blakeney e Blakeney (2006), Cotton e colaboradores(2006); Sinha e colaboradores,(2007), todos eles reportados ao contexto norte americano, sugeriram que os adolescentes religiosos e/ou com pais religiosos são menos propensos a se envolverem em comportamentos de risco (designadamente o uso de drogas ilícitas ou álcool, e experiências sexuais precoces ou inseguras).os resultados (Por exemplo, no já anteriormente mencionado estudo de Sinha e colaboradores (2007) verificou-se que a importância atribuída pelos adolescentes à religião, a sua participação em cultos e em grupos religiosos de jovens, contribuíam significativamente para explicar a variação dos resultados em seis comportamentos de risco: tabagismo, consumo de álcool, evasão

escolar, atividade sexual desprotegida ou precoce, uso de drogas ilícitas e depressão. Os dados deste estudo apontam a percepção da religião como mais importante e comportamentos religiosos mais frequentes como sendo, geralmente, bons preditores do menor envolvimento destes adolescentes em comportamentos de risco. Os autores do estudo referem que tal não significa que os jovens religiosos não se envolvem neste tipo de comportamentos, mas, sim, –que, comparativamente aos adolescentes menos ativos nesta área, a probabilidade de consumos (de substâncias lícitas e/ou ilícitas), evasão escolar, atividade sexual e depressão é menor.

Por sua vez, e já mais recentemente, Farinha e colaboradores (2018), num estudo exaustivo de revisão integrativa da literatura (em inglês, português ou espanhol), abrangendo os artigos primários publicados entre 2012 e 2017, onde espiritualidade, religiosidade e qualidade de vida de adolescentes aparecem correlacionados, os autores identificaram a prevalência de três temáticas centrais. “1) Favorecimento e fortalecimento da espiritualidade e religiosidade em adolescentes; 2) Repercussões da espiritualidade e religiosidade referentes ao enfrentamento situacional; e 3) Influência da espiritualidade e religiosidade na qualidade de vida dos adolescentes” (p.570). Os autores concluíram que, de acordo com os trabalhos analisados, parece haver uma correlação positiva entre as três áreas estudadas e a capacidade de enfrentar situações negativas, bem como da qualidade de vida. Ou seja; quanto maiores os níveis de espiritualidade e religiosidade entre os adolescentes, maiores os seus níveis de saúde. Segundo as evidências recolhidas por este grupo de estudiosos, o bem-estar espiritual e a atividade religiosa - incluindo a meditação, oração, leitura espiritual, e/ou a participação em reuniões na igreja -, estão correlacionados com percepções mais positivas da sua própria saúde. Assim, Farinha e colaboradores (2018), pessoas mais espiritualizadas ou religiosas sofrem menos problemas físicos de saúde, recuperam mais rápido e sentem menos stresse nos casos de doenças graves.

Na mesma linha, e igualmente investidos numa meta-análise (envolvendo 16 estudos realizados nos EUA, entre 2008 e 2018), Russel e colaboradores (2020) verificaram que a religiosidade durante a adolescência produz efeitos protetores em relação ao consumo de álcool e drogas ilícitas. Assumindo a religiosidade como um constructo multidimensional - englobando crenças pessoais, compromissos, práticas e comportamentos públicos -, os autores concluíram que, à semelhança de Faria e colaboradores, a religiosidade tem um forte efeito protetor sobre o consumo de álcool, existindo uma correlação negativa entre estas duas variáveis, ou seja; à medida que a religiosidade aumenta, o consumo de álcool decresce.

Na esfera interpessoal, um estudo eslovaco - envolvendo 762 adolescentes, 52,2% dos quais do sexo masculino e com média de idades de 15 anos -, verificaram a presença de uma correlação negativa entre o bem-estar espiritual e comportamentos de *Bullying*. Ou seja; os adolescentes que relataram um nível mais elevado de bem-estar espiritual exibiam menos comportamentos de intimidação junto dos seus pares (Dutkova et al., 2017).

CAPÍTULO III

3. COMPONENTE EMPÍRICA

3.1. Formulação do Problema

Tal como foi possível constatar na revisão da literatura anteriormente encetada, apesar do crescente investimento, nas duas últimas décadas, em termos da investigação sobre a relação entre a religiosidade e os comportamentos de risco do adolescente, esta é uma realidade que ainda carece de algum aprofundamento e extensão, nomeadamente no nosso país e tomando eventuais especificidades na relação existente entre estas variáveis consoante a própria confissão religiosa em estudo. Partindo da experiência empírica do autor - para quem estes dois temas se cruzam -, e da necessidade de, no âmbito das responsabilidades assumidas no seio da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (IJCSUD), conhecer em maior profundidade de que forma é que, no âmbito desta comunidade, a religiosidade dos seus membros adolescentes se assume, ou não, como um fator protetor de alguns comportamentos de risco neste grupo etário, foi desenhado um estudo onde os fenómenos de *bullying*, *cyberbullying*, consumo de álcool e tabagismo se assumiram como alvo. Acreditando que a religião poderá surgir na vida destes adolescentes como uma dimensão central do seu desenvolvimento moral e ético, social e identitário, partiu-se da hipótese mais genérica de que, à semelhança do observado noutros estudos – nacionais e internacionais - também no seio da IJCSUD quanto maior a relevância atribuída pelos adolescentes desta comunidade à sua religiosidade (traduzida em termos de importância dada à participação nos rituais e atividades promovidos no seio da Igreja, e à frequência dos mesmos - em número e variedade) menores são os seus comportamentos de risco ao nível dos consumos de álcool e tabaco e o seu envolvimento em fenómenos de *bullying* ou *cyberbullying* (no papel de agressor e/ou vítima). Uma outra hipótese do estudo aponta no sentido da existência de uma correlação positiva entre a religiosidade destes adolescentes e alguns comportamentos em torno da sua vida escolar, nomeadamente à importância atribuída à escola, ao apoio experienciada na relação com os colegas e a sua perceção relativamente ao nível de envolvimento dos pais/encarregados de educação na sua vida académica.

3.2. Objetivo Geral

Mediante o anteriormente exposto, pretende-se, através do presente estudo, averiguar se existem associações entre o nível de religiosidade de um grupo de adolescentes da IJCSUD e: (1) o envolvimento em

situações de bullying e cyberbullying (no papel de vítima e/ou agressor); (2) o consumo de álcool; (3) o consumo de tabaco ; e, (4) o seu comportamento na escola (em termos de assiduidade, relacionamento com os colegas e percepção do nível de envolvimento dos seus encarregados de educação na sua vida escolar).

3.3. Objetivos específicos

Na eventualidade de se confirmar a existência de uma associação entre (a) o nível de religiosidade (nas dimensões de crença e participação) e os comportamentos de risco dos adolescentes que participaram no estudo, e (b) a sua religiosidade e respetivo comportamento escolar, procurar-se-á, mais especificamente:

(i) Averiguar qual o tipo (positivo ou negativo) de relação existente entre (a) e (b); (ii) qual a intensidade dessa relação (baixa, média ou alta); e (iii) se existem diferenças nesta relação consoante as variáveis independentes sexo e idade.

3.4. Plano e Metodologia

Dada a pouca investigação existente em torno do tema da religiosidade na adolescência, nomeadamente no que diz respeito à realidade portuguesa, e, mais ainda, à comunidade da IJCSUD, bem como o seu intuito de averiguar possíveis associações entre este fenómeno e os comportamentos de risco e a dimensão escolar da vida dos alunos, assume-se o presente estudo como de carácter exploratório, de natureza quantitativa e correlacional. Os dados serão recolhidos num único momento, sendo, pois, um estudo transversal.

3.4.1. Participantes

A população alvo deste estudo abarcou um total de 101 adolescentes, residentes em Portugal, dos quais 59% são do sexo masculino e 41% do sexo feminino. A idade dos participantes varia entre os 13 e os 18 anos, tendo uma média de 15,3 anos (DP= 1,42). Destes, 98 são membros da IJCSUD e 87 frequentam o Seminário, o programa de ensino religioso da IJCSUD destinado a adolescentes do grupo etário dos 13-18.

3.4.2. Instrumentos

As vivências e percepções dos participantes em torno dos temas em análise foram avaliadas a partir do *Questionário sobre Religiosidade e Comportamentos na Adolescência* (Anexo I),

construído pelo autor do presente trabalho (e respetiva orientadora científica), a partir de alguns instrumentos já existentes, em particular a versão traduzida e adaptada para o Brasil do *Global Student Health Survey* (2013) um instrumento construído pela OMS para fornecer dados sobre os comportamentos de saúde dos adolescentes e respetivos fatores de proteção. O Questionário assume um formato digital (*Microsoft Forms*) composto por 35 itens. Numa com escalas de *Likert* de 4 ou 5 pontos (onde aplicável) e, numa primeira parte, explora os dados sociodemográficos dos participantes (idade, sexo, ano de escolaridade e constituição do agregado familiar). Numa segunda parte avaliam-se, as perceções dos adolescentes relativamente às seguintes dimensões:

- a) Participação e importância da religião na sua vida
 - a. “O quão importante é para ti participar nas reuniões de domingo?”
 - b. “Com que frequência participas no Seminário?”
- b) Envolvimento escolar;
 - a. “O quão importante é a escola para ti?”
 - b. “Durante os últimos 30 dias, com que frequência os teus encarregados de educação realmente sabiam o que estavas a fazer durante o teu tempo livre?”
- c) Envolvimento em comportamentos de *bullying* e *cyberbullying* (c1. no papel de vítima e c2. no papel de agressor);
 - a. Papel de vítima: “Empurram-me com violência” e “gozaram ou humilharam-me”.
 - b. Papel de agressor: “Chamei nomes ofensivos” e “Excluí alguém de um jogo ou de um grupo online”.
- d) Consumo de álcool;
 - a. “Nos últimos 30 dias, quantos dias consumiste pelo menos um copo de bebida contendo álcool?”
- e) Consumo de tabaco.
 - a. “Nos dias em que consumiste alguma bebida alcoólica, quantas copos bebeste por dia?”

3.4.3. Procedimentos

Os dados foram obtidos através da partilha da versão digital do Questionário sobre Religiosidade e Comportamentos na Adolescência nos vários grupos de WhatsApp das classes do Seminário distribuídas por todo o país. As respostas foram dadas entre junho e dezembro de 2021, com aprovação das respetivas presidências de Estaca (corpo eclesiástico responsável pelo programa de Seminário). Como todos os participantes são estudantes formais do programa de ensino religioso providenciado pela IJCSUD, nomeadamente o Seminário, as autorizações para os estudos e pesquisas são consideradas durante o processo de matrícula conforme descrito no documento Matrícula no Seminário (*Seminary Registration. Portuguese*. PD50048392 059) no qual consta na parte do “Contrato – Estudos e pesquisas” (Anexo II). De referir que a participação no estudo foi voluntária e os dados integralmente anónimos e confidenciais.

Os dados recolhidos, de natureza quantitativa, foram analisados através da estatística descritiva e inferencial, com recurso à versão 28.0 do programa IBM SPSS *Statistics*.

CAPÍTULO IV

4. RESULTADOS

No presente capítulo, dar-se-ão a conhecer os resultados do estudo empírico desenvolvido no âmbito da presente dissertação. Num primeiro momento, traça-se, através da estatística descritiva, o perfil sociodemográfico dos participantes tomando as variáveis sexo, idade, ano de escolaridade, constituição do agregado familiar e filiação religiosa, caracterizando a sua distribuição em termos de frequências com recurso a tabelas e gráficos circulares ou histogramas.

Num segundo momento dar-se-á lugar à apresentação das respostas dos participantes ao *Questionário sobre Religiosidade e Comportamentos na Adolescência*. Dada a estrutura do Questionário e as diferentes escalas utilizadas consoante a dimensão avaliada, as respostas dos participantes são apresentadas separadamente, por dimensão. As respostas dos adolescentes a cada uma delas, consoante se tratando de variáveis ordinais ou intervalares, serão apresentadas em termos da sua frequência ou média e desvio-padrão, respetivamente.

Por último, proceder-se-á à análise inferencial dos dados recolhidos, em conformidade com as hipóteses do estudo, no sentido da sua confirmação ou infirmação.

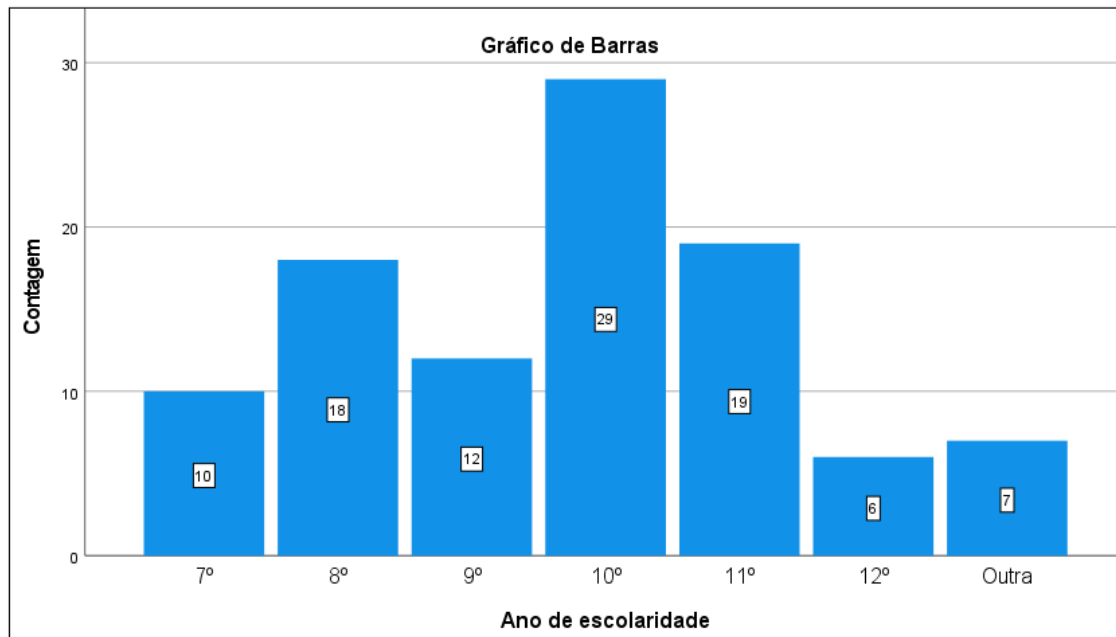
4.1. Perfil sociodemográfico dos participantes

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico

Jovens N=101	Sexo		Idade			Composição do agregado familiar			
	Fem	Masc	Min/Máx	M	DP	Ambos	Mãe	Pai	Outros
	60	41	13-18	15,34	1,42	73	19	3	6

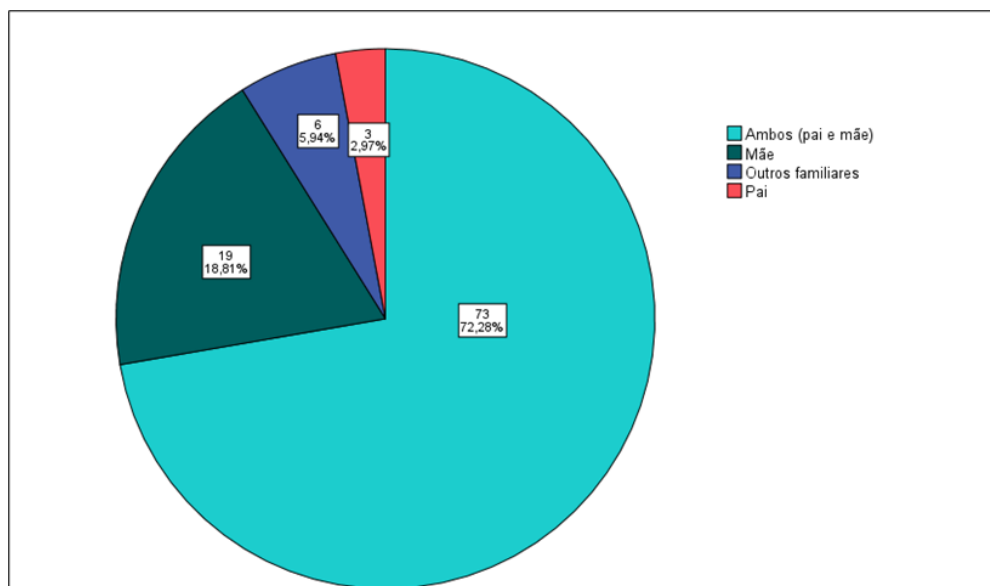
Consoante se pode observar na Tabela 1, a amostra é constituída por 101 participantes, 60 (59,4%) do sexo feminino e 41 (40,6%) do sexo masculino. A sua idade varia entre os 13 e os 18 anos, situando-se a sua média nos 15,3 anos (DP=1,42), sendo a questão da composição do agregado familiar debatida mais em baixo, junto com o gráfico do mesmo. No que se refere ao seu nível de escolaridade, tal como é possível observar no Gráfico 1, 10 dos participantes dos estudos frequentam o 7ºano de escolaridade, 18 o 8ºano, 12 o 9ºano, 29 o 10ºano, 19 o 11ºano, 6 o 12ºano. Os sete restantes participantes não identificaram o ano de escolaridade frequentado (“Outra”).

Gráfico 1 - Escolaridade dos participantes



Quanto ao seu agregado familiar, traduzido em termos da resposta dos adolescentes à questão “Com quem resides?”, verifica-se (cf. Gráfico 2) que a grande parte (72,3%) vive com ambos os pais, verificando-se que, entre 18,8% reside apenas com a mãe, 3% com o pai e os restantes 5,9% (n=6) com outros familiares.

Gráfico 2 - Composição do agregado familiar



No que se refere à filiação religiosa dos participantes, conforme é possível observar na Tabela 2, a grande maioria (97%) é membros da IJCSUD, de entre os quais 87 frequentam o programa de ensino religioso “Seminário”.

Tabela 2 - Filiação religiosa & Participação Seminário

Jovens N=101	Filiação religiosa		Participação no Seminário	
	Sim	Não	Sim	Não
	98 (97%)	3 (3%)	87 (86,1%)	14 13,9%)

4.2. Nível de religiosidade

Nesta dimensão, iremos descrever a “importância” e a “participação” que os participantes dão à religiosidade. Nas perguntas sobre “importância” usamos uma escala de Likert de 5 pontos, onde 1 é “Completamente irrelevante” e 5 é “Muito importante”, ou seja, quanto maior for o valor desta escala, maior será a importância dada ao item de avaliação religiosa relacionada. Na dimensão de “frequência” existe variabilidade em cada pergunta que será analisada individualmente mais à frente.

Dimensão de importância

Tal como se pode verificar pela leitura da Tabela 3, a média total é de 4.54, indicando que o valor dado à importância religiosa relativo a estas perguntas encontra-se entre “Importante” e “Muito importante”.

Tabela 3 – Importância da religião na vida dos adolescentes

Perguntas sobre a “importância” da religião	N	Mín.	Max.	D.P.	Média
O quão importante é para ti ser membro de A Igreja de Jesus Cristo dos S.U.D.?	98	1	5	.597	4.74
O quão importante é para ti participar nas reuniões de domingo?	101	1	5	.773	4.38
O quão importante é para ti participar nas atividades de jovens da Igreja?	101	1	5	.912	4.50
O quão importante é para ti o Seminário?	87	2	5	.679	4.54
Média total				.74	4.54

Dimensão de participação

Na observação da Tabela 4 observamos a existência de 3 variáveis de frequência, cujas perguntas no questionário são: (a) “Com que frequência participas nas reuniões de domingo?”, (b) “Nos últimos 3

meses, com que frequência participaste na(s) atividade(s) mensais que escolheste em cima?” e (c) “Com que frequência participas no seminário?”, que indicam que 91.1% (n=92) frequenta “4 ou 5 vezes/mês” as reuniões da Igreja e apenas 2% “nunca”. Na frequência às atividades de jovens 38.6% (n=39) frequentou “4 ou mais vezes/mês” as atividades escolhidas e 8.9% (n=8) escolheu “nunca” e em relação à participação ao Seminário, 16.8% (n=17) respondeu frequentar “5 dias/semana” e 5.9% (n=6) respondeu “1 dia/semana”.

Tabela 4 - Dimensão da participação religiosa

Reuniões de domingo (a)		Atividades de jovens (b)		Seminário (c)	
Escala	Freq. (%)	Escala	Freq. (%)	Escala	Freq. (%)
Nunca	2 (2%)	Nunca	8 (8.9%)	1 dia/semana	6 (5.9%)
Menos de 2 vezes/mês	0	1 Vez/mês	16 (15.8%)	2 dias/semana	7 (6.9%)
De 2 a 3 vezes/mês	4 (4%)	Menos de 2 vezes/mês	6 (5.9%)	3 dias/semana	17 (16.8%)
4 ou 5 vezes/mês	92 (91.1%)	De 2 a 3 vezes/mês	32 (31.7%)	4 dias/semana	39 (38.6%)
		4 ou mais vezes/mês	39 (38.6%)	5 dias/semana	17 (16.8%)
Total	98	Total	101	Total	86

4.3. Envolvimento Escolar

Em relação à dimensão *envolvimento escolar* foram efetuadas 5 perguntas através de uma escala *Likert* de 5 pontos, onde 1 é “Nunca” e 5 é “Sempre”, cuja estatística descritiva podemos encontrar na Tabela 5.

Tabela 5 - Envolvimento escolar

Envolvimento, relevância e integração escolar	Mín.	Máx.	D.P.	Média
O quão importante é a escola para ti?	2	5	.681	4.41
Durante os últimos 30 dias, com que frequência sentiste que os teus colegas de escola estavam a ser atenciosos e colaboradores contigo?	1	5	.955	3.78
Durante os últimos 30 dias, com que frequência os teus encarregados de educação verificaram se os teus trabalhos escolares estavam feitos?	1	5	1.503	3.02
Durante os últimos 30 dias, com que frequência os teus encarregados de educação reconheceram os teus problemas e preocupações?	1	5	1.295	3.62
Durante os últimos 30 dias, com que frequência os teus encarregados de educação realmente sabiam o que estavas a fazer durante o teu tempo livre?	1	5	1.214	3.92

N=101	1.60	5	-	3.75
--------------	-------------	----------	----------	-------------

Olhando a média total de 3.75 das respostas dos participantes a esta dimensão bem como a relativa a cada um dos itens que a compõem, podemos verificar que, no cômputo geral, as suas perceções relativamente à escola são bastante satisfatórias, nomeadamente em relação à relevância que ocupam na sua vida, correspondente ao item em que a média das suas respostas se situa num nível mais alto (Média=4.41).

Na Tabela 6 dá-se a conhecer, complementarmente, a assiduidade destes adolescentes, constatando-se que, nos últimos 30 dias, segundo 64.4% (n=65) dos mesmos, não deram qualquer falta, sem justificação às aulas, tendo 22.8% (n=23) faltado entre 1 a 2 dias.

Tabela 6 - Assiduidade escolar

Durante os últimos 30 dias, com que frequência faltaste às aulas ou não compareceste na escola, sem justificação		
Faltas	Frequência	Percentagem
0	65	64.4
1 a 2 dias	23	22.8
3 a 5 dias	9	8.9
6 a 9 dias	1	1.0
10 ou mais dias	3	3.0
Total	101	100.0

4.4. Hábitos de consumo dos participantes

Em seguida dão-se a conhecer os hábitos de consumo de bebidas alcoólicas e tabaco entre os adolescentes que participaram no estudo.

Tabela 7 - Hábitos de consumo I (álcool)

Nos últimos 30 dias, quantos dias consumiste pelo menos um copo de bebida contendo álcool?		Nos dias em que consumiste alguma bebida alcoólica, quantas copos bebeste por dia?	
Nenhum	95 (94.1%)	Nenhum	95 (94.1%)
1 ou 2 dias	5 (5.0%)	Menos de 1 copo	2 (2.0%)
6 a 9 dias	1 (1.0%)	1 copo	2 (2.0%)

	3 copos	1 (1.0%)
	4 copos	1 (1.0%)
N=101		

Tal como se pode constatar pela leitura da Tabela 7, 94% (n=95) dos participantes afirmam não ter consumido álcool nos últimos 30 dias, tendo 5 relatado o seu consumo num ou dois dias, e apenas um dos adolescentes diz ter bebido entre “6 a 9” ocasiões, e desses, que afirmaram ter consumido, 2 beberam “menos de 1 copo” e “1 copo” por dia e os restantes 2 entre “3 e 4 copos”.

Para as respostas das duas perguntas da Tabela 8 foi usada uma escala *Likert* de 4 pontos, em que 1 é “Nenhuma vez” e 4 é “10 vezes ou mais”.

Tabela 8 - Hábitos de consumo II (álcool)

Durante a tua vida, quantas vezes tiveste embriagado/a (bêbado/a) pelo consumo excessivo de bebidas alcoólicas?		Durante a tua vida, quantas vezes tiveste ressaca, doente, problemas com a família ou amigos, faltaste à escola ou te envolveste em brigas devido ao consumo de bebidas alcoólicas?	
Nenhuma vez	97 (96.0%)	Nenhuma vez	99 (98.0%)
1 a 2 vezes	3 (3.0%)	1 a 2 vezes	2 (2.0%)
3 a 9 vezes	1 (1.0%)	3 a 9 vezes	0
10 vezes ou mais	0	10 vezes ou mais	0
N=101			

Segundo as suas respostas, 96% (n=97) dos participantes nunca passaram por um estado de embriaguez em resultado do consumo excessivo de bebidas alcoólicas, sendo muito residual o número de adolescentes que referiu tê-lo experienciado “1 a 2 vezes” (n=3) e “de 3 a 9 vezes” (n=1). No mesmo sentido, a quase totalidade (n=99) do grupo afirmou nunca ter tido ressaca, ter ficado doente, ter tido problemas com a família ou amigos, faltado à escola ou estado envolvidos em brigas devido ao consumo de bebidas alcoólicas. Apenas dois deles referiram tê-lo experienciado “entre 1 a 2 vezes” na vida.

Na Tabela 9, dão-se a conhecer os resultados relativos ao consumo tabágico do grupo estudado. A idade em que tiveram a sua primeira experiência tabágica, o número de dias e de cigarros fumados no último mês foram as questões exploradas junto dos mesmos.

Tabela 9 - Hábitos de consumo (tabaco)

Que idade tinhas quando experimentaste um cigarro pela primeira vez?		Nos últimos 30 dias, em quantos dias fumaste tabaco?		Nos dias em que fumaste, quantos cigarros fumaste por dia?	
Nunca experimentei cigarros	96	Nenhum	99	Nenhum	99
Menos de 8 anos	2	1 ou 2 dias	2	1 ou menos	2
8 ou 9 anos	1	3 a 5 dias	0	2 a 4	0
10 ou 11 anos	0	6 a 9 dias	0	5 a 10	0
12 ou 13 anos	1	10 a 19 dias	0	11 a 20	0
14 ou 15 anos	1	20 a 29 dias	0	Mais de 20	0
16 anos ou mais	0	Todos os 30 dias	0		
N=101					

A observação da tabela 9 permite constatar que, uma vez mais, segundo os seus relatos, os índices de consumo entre todo o grupo são particularmente baixos, sendo que 96 dos adolescentes inquiridos diz nunca ter experimentado cigarros. Residualmente, para dois dos participantes, essa experiência ocorreu bastante precocemente (antes dos 8 anos), para um outro entre os 8 e os 9 anos, tendo esta ocorrido para um outro entre os 12 e os 13; e outro ainda entre os 14 e os 15 anos. De referir que, dado o modo como é formulada a questão, é omissa a informação se, à data do estudo, estes adolescentes ainda são consumidores ou se foi uma experiência pontual e/ou entretanto descontinuada.

4.5. Experiências de *Bullying* e *Cyberbullying*

Na Tabela 10, procede-se à descrição das médias das respostas dos participantes a cada uma das dimensões avaliadas em torno do seu envolvimento em comportamentos agressivos (quer no papel de vítima quer no de agressor). A média apresentada na tabela foi calculada a partir do somatório das suas respostas a todos os itens de cada uma destas dimensões. As suas experiências foram avaliada a partir de de uma escala *Likert* de 4 pontos, onde 4 significa “Nunca” e 1 “Mais de 2 vezes/semana”, ou seja; quando maior o nível da sua resposta, menor o sentimento de vitimização e menor a perceção de se ter envolvido numa situação de *bullying* ou *cyberbullying* enquanto agressor.

Tabela 10 - Experiências de *Bullying* e *Cyberbullying*

Experiências de <i>Bullying</i> e <i>Cyberbullying</i>		N=101			
Média do somatório dos itens nas dimensões (ver anexo I)		Mín.	Max.	D.P.	Média

Sentir-se vítima de Bullying (10 itens)	1.80	4.00	.42	3.69
Sentir-se vítima de Cyberbullying (8 itens)	2.75	4.00	.21	3.88
Bullying – No papel de agressor (11 itens)	2.82	4.00	.22	3.88
Cyberbullying – No papel de agressor (8 itens)	3.38	4.00	.09	3.96

De sublinhar, que os resultados obtidos na Tabela 10 indicam um valor médio alto, indiciando, o baixo envolvimento destes adolescentes em experiências de *Bullying* e *Cyberbullying*, quer na qualidade de vítima quer de agressor.

Para a averiguação de uma potencial correlação entre as variáveis de religiosidade e os comportamentos de risco, procedeu-se a uma análise de correlações, nas dimensões de participação, com recurso a vários testes, cujos resultados apresentamos de seguida.

Dimensão de participação

Realizou-se vários testes através da análise de Correlação de *Spearman* numa tentativa de averiguar uma potencial correlação entre a frequência às reuniões de domingo e as experiências de *Bullying* e *Cyberbullying*. Dos resultados da tabela 11, verificamos não existir correlação entre a frequência às reuniões e as médias do somatório das dimensões de “Sentir-se vítima de *Cyberbullying*”, “Ser agressor de *Bullying*” e “Ser agressor de *Cyberbullying*”.

Tabela 11 - Teste 'Frequências domingo' vs 'Experiências de *Bullying* & *Cyberbullying*'

	Sentir-se vítima de Cyberbullying	Ser agressor de Bullying	Ser agressor de Cyberbullying
Frequências reuniões domingo	$r=-.018$; $p=.861$	$r=-.116$; $p=.254$	$r=.068$; $p=.504$
N=98			

Contudo, na avaliação da tabela 12, sobre a “frequência às reuniões de domingo” com a média do somatório da dimensão “Sentir-se vítima de *Bullying*”, encontrou-se uma correlação negativa com valor estatístico significativo ($p=-.014$). Tendo em conta que quanto maior for o valor da média da variável menor será o sentimento de vítima, podemos afirmar que menor sentimento de vítima de *Bullying* está associado a maior frequência das reuniões de domingo.

Tabela 12 - Teste 'Frequências domingo' vs 'Experiências de *Bullying*

	Sentir-se vítima de Bullying
Frequências reuniões domingo	$r = -.247$; $p = .014$
N=98 (A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades))	

No seguimento, realizou-se vários testes através da análise de Correlação de *Spearman* numa tentativa de averiguar uma potencial correlação entre a frequência com que os jovens participaram, nos últimos 3 meses, às atividades mensais que escolheram e as experiências de *Bullying* e *Cyberbullying*. Dos resultados da tabela 13, verificamos não existir correlação entre a frequência às reuniões e as médias do somatório em todas as dimensões do *Bullying* e *Cyberbullying*.

Tabela 13 - Teste 'Frequências atividades' vs 'Experiências de *Bullying* & *Cyberbullying*

	Sentir-se vítima de Bullying	Sentir-se vítima de Cyberbullying	Ser agressor de Bullying	Ser agressor de Cyberbullying
Frequências às atividades	$r = -.043$; $p = .667$	$r = .002$; $p = .982$	$r = .034$; $p = .733$	$r = .001$; $p = .994$
N=101				

Procedeu-se também a avaliação das correlações existentes entre a frequência semanal ao Seminário e as várias experiências de *Bullying* e *Cyberbullying*. Através de uma análise de Correlação de *Pearson*, encontrada na tabela 14, conclui-se que não existem correlações estatisticamente significativas entre “Frequências ao Seminário” e as médias do somatório das dimensões de “Sentir-se vítima de *Cyberbullying*”, e “Ser agressor de *Cyberbullying*”.

Tabela 14 - Teste 'Frequências Seminário' vs 'Experiências de *Bullying* & *Cyberbullying*

	Sentir-se vítima de Bullying	Sentir-se vítima de Cyberbullying	Ser agressor de Cyberbullying
Frequências ao Seminário	$r = -.149$; $p = .171$	$r = -.148$; $p = .174$	$r = .064$; $p = .559$
N=86			

Contudo, ainda usando a mesma análise anterior, conclui-se que existe correlação negativa significativa entre a frequência às aulas semanais do Seminário e 'Ser agressor de *Bullying* ($r=-,21$, $p=,057$, $N=86$). Podemos afirmar que menor comportamento de agressor de *Bullying* está associado a maior frequência às aulas do Seminário (Tabela 15).

Tabela 15 - Teste 'Frequências Seminário' vs 'Experiências de *Bullying*

	Ser agressor de Bullying
Frequências ao Seminário	$r= -.21$; $p= .057$
N=87 (A correlação é significativa no nível 0,1 (2 extremidades)	

Por último, fez-se uma análise das correlações entre as variáveis “frequência às reuniões de domingo” e “Frequência ao Seminário” com a variável “Importância da escola”, que tem uma pergunta em escala Likert de 5 pontos, onde 1 é “Completamente irrelevante” e 5 é “Muito importante”, conclui-se, através da análise da tabela 16, onde utilizamos a análise de correlação de *Spearman* que existe uma correlação positiva entre a “Frequência às reuniões ao domingo” e a importância que os jovens dão à escola ($r=.207$, $r=.041$), ou seja, maior frequência às reuniões está associado a maior importância que os jovens dão à escola. Por outro lado, na mesma tabela não encontramos correlação entre a “Frequência às atividades de jovens” com a importância da escola.

Tabela 16 - Teste 'Importância da Escola' vs dimensões de participação religiosa

	Importância da Escola
Frequência às reuniões domingo	N=98; $r= .207$; $p= .041$
Frequências às atividades de jovens	N=101; $r= -.045$; $p= .658$
(A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades)	

Sobre as outras variáveis de avaliação do envolvimento escolar (verificar Tabela 6 para a descrição completa destas variáveis), conforme podemos observar na tabela 17, não foi encontrada nenhuma correlação estatisticamente relevante.

Tabela 17 - Testes de 'frequências religiosas' vs envolvimento escolares

	Sentir colegas atenciosos	Verificação p/EE dos TPC	Reconhecer p/EE problemas	Saber p/EE tempo livre
Frequência às reuniões domingo	N=98; r= .135; p= .184	N=98; r= -.068; p= .504	N=98; r= -.027; p= .794	N=98; r= .098; p= .369
Frequências às atividades de jovens	N=101; r= -.008; p= .935	N=101; r= -.044; p= .661	N=101; r= -.032; p= .753	N=101; r= .057; p= .575

De igual modo, também não se encontrou correlação estatisticamente relevante entre a “Frequência ao Seminário” e as 4 variáveis de avaliação do envolvimento escolar (F1: $r=-.022$, $p=.839$; F2: $r=-.124$, $p=.255$; F3: $r=.036$, $p=.744$; F4: $r=.128$, $r=.239$; N=86).

Dimensão de importância

De seguida, na Tabela 18, analisamos as correlações das variáveis “Importância de ser membro da Igreja”, “Importância de frequentar as reuniões de domingo” e a “Importância do Seminário” com as várias experiências de *Bullying* e *Cyberbullying*. As variáveis de importância religiosa foram medidas através de uma escala Likert de 5 pontos, onde 1 é “Completamente irrelevante” e 5 é “Muito importante”.

Dos resultados do teste de análise de Correlação de *Pearson*, concluímos que não se encontrou correlação estatisticamente significativa entre as várias dimensões de importância religiosa e as várias experiências de *Bullying* e *Cyberbullying*, exceto na correlação positiva entre a “Importância de ser membro da Igreja” e “Ser agressor de *Cyberbullying*” ($r=.180$, $r=.076$), ou seja, maior importância dada a ser membro da Igreja está associado ao maior valor do somatório da variável “Ser agressor de *Cyberbullying*”, ou seja, maior será a probabilidade de não ser agressor neste tipo de comportamentos (para mais esclarecimento, ver Tabela 10, onde encontramos uma descrição estatística das médias dos somatórios de todos os itens das dimensões de *Bullying* e *Cyberbullying*).

Tabela 18 - Testes dimensão da importância religiosa vs experiências de *Bullying* e *Cyberbullying*

Dimensão de importância religiosa	Sentir-se vítima de Bullying	Sentir-se vítima de Cyberbullying	Ser agressor de Bullying	Ser agressor de Cyberbullying
Importância de ser membro da Igreja	N= 98; r= .021; p=.836	N= 98; r=.137; p=.177	N= 98; r=.084; p=.409	N= 98; r=.180; p=.076**

Importância de frequentar as reuniões de domingo	N= 101; r= .021; p=.836	N= 101; r=.137; p=.177	N= 101; r=.084; p=.409	N= 101; r=.180; p=.076*
Importância das atividades de jovens	N= 101; r= -.047; p=.639	N= 101; r=.058; p=.567	N= 101; r=.198; p=.047*	N= 101; r=.301; p=.002*
Importância do Seminário	N= 87; r= -.120; p=.267	N= 87; r=.230; p=.032*	N= 87; r=.040; p=.715	N= 87; r=.136; p=.208
*(p<.05); **(p<.10)				

Da mesma Tabela 18 conclui-se que existe correlação positiva entre a “Importância das atividades de jovens” e “Ser agressor de *Bullying*” (r=.198, r=.047), bem como entre esta e “Ser agressor de *Cyberbullying*” (r=.301, p=.002). Ou seja, maior importância dada à participação em atividades de jovens está associada a uma maior probabilidade de o jovem não ser agressor de *Bullying* ou *Cyberbullying*. Por último, foi também encontrada uma correlação positiva entre a “importância do Seminário” e “Sentir-se vítima de *Cyberbullying*” (r= .230, p= .032), ou seja, maior importância dada ao programa Seminário está relacionada com maior proteção contra sentimentos de vitimização de *Cyberbullying*.

Decorrente da observação da Tabela 19, onde foi analisada a correlação entre as variáveis de importância religiosa, descritas na tabela em baixo na coluna “Dimensão de importância religiosa”, calculadas através de uma escala Likert de 5 pontos (para mais informações ver tabela 3) com a “importância da escola”. Foi encontrado, após análise de Correlação de Pearson, que existem correlações estatisticamente significativas em todas as variáveis analisadas, ou seja, maior importância dada à dimensão de importância religiosa, definida pelas variáveis expressas na tabela está relacionada com a maior importância que os jovens dão à escola.

Tabela 19 - Testes dimensão de importância religiosa vs importância da escola

Dimensão de importância religiosa	Importância da Escola
Importância de ser membro da Igreja	N=98; r= .237; p= .019*
Importância de frequentar as reuniões de domingo	N=101; r= .220; p= .027*
Importância de participar nas atividades de jovens	N=101; r= .343; p<.001**
Importância do Seminário	N=87; r= .214; p= .046*
*(p<0.05); **(p<0.01)	

Por outro lado, na sequência da avaliação desta mesma dimensão de importância religiosa com 4 variáveis da dimensão Escolar, e utilizando-se a mesma análise de Correlação de Pearson, analisou-se os resultados da Tabela 20 e conclui-se que existem correlações estatisticamente significativas entre a “Importância de ser membro da Igreja” e “Sentir colegas atenciosos” ($r=.210$; $p=.038$); ou seja, quanto maior importância for dada pelos jovens a ser membro da Igreja maior é o sentimento que os colegas são da escola estão a ser atenciosos e colaborativos. Encontram-se também uma série de correlações estatisticamente significativas entre a variável “Saber p/EE tempo livre” e as variáveis “Importância de frequentar as reuniões de domingo” ($r=.224$; $p=.024$), “Importância de participar nas atividades de jovens” ($r=.361$; $p<.001$) e “Importância do Seminário” ($r=.228$; $p=.034$), cuja leitura pode indicar que maior importância dada pelos jovens a estas variáveis de religiosidade está associado a maior confiança pelos Encarregado de Educação em saber o que realmente os seus filhos estavam realmente a fazer durante o tempo livre escolar.

Tabela 20 - Testes da dimensão da importância religiosa vs envolvimento escolares

Dimensão de importância religiosa	Sentir colegas atenciosos	Verificação p/EE dos TPC	Reconhecer p/EE problemas	Saber p/EE tempo livre
Importância de ser membro da Igreja	N=98; $r=.210$; $p=.038^*$	N=98; $r=-.023$; $p=.824$	N=98; $r=-.022$; $p=.826$	N=98; $r=.126$; $p=.217$
Importância de frequentar as reuniões de domingo	N=101; $r=.044$; $p=.659$	N=101; $r=.088$; $p=.380$	N=101; $r=.133$; $p=.185$	N=101; $r=.224$; $p=.024^*$
Importância de participar nas atividades de jovens	N=101; $r=.095$; $p=.560$	N=101; $r=.036$; $p=.718$	N=101; $r=.095$; $p=.346$	N=101; $r=.361$; $p<.001^{**}$
Importância do Seminário	N=87; $r=.058$; $p=.595$	N=87; $r=.076$; $p=.483$	N=87; $r=.107$; $p=.323$	N=87; $r=.228$; $p=.034^*$
*($p<0.05$); **($p<0.01$)				

4.6. Teste de diferenças

De forma a avaliar o efeito na variável independente sexo (feminino e masculino) sobre as variáveis dependentes relacionadas às dimensões de “importância” e “participação” religiosa, com os envolvimento escolares e as experiências de *Bullying* e *Cyberbullying* (como vítima ou agressor) efetuou-se os seguintes cálculos no contexto de *Design* Inter-Sujeitos.

Perante o valor da Tabela 21 estatisticamente significativo pelo fato de ser inferior ao ponto de corte de .05), conclui-se que estamos perante diferenças de médias significativas entre os dois grupos em comparação. Sendo assim, podemos concluir que há diferenças significativas entre o sexo feminino e o masculino ao nível da importância de participar nas reuniões de domingo, $t(99) = 2,54$, $p = ,013$. Os participantes do sexo feminino dão mais importância face à participação das reuniões de domingo do que os participantes do sexo masculino (** $p < .05$).

Tabela 21 - Teste de diferenças – Sexo vs Importância reuniões de domingo

	Feminino (n=60) <i>Média</i> (DP)	Masculino (n=41) <i>Média</i> (DP)	t (99)
Importância Reuniões Domingo (score total)	4.53 (.60)	4.15 (.94)	2.54**

Da análise da Tabela 22, podemos concluir que há diferenças significativas entre o sexo feminino e o masculino ao nível da importância de participar nas atividades de jovens, $t(99) = 1,73$, $p = ,087$. Os participantes do sexo feminino dão mais importância face à participação das atividades de jovens do que os participantes do sexo masculino.

Tabela 22 - Teste de diferenças - Sexo vs Teste de diferenças - Importância atividades jovens

	Feminino (n=60) <i>Média</i> (DP)	Masculino (n=41) <i>Média</i> (DP)	t (99)
Importância Atividades Jovens (score total)	4.63 (.63)	4.32 (1.17)	1.73**
** $P < .10$			

Em relação à variável dependente 'Importância Seminário' podemos concluir que não há diferenças de médias significativas entre os sexos ao nível desta variável, $t(85) = -.196$, $p = .610$. O mesmo acontece em relação à "importância que os jovens dão à Igreja", onde podemos concluir que não há diferenças de médias significativas entre os sexos ao nível desta variável, $t(98) = .18$, $p = .0.986$.

Em relação às variáveis dependentes ordinais ‘Frequência às reuniões de domingo’, realizou-se um teste de Mann-Whitney (μ) e conclui-se, de acordo com a Tabela 23, que não existem diferenças significativas entre o sexo dos participantes em relação a estas variáveis de frequência, $\mu = 1117.50$ e $p = .564$.

Tabela 23 - Teste de diferenças - Sexo vs Teste de diferenças - frequência reuniões domingo

	Feminino (n=59) <i>Ordem Média</i>	Masculino (n=41) <i>Ordem Média</i>	μ
Frequência reuniões de domingo (score total)	50.06	48.65	1117.5

No mesmo sentido, aplicou-se um teste de Mann-Whitney (μ) e conclui-se, de acordo com a Tabela 24, que não existem diferenças significativas entre o sexo dos participantes em relação a frequência de atividades de jovens, $\mu = 1197.5$ e $p = .813$.

Tabela 24 - Teste de diferenças - Sexo vs Teste de diferenças - frequência às atividades

	Feminino (n=60) <i>Ordem Média</i>	Masculino (n=41) <i>Ordem Média</i>	μ
Frequência atividades jovens (score total)	51.54	50.21	1197.5

Se seguida iremos comparar a variável independente ‘Agregado familiar’ com 3 grupos associados: (1) família nuclear ou tradicional (pai e mãe), (2) família monoparental (pai ou mãe) e (3) outros familiares com as 4 variáveis dependentes intervalares: ‘Importância de ser membro da Igreja’, ‘Importância de frequentar as reuniões de domingo’, ‘Importância do Seminário’ e ‘Importância de participar nas atividades de jovens’. Iremos verificar se existem diferenças estatisticamente significativas entre os 3 grupos que compõem o agregado familiar e as 4 variáveis dependentes intervalares.

Para relato dos resultados referentes ao Teste Post-Hoc de Gabriel (tabelas 25 e 27) concluímos que há diferenças significativas dos agregados familiares nucleares face aos monoparentais em relação à importância que os jovens dão às reuniões de domingo, $F(2,98)=6,08$, $p=,003$. O Teste Post-Hoc de Gabriel revelou que os jovens de famílias nucleares relatam maior importância às reuniões de domingo do que o grupo monoparental.

Concluimos também que existe diferença significativa entre os agregados familiares nucleares e os agregados 'outros' em relação à importância que dão ao Seminário, $F(2,84)=2,98$, $p=.056$. O Teste Post-Hoc de Gabriel revelou que os jovens de famílias nucleares relatam maior importância ao Seminário do que o grupo de 'outros'.

Tabela 25 - ANOVA Importância das reuniões de domingo relativos à análise do agregado familiar

Agregado Familiar				
	Nuclear (n=73) <i>Média (DP)</i>	Monoparental (n=22) <i>Média (DP)</i>	Outros (n=6) <i>Média (DP)</i>	<i>F (2.98)</i>
Importância Reuniões Domingo (score total)	4.53 (.58)	3.95 (1.05)	4.00 (1.10)	6.08**
** $p<.01$				

Tabela 26 - ANOVA Importância do Seminário relativos à análise do agregado familiar

Agregado Familiar				
	Nuclear (n=67) <i>Média (DP)</i>	Monoparental (n=16) <i>Média (DP)</i>	Outros (n=4) <i>Média (DP)</i>	<i>F (2.84)</i>
Importância do Seminário (score total)	4,58 (.63)	4.56 (.63)	3.75 (1,26)	2.98**
** $p<.10$				

4.7. Discussão dos resultados

Propusemo-nos nesta dissertação verificar a eventual associação entre a religiosidade dos adolescentes pertencentes à instituição religiosa de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (IJCSUD) e o seu envolvimento (ou não) em experiências de *Bullying* e *Cyberbullying*, o consumo de álcool e tabagismo, e questões relacionadas com determinados aspetos da sua vida escolar. Interessa-nos agora aqui discutir os resultados obtidos no estudo empírico com os vários estudos da área.

De todos os resultados obtidos o que mais sobressai neste grupo de adolescentes é o seu alto grau de compromisso com o não consumo de álcool e tabaco, 95% dos 101 participantes do estudo nunca experimentaram tabaco e 94,1% não consumiram álcool nos últimos 30 dias à data do inquérito. Estas altas percentagens estão alinhadas com o código de saúde que os membros da IJCSUD são incentivados a viver. Segundo este código de saúde, conhecido como Palavra de Sabedoria, os membros são incentivados a viver um conjunto de regras que implica não consumirem bebidas alcoólicas, tabaco, chá preto, café e drogas

ilegais. São também incentivados a ingerir, sempre que possível, ervas, frutas e vegetais, cereais e, com parcimônia, carne de animais. De acordo com um estudo realizado pelos sociólogos Christian Smith e Melinda Denton, de Chapel Hill - Universidade da Carolina do Norte (EUA) foram avaliados 3.370 adolescentes norte americanos, de várias religiões, relativamente a diversas variáveis espirituais e religiosas, em torno da sua vida religiosa, umas das razões que poderá levar este alto nível de compromisso com o não consumo destas substâncias, pretende-se pelo fato de que os jovens SUD estão altamente envolvidos com a sua fé, 70% dos adolescentes SUD vão à igreja pelo menos uma vez por semana e são os que maior importância dão à sua fé como mediadora e influenciadora de decisões importantes na sua vida. Por outro lado, Neighbors e colaboradores (2013), concluíram que a relação entre o consumo de álcool e as normas percebidas são moderadas pelo envolvimento e compromisso religioso. É importante notar que, segundo estes mesmos autores, que várias instituições, para além da IJCSUD, aplicam normas em relação ao consumo de álcool, com algumas convidando à abstinência, tal como o Islamismo e mais denominações protestantes conservadoras. É provável também que, tal como Sinha e colaboradores (2007) e Crosby e Smith (2015) apontam, que a participação regular de jovens em programas religiosos como estando associada ao desenvolvimento espiritual e moral, ao estabelecimento de modelos de comportamento e relacionamentos positivos. Outra razão providenciada por Koenig e colegas (Koenig, 2008; Koenig et al, 2012) poderá estar associada à capacidade que o envolvimento religioso promove a nível de ligações sociais, que oferecem maior quantidade e qualidade de apoio social, o que provavelmente aumenta a capacidade de resistência ao envolvimento e comportamentos de risco. Por outro lado, como já referido, certas religiões fornecem indicações relativamente ao comportamento e tem proibições têm proibições específicas contra o consumo excessivo de álcool e outros comportamentos promovendo a saúde e o bem-estar. A revisão da literatura parece também indicar que a religiosidade, independente da religião professada funciona como inibidor destes consumos. Num estudo de Sinha e colaboradores (2007), realizado em 2000, envolvendo um grupo de 2004 adolescentes americanos, com idades entre os 11 e 18 anos de idade, os autores concluíram que os jovens que apresentam uma perceção positiva acerca da religião e que são ativos na adoração e na participação em atividades religiosas revelam menores comportamentos de risco em relação ao tabagismo, uso de álcool. Num estudo mais recente, realizado por Santos e colaboradores (2015), no Brasil, os autores analisaram a associação entre prática religiosa e comportamentos de risco para a saúde de 6.264 adolescentes com idades entre os 14 e os 19 anos e concluíram que em razão da afiliação e prática religiosa os comportamentos estudados incluíam baixo nível de consumo de álcool e tabaco. Segundo

evidências e revisões de literatura recolhidas (Farinha et al., 2018; Russel et al., 2020) parece haver uma correlação negativa entre religiosidade durante a adolescência e consumo de álcool, ou seja; à medida que a religiosidade aumenta, o consumo de álcool decresce.

Outro aspeto que transparece dos resultados deste estudo é o impacto da religiosidade nas experiências de *Bullying* e *Cyberbullying*. Segundo o resultado da Tabela 12, parece existir uma correlação negativa entre a dimensão de frequência às reuniões de domingo e o sentimento de vitimização por comportamentos de *Bullying*. Estes resultados poderão estar relacionados, entre outros, com o programa de desenvolvimento espiritual, social, intelectual e físico estabelecido para os jovens da IJCSUD (A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2019), que, segundo Koenig e colegas poderá proporcionar fontes de coping, providenciando sentido e oferecendo esperança e conforto, especialmente em circunstâncias difíceis. No mesmo sentido, os resultados da Tabela 15, indicam uma correlação negativa entre a frequência às aulas semanais do programa de ensino religioso Seminário, ou seja, podemos afirmar que menor comportamento de agressor de *Bullying* está associado a maior frequência às aulas do Seminário.

No mesmo sentido, os resultados da Tabela 18 que mais sobressaem são as correlações positivas entre ter comportamentos de agressor de *Cyberbullying* e as várias dimensões da importância que os jovens dão à sua religião, ou seja, as respostas dadas pelos jovens parecem indicar que quanto mais importante é ser membro da Igreja e quanto mais importância dão à participação nas reuniões de domingo e às atividades organizadas para os jovens na Igreja, maior será a ausência de ser agressor em comportamentos relacionados com o *Cyberbullying* (para mais esclarecimento, ver Tabela 10, onde encontramos uma descrição estatística das médias dos somatórios de todos os itens das dimensões de *Bullying* e *Cyberbullying*).

De referir aqui que o programa de ensino religioso – Seminário, providenciado para os jovens da Igreja dos 14 aos 18 anos de idade, serve como uma poderosa fonte de força espiritual, avaliado por um estudo de Hilton III e Sweat (2017) a 216 jovens SUD, como o programa que maior impacto espiritual tem entre os adolescentes. Importa também referir que num estudo comparativo de Smith & Denton (2005) efetuado a 3.370 adolescentes norte-americanos, de várias religiões, relativamente a diversas variáveis espirituais e religiosas, verificou-se que os adolescentes SUD são os que maior importância dá à sua fé como mediadora e influenciadora de decisões importantes na sua vida. Ou seja, nestes casos específicos, a frequência e importância dada às reuniões de domingo, a participação e a importância que os jovens dão ao Seminário e a importância que as atividades tem na vida dos jovens SUD parecem funcionar como fator de resiliência,

promovendo a autoestima e autoconfiança contra sentimentos associados a comportamentos de *Bullying* e *Cyberbullying* (seja na vitimização ou na agressão) estando associado a ganhos em várias áreas do desenvolvimento, designadamente ao nível do comportamento pró-social, ou seja, o envolvimento religioso pode promover a autoestima e autoconfiança, evitando comportamentos de risco através da formação de normas, modelos e ambientes comportamentais protetores (Crosby & Smith, 2015). Por seu lado, Sinha e colaboradores (2007) e Crosby e Smith (2015) apontam a participação regular de jovens em programas religiosos como estando associada ao desenvolvimento espiritual e moral, ao estabelecimento de modelos de comportamento e relacionamentos positivos e à diminuição de fatores emocionais negativos. Estes resultados, parecem estar em sintonia com um estudo de Dutkova e colaboradores (2017), envolvendo 762 adolescentes, com média de idade de 15 anos, no qual foi encontrada uma correlação negativa entre o bem-estar espiritual e comportamentos de *Bullying*, ou seja; os adolescentes que relataram um nível mais elevado de bem-estar espiritual exibiam menos comportamentos de intimidação junto dos seus pares

Outra correlação encontrada neste estudo está relacionada com a importância que os jovens dão à Escola, parece existir uma correlação entre esta variável e todos os 4 itens da dimensão de importância religiosa. Ou seja, quanto maior importância os jovens dão ao fato de ser membro da Igreja, de participar nas reuniões e atividades na Igreja e quanto mais importância dão ao programa de ensino religioso Seminário, maior parece ser a importância que dão à escola. Embora possam existir outros fatores que possam levar o jovem da Igreja a classificar a escola como muito importante, parece-nos haver aqui, que uma das razões que pode levar a estas correlações, prendem-se pelas características promovidas pelos próprios programas e líderes da Igreja, no sentido de incentivar o jovem a procurar a excelência académica e ver a escola como o meio para atingir tais objetivos incentivados.

Outra correlação que merece ser analisada está relacionada com outros aspetos da dimensão escolar. De acordo com os resultados da Tabela 20, existe uma correlação positiva significativa entre a importância de participar nas reuniões de domingo e a importância que os jovens dão à escola e à frequência com que os encarregados de educação sabiam realmente onde o educando realmente estava nos tempos livres escolares. Esta correlação parece estar em linha com o programa de jovens desenvolvido pela Igreja, onde o desenvolvimento intelectual é estimulado como parte fundamental do desenvolvimento do jovem – a frequência às reuniões de domingo, fator de correlação avaliado, é um precursor para a participação de outros programas e abrange a participação de aulas dominicais só para jovens aonde é desenvolvido o programa oficial da IJCSUD - Crianças e Jovens de A Igreja de Jesus Cristo dos santos dos Últimos Dias.

Por outro lado, seguindo a perspectiva da Teoria Cognitivo-Estruturalista, os indivíduos adquirem, em grande parte, as regras morais a partir das interações entre o indivíduo e o meio, surgindo os contextos que compõem este segundo elemento da “equação” (o meio) como promotores ou inibidores da formação positiva de valores (Sprinthall & Collins, 2008). Sendo, em grande medida, para estes jovens SUD, o meio – o ambiente religioso que se inserem – aonde a religiosidade, que segundo a teoria religiosa do desenvolvimento moral se expande através de valores vivenciados e ensinados através dos mandamentos básicos de Jesus Cristo, e que segundo Thomas (1997) não consiste apenas em seguir um determinado conjunto de regras específicas, mas antes, significa ser guiado pelo amor a Deus e pela humanidade, conforme ensinado por Jesus em Marcos 12:28 – verdade extremamente importante entre os jovens SUD que tem Jesus Cristo como modelo orientador fundamental para a definição dos seus valores morais.

Encontramos também, na análise dos resultados das Tabelas 21 e 22, uma diferença significativa entre os participantes do sexo feminino e masculino ao nível da importância de participar nas reuniões de domingo e à importância face à participação das atividades dos jovens, ou seja, as raparigas parecem dar mais importância a estas dimensões do que os rapazes. Não encontramos no estado da arte referências que nos possam ajudar a compreender este fenómeno, contudo, por observação empírica ao longo de muitos anos, o autor tem observado que raparigas estão sempre em maior número em relação aos rapazes na frequência dos programas de jovens da igreja o que pode explicar em parte esta correlação.

Da análise dos resultados dos testes para avaliar a importância religiosa com o tipo de agregado familiar, conclui-se que há diferenças significativas dos agregados familiares nucleares face aos monoparentais em relação à importância que os jovens dão às reuniões de domingo, $F(2,98)=6,01$, $p=.003$, ou seja, o Teste Post-Hoc de Gabriel revelou que os jovens de famílias nucleares relatam maior importância às reuniões de domingo do que o grupo monoparental (Tabelas 25 e 26). Por outro lado, decorrente do mesmo tipo de análise, conclui-se também que existe diferença significativa entre os agregados familiares nucleares e os agregados ‘outros’ em relação à importância que dão ao Seminário, $F(2,84)=2,98$, $p=.056$. O Teste Post-Hoc de Gabriel revelou que os jovens de famílias nucleares relatam maior importância ao Seminário do que o grupo de ‘outros’ (Tabelas 26 e 27).

Aqui a discussão pode não ser consensual entre autores, e as associações e comparações devem ser feitas com todo o cuidado necessário, mas, segundo alguns autores, parece existir alguma tendência para indicar que crianças e jovens que são criados em famílias monoparentais são mais suscetíveis de serem piores em várias dimensões, incluindo o seu rendimento escolar, o seu desenvolvimento social e emocional,

na sua saúde e podem estar em maior risco de abuso e negligência (Parcel et al., 1995; Jane Waldfogel et al., 2010). Algumas das razões enunciadas pelos autores, referem que uma das causas desta divergência se deve à tendência que crianças ou jovens criados em famílias tradicionais, com ambos os pais a terem rendimentos, estarem menos expostas a fatores de stress financeiro do que em famílias monoparentais – condição que pode, em famílias monoparentais, levar à redução da qualidade dos relacionamentos entre o progenitor e filhos e levar aos riscos enunciados em cima. Por outro lado, numa dimensão religiosa, num estudo comparativo de Smith & Denton (2009) a 3.370 jovens religiosos americanos, conclui-se que os adolescentes SUD são os mais propensos a ter uma religião e importâncias semelhantes às dos seus pais e que suas famílias parecem conversar mais sobre assuntos religiosos e espirituais quando comparado com outros jovens religiosos do estudo. Condições estas, que parecem contribuir para explicar a diferença estatisticamente significativa encontrada no nosso estudo em relação aos agregados familiares nucleares face aos monoparentais e ‘outros’ em relação à importância que os jovens dão às reuniões de domingo e ao Seminário.

CAPÍTULO V

5. CONCLUSÃO

Findo o percurso que nos propusemos percorrer em busca de respostas para algumas questões que ao longo da nossa trajetória profissional nos temos vindo a colocar, surge agora a oportunidade para refletir sobre alguns dos aspetos mais significativos do empreendimento levado a cabo ao longo do último ano, bem como das principais conclusões e ensinamentos que podemos retirar deste trabalho. Propomo-nos, assim, por um lado, sintetizar algumas das conclusões que foi possível extrair a partir dos dados recolhidos no âmbito do estudo e, por outro, refletir sobre as limitações do mesmo, suas potencialidades e implicações práticas, bem como potenciais investimentos a realizar num futuro próximo.

Partindo do objetivo geral de averiguar em que medida o nível de religiosidade dos adolescentes pertencentes à IJCSUD poderia estar associado (ou não) ao seu envolvimento escolar e a determinados comportamentos de risco comuns na adolescência - designadamente o *Bullying* e/ou o *Cyberbullying* (no lugar de vítima ou de agressor), o consumo de álcool e o tabagismo -, estabeleceram-se um conjunto de hipóteses cuja validação ou rejeição se vislumbra como de grande utilidade para a comunidade religiosa no seu todo, e para os seus líderes em particular, no sentido de se proceder a uma avaliação o mais rigorosa e fundamentada possível sobre a eficácia de algumas das estratégias, medidas e atividades que têm vindo a ser encetadas no seio da IJCSUD no sentido da promoção da aprendizagem e apropriação de regras, normas e valores sociais tidos como determinantes para o desenvolvimento do seu “Eu” moral e de uma identidade mais diferenciada e consoante e harmonizada com a sua comunidade religiosa.

Acreditando que a religiosidade dos seus elementos mais novos (em termos de importância e de participação) poderá funcionar como um fator de proteção na adolescência, tornando os adolescentes menos suscetíveis de se envolverem em consumos de substâncias nocivas à sua saúde e bem-estar, bem como em situações de violência, o presente estudo procurou, por um lado, conhecer os hábitos de consumo dos adolescentes membros da IJCSUD; os comportamentos de violência de que são protagonistas, quer no lugar de vítima quer de agressor; ou o modo como veem e sentem a escola e os seus pares e pais na relação com a mesma para, logo em seguida, explorar em que medida os investimentos tidos junto deste grupo etário ao longo dos últimos anos têm vindo a surtir efeito no sentido da prevenção de alguns problemas comuns nesta etapa do desenvolvimento dos adolescentes.

Os resultados relativos aos consumos do grupo de 101 adolescentes estudados deram a conhecer uma realidade bastante animadora: 95% dos participantes afirmaram nunca experimentado tabaco, e 94% não tendo consumido álcool nos últimos 30 dias à data do inquérito. Salvaguardando a possibilidade de as suas respostas terem sido alvo do efeito da “desejabilidade social”, estes números parecem dar conta da elevada eficácia das estratégias adotadas pelas lideranças junto dos seus membros mais jovens, alinhando, por um lado, com os resultados de estudos análogos realizados no seio de outras comunidades religiosas cujos códigos de conduta são igualmente dissuasores do consumo de álcool e outros comportamentos de risco (e.g., Sinha et al., 2007; Farinha et al., 2018; Russel et al., 2020), e contrastando, por outro, com o panorama a que assistimos atualmente em matéria de consumos adolescentes. Ou seja; tal como o estudo mais recente do ECATD-CAD (2019) dá a conhecer, cerca de 68% dos adolescentes portugueses (dos 13 aos 18 anos) já ingeriu uma bebida alcoólica ao longo da vida, surgindo o tabaco como a segunda substância mais consumida: 38% dos participantes afirmou já ter fumado alguma forma de tabaco, tendo o consumo de 29% dos participantes do estudo ocorrido no último ano e 18% no último mês).

Pese embora a existência de regras religiosas focadas na preservação da saúde dos seus membros seja indiciada como potencial dissuasora do consumo de substâncias nocivas à saúde e ao valores sociais e morais postuladas no seio da Igreja, estas não são sinónimos de efetiva mudança de comportamentos, designadamente entre os adolescentes. Considerando as características altamente “voláteis” do adolescente e da presença de alguns comportamentos de desafio e resistência às normas socialmente convencionadas (regendo-se essencialmente pelas normas do seu grupo de referência, no sentido de conquistar a sua aceitação e validação) será necessária a adoção de um olhar mais bioecológico sobre este fenómeno por forma a compreender a sua real complexidade. Ou seja; há que, por um lado, atender às características pessoais de cada um destes adolescentes e aos seus recursos internos (e.g., inteligência, autoeficácia, capacidade de coping), aos mecanismos subjacentes aos processos desenvolvimentais por estes protagonizados e, ao mesmo tempo, ter em conta as interações com e entre os seus protagonistas, nos seus contextos e ambientes significativos, e a multiplicidade de agentes e fatores que concorrem para os mesmos (no sentido da sua promoção, inibição ou comprometimento em termos de “normalidade”), bem como às sinergias existentes entre esses diferentes contextos (Bronfrenbrenner; 1996; 2004; Schiamberg et al., 1998).

Nesta demanda, as teorias religiosas de Thomas (1997) parecem acrescentar aqui um contributo importante para perceber o desenvolvimento moral destes jovens altamente envolvidos com a sua religião e suas importâncias. Na realidade, num estudo comparativo, já analisado, de Smith e Denton (2009), os resultados indicam que os jovens SUD parecem ter internalizado um conjunto de valores e práticas religiosas que estão relacionados com a participação menos frequente em atividades de risco (Smith & Denton, 2005).

Outra conclusão importante que se pode retirar deste estudo é a importância que a religiosidade parece assumir enquanto reguladora de comportamentos de violência – mais especificamente no caso do *Bullying* e *Cyberbullying*. Tal como foi possível verificar através da revisão da literatura na área, as raízes destes comportamentos de risco podem ser de origem externa (e.g. doença mental de um dos pais, parca rede social, pobreza) ou interna (e.g., baixo QI, vulnerabilidade genética) e ser potenciados ou mitigados de acordo com os ambientes bioecológicos nos quais o adolescente se insere, frequenta e onde interage de forma direta e significativa. Deles são exemplo a família, a escola, o grupo desportivo ou a Igreja que frequenta, os amigos, os colegas de turma, os professores ou vizinhos (Bronfenbrenner, U., 1996; Wigfield, Lutz e Wagner, 2005; Sprinthall & Collins, 2008; Costa, 2019). Da análise feita aos resultados do presente estudo verificou-se que os fatores “frequência dos jovens às reuniões de domingo” e a “importância que dão ao programa Seminário” estão associados à diminuição de sentimentos de vitimização face a experiências de *Bullying* ou *Cyberbullying*, ou seja, a participação e importância religiosas parecem funcionar como fatores protetores. Tratando-se de um microsistema importante da vida destes adolescentes - um sistema que o jovem frequenta assiduamente; onde se sente aceite, integrado e identificado; e onde têm lugar processos proximais promotores do seu desenvolvimento social, moral e identitário -, à semelhança do postulado por Sinha e colaboradores (2007) e Crosby e Smith (2015) em relação a outras confissões religiosas, a IJCSUD parece providenciar recursos associados a ganhos ao nível do comportamento pró-social destes adolescentes, promotores da autoconfiança e autoestima destes adolescentes, e diminuindo os fatores emocionais negativos que podem resultar do *Bullying* ou *Cyberbullying*.

Por outro lado, segundo Costa (2019), o desenvolvimento de fatores de proteção internos, como a capacidade de coping presentes nos programas religiosos SUD (Escola dominical e Seminário), parece poder estar a capacitar a vítima de *Bullying*, diminuindo os seus sentimentos de vitimização. No sentido contrário, ou seja, na análise na perspetiva do agressor, encontramos uma correlação negativa entre a frequência do Seminário (visto anteriormente como fator de proteção contra a vitimização) e comportamentos de *Bullying*.

No mesmo sentido, foram encontrados resultados que indicam que quanto maior importância for dada à frequência das reuniões de domingo e à frequência às atividades dos jovens maior será a tendência para nunca vir a exibir comportamentos de *Cyberbullying*. Mais uma vez, decorrente destes resultados, podemos deduzir – à semelhança de Crosby e Smith (2015) - que a participação regular de jovens em programas religiosos como o Seminário, as reuniões de domingo e as atividades desenvolvidas no seio da IJCSUD em vários momentos do calendário anual estará associada ao desenvolvimento espiritual e moral dos seus adolescentes e ao estabelecimento de modelos de comportamento e relacionamentos positivos.

Para finalizar, gostaríamos de refletir sobre algumas das fragilidades e potencialidades do trabalho aqui apresentado numa tentativa de, respetivamente, as suplantar ou rentabilizar em futuros trabalhos. No que se refere às primeiras, salienta-se o facto de, tratando-se de um estudo promovido dentro das lideranças da própria Igreja e sob a autoria e responsabilidade de um dos seus líderes, poderá ter dado azo a que, confrontados com algumas questões de teor mais “delicado”, os adolescentes pudessem não ter respondido com total verdade uma vez que a mesma poderia colidir com os alguns valores nucleares da Igreja. Referimo-nos, especificamente à questão dos consumos que, pelo facto de se tratar de um tema largamente trabalhado no seio da Igreja, nomeadamente no próprio programa de Seminário, poderá ter contaminado as respostas dos participantes, dando lugar ao efeito da desejabilidade social.

Adicionalmente, o tamanho do grupo de participantes poderá ser sinalizado igualmente como uma fragilidade deste estudo, tendo o seu N ficado aquém do inicialmente previsto. A dificuldade em chegar, em tempo útil, a um maior número de adolescentes em todo o território nacional e nos Açores e Madeira inviabilizou a constituição de uma amostra suficientemente ampla que permitisse conclusões mais robustas e quantitativamente fundamentadas.

Fica também a ressalva de que poderia ter sido interessante proceder à realização de um estudo comparativo entre diferentes confissões religiosas e das mesmas com um grupo de adolescentes não filiado a qualquer tipo de igreja. Julga-se que, para além de poder permitir retirar ilações adicionais sobre o papel da religiosidade na prevenção de comportamentos de risco na adolescência, poderia permitir averiguar em que medida, o tipo de confissão religiosa poderá dar lugar a maiores ou menores índices de proteção relativamente aos comportamentos de risco adolescente.

Quanto às potencialidades do trabalho aqui apresentado, como já referido anteriormente, o principal propósito estabelecido para os jovens SUD é o de dar a conhecer e a compreender as doutrinas, valores e princípios da Igreja, e proporcionar-lhes experiências que lhes permitam crescer espiritualmente, assimilando esses valores, estabelecendo compromissos com Deus e cumprindo-os através da prática, na sua vida quotidiana, dos princípios e doutrinas estabelecidos. Para isso foi desenvolvido um programa de desenvolvimento pessoal, abrangendo quatro áreas principais - espiritual, social, intelectual e física - no âmbito do qual, tanto os jovens como as suas famílias, recebem, sob orientação de modelos mundiais e coordenados por estruturas locais, apoio para a sua implementação. A aplicação deste programa é efetuada em dois campos distintos, mas complementares no propósito; – (1) nas reuniões e atividades de jovens na Igreja e, (2) nos lares, com ajuda da família. Esta abordagem complementar e dual (diríamos bioecológica), entre os vários sistemas, tem como principal objetivo prover ao jovem um ambiente normalizador e coerente, de forma que objetivos propostos possam realmente acontecer.

Um outro recurso externo, avaliado nesta dissertação nas dimensões de participação e importância é o programa formal de ensino religioso para jovens dos 14 aos 18 anos, conhecido como “Seminário”, que segundo Hilton III e Sweat (2017) corresponde ao programa que maior impacto espiritual tem entre os adolescentes. Nele, os jovens, durante 4 anos, estudam os livros que formam o cânone de escrituras sagradas da IJCSUD, e são, tal como abordado por Thomas (1997), na sua visão do desenvolvimento moral, baseada na teoria religiosa, a principal fonte sobre a qual o desenvolvimento moral da Igreja é construído. Neste caso específico, os jovens SUD têm oportunidade de aprender, através de um modelo de ensino curricular e num ambiente semelhante ao apresentado nas escolas públicas, com professores, pares e manuais, sobre os fundamentos da fé que praticam e professam.

Uma das potencialidades desta dissertação, que tem como amostra um grupo de adolescentes pertencentes a uma comunidade religiosa com representação minoritária em Portugal, é a sua especificidade. A religiosidade por si só tem múltiplas ‘caras’, correntes, ideais e fontes de validação. Para os membros SUD, as suas importâncias não são apenas fatores facultativos e opcionais, são um modo de estar e de viver, personalizam uma realidade única, caracterizada por uma vivência baseada naquilo que os membros SUD identificam como os princípios do Evangelho de Cristo e cujos princípios assumem a responsabilidade de responder às questões fundamentais da construção da identidade tais como “Quem sou eu?”, “Quais são os valores que me guiam?”, “Qual o rumo que quero dar à minha vida?” ou “Qual o meu

papel da Sociedade?” Nesse sentido, o estudo que efetuamos a esta comunidade, com sua sui generis religiosidade e idiosincrasias, a um grupo de adolescentes, e sua associação com determinados comportamentos de risco vivenciados nessa fase de desenvolvimento, parece-nos ser de relevância primacial para a comunidade religiosa em causa, bem como para potenciais futuros estudos dentro desta comunidade religiosa ou com outros grupos religiosos de pequena representação em Portugal.

REFERÊNCIAS

- A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (2019). *Crianças e Jovens de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias: Guia de Apresentação para Pais e Líderes*.
https://assets.lldscdn.org/df/5c/df5c1413cf7c11eb8564e8a3128d5bc40/final_parent_leader_brochure.pdf
- A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (2021). *Quem Somos?* Consultado a 24 de setembro de 2022. <https://www.churchofjesuschrist.org/learn/about-us?lang=por>
- A Igreja em Portugal. (2013). <https://Pt.Aigrejadejesuscristo.Org/>. Consultado a 15 de setembro de 2022.
<https://pt.aigrejadejesuscristo.org/about>
- Abo-Zena, M. M., & Ahmed, S. (2014). Religion and spirituality of emerging adults: Processing meaning through culture, context and social position. In *Emerging Adults' Religiousness and Spirituality: Meaning-Making in an Age of Transition*. Edited by C. M. Barry and M. M. Abo-Zena. New York: Oxford University Press, pp. 220–36.
- Abo-Zena, M. M., & Midgette, A. (2019). Developmental Implications of Children's Early Religious and Spiritual Experiences in Context: A Sociocultural Perspective. *Religions*, 10(11), 631.
<https://doi.org/10.3390/rel10110631>
- Abo-Zena, M. M., & Rana, M. (2020). Ecological Perspectives on Religion and Positive Youth Development. *Religions*, 11(8), 406. <https://doi.org/10.3390/rel11080406>.
- ACM-Alto Comissariado para as Migrações, IP & Grupo de Trabalho para o Diálogo Inter-religioso. (2021). *Liberdade Religiosa e Diálogo Inter-religioso em Portugal 2001–2021 - Testemunhos do GT DIR*.
<https://www.acm.gov.pt/pt/-/dialogo-inter-religioso>
- Amey, C. H., Albrecht, S. L., & Miller, M. K. (1996). Racial differences in adolescent drug use: The impact of religion. *Substance Use and Misuse*, 31, 1311–1332.
- Amoateng, A. Y., & Bahr, S. J. (1986). Religion, Family, and Adolescent Drug Use. *Sociological Perspectives*, 29(1), 53–76. <https://doi.org/10.2307/1388942>
- António, R., Guerra, R., & Moleiro, C. (2020). *Cyberbullying em Portugal durante a pandemia do Covid-19*. Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS-IUL, ISCTE-IUL).
- Ariès, P. (1978) *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zabar Editores.
- Ariès, P. (1986) *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio

- Ashmore, R. D., Deaux, K., & McLaughlin-Volpe, T. (2004). An organizing framework for collective identity: articulation and significance of multidimensionality. *Psychological bulletin*, 130(1), 80–114.
<https://doi.org/10.1037/0033-2909.130.1.80>
- Aydoğdu, F. (2021). Developing a Peer Relationship Scale for Adolescents: a validity and reliability study. *Current Issues in Personality Psychology*, 10(2), 164–176.
<https://doi.org/10.5114/cipp.2021.109461>
- Baldwin, A.L., Baldwin, C.P., Kasser, T., Zax, M., Sameroff, A.J., & Seifer, R. (1993). Contextual risk and resiliency during late adolescence. *Development and Psychopathology*, 5, 741 - 761.
- Barber, C. (2019). Working within a spiritual framework. *British Journal of Nursing*, 28, 229.
doi:10.12968/bjon.2019.28.4.229
- Barton, A. L., Snider, J. B., Vazsonyi, A. T., & Cox, J. L. (2012). Adolescent Religiosity as a Mediator of the Relationship Between Parental Religiosity and Adolescent Health Outcomes. *Journal of Religion and Health*, 53(1), 86–94. <https://doi.org/10.1007/s10943-012-9596-7>
- Baumrind, D., & Moselle, K. A. (1985). A Developmental Perspective on Adolescent Drug Abuse. *Advances in Alcohol & Substance Abuse*, 4(3–4), 41–66. https://doi.org/10.1300/j251v04n03_03
- Berns, R. M. (2015). *Child, Family, School, Community: Socialization and Support*. Stamford: Cengage Learning.
- Blakeney, R. F., & Blakeney, C. D. (2006). Delinquency: A Quest for Moral and Spiritual Integrity? *The Handbook of Spiritual Development in Childhood and Adolescence*, 371–383.
<https://doi.org/10.4135/9781412976657.n26>
- Bosma, H. A., & Kunnen, E. (2001). Determinants and Mechanisms in Ego Identity Development: A Review and Synthesis. *Developmental Review*, 21(1), 39–66. <https://doi.org/10.1006/drev.2000.0514>
- Branje, S. (2022). Adolescent identity development in context. *Current Opinion in Psychology*, 45, 101286.
<https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2021.11.006>
- Brito, I., & Albuquerque, C., & Becoña, E., & Cunha-Filho, H., & Correia, C., & Gomes Precioso, J. A., & Samorinha, C. (2015). FATORES ASSOCIADOS AO CONSUMO DE ÁLCOOL NA ADOLESCÊNCIA, EM FUNÇÃO DO GÊNERO. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 16(3), 392-410.
<http://dx.doi.org/10.15309/15psd1603010>
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados* (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas (Original publicado em 1979)

- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. *Measuring Environment across the Life Span: Emerging Methods and Concepts.*, 3–28. <https://doi.org/10.1037/10317-001>
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon (Series Ed.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (pp. 993-1027)
- Brown, B. B. (2005). Moving forward with research on adolescence: Some reflections on the state of JRA and the state of the field. *Journal of Research on Adolescence*, 15, 657-673.
- Burkett, V. R. (2013). Coping Capacity. *Encyclopedia of Natural Hazards*, 119–121. https://doi.org/10.1007/978-1-4020-4399-4_75
- Burkhart, L., & Hogan, N. (2008). An experiential theory of spiritual care in nursing practice. *Qualitative Health Research*, 18, 928-938.
- Chadwick, B. A., & Top, B. L. (1993). Religiosity and Delinquency among LDS Adolescents. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 32(1), 51–67. <https://doi.org/10.2307/1386913>
- Chawla, N., Neighbors, C., Lewis, M. A., Lee, C. M., & Larimer, M. E. (2007). Attitudes and perceived approval of drinking as mediators of the relationship between the importance of religion and alcohol use. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 68, 410–418.
- Coakley, J. (2011). Youth sports: What counts as “positive development?” *Journal of Sport and Social Issues*, 35(3), 306-324–324. <https://doi.org/10.1177/0193723511417311>
- Cortina, A. (1997). *EL MUNDO DE LOS VALORES: Ética y Educación* (Primera edición). EDITORIAL EL BUHO LTDA.
- Costa, T. (2019). *Risco comportamental, comportamentos de bullying e cyberbullying e resiliência: estudo das relações e processos de interação numa amostra de adolescentes*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança, área de especialização em Intervenção Psicossocial com Crianças, Jovens e Famílias. Braga: Universidade do Minho.
- Cotton, S., Zebracki, K., Rosenthal, S. L., Tsevat, J., & Drotar, D. (2006). Religion/spirituality and adolescent health outcomes: a review. *Journal of Adolescent Health*, 38(4), 472–480. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2005.10.005>

- Coutinho, J. P. (2019). Religiosidade dDa Juventude Portuguesa: Evolução recente e comparação com o restante da população. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 34(101).
<https://doi.org/10.1590/3410114/2019>
- Crianças e Jovens de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. (n.d.). Consultado em 27 de setembro de 2022, de <https://www.churchofjesuschrist.org/youth/childrenandyouth?lang=por>
- Crocetti, E. (2017). Identity Formation in Adolescence: The Dynamic of Forming and Consolidating Identity Commitments. *Child Development Perspectives*, 11(2), 145–150.
<https://doi.org/10.1111/cdep.12226>
- Crosby, R. G., & Smith, E. I. (2015). Church Support as a Predictor of Children's Spirituality and Prosocial Behavior. *Journal of Psychology and Theology*, 43(4), 243–254.
<https://doi.org/10.1177/009164711504300402>
- Dahl, R. E., & Hariri, A. R. (2005). Lessons from G. Stanley Hall: Connecting New Research in Biological Sciences to the Study of Adolescent Development. *Journal of Research on Adolescence (Wiley-Blackwell)*, 15(4), 367–382. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2005.00102.x>
- Dalgalarondo, P., Soldera, M. A., Corrêa Filho, H. R., & Silva, C. A. M. (2004). Religião e uso de drogas por adolescentes. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(2), 82–90. <https://doi.org/10.1590/s1516-44462004000200004>
- Deković, M. (1999). Risk and Protective Factors in the Development of Problem Behavior During Adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 28(6), 667–685.
<https://doi.org/10.1023/a:1021635516758>
- Dias, M. D. L. V. (2011). Religiosidade e comportamento desviante na adolescência: dados de um estudo empírico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 5–23. https://doi.org/10.14195/1647-8614_45-1_1
- Donahue, M. J., & Benson, P. L. (1995). Religion and the Well-Being of Adolescents. *Journal of Social Issues*, 51(2), 145–160. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1995.tb01328.x>
- Donnelly, M. (2021). Adolescent Development. *Salem Press Encyclopedia*.
- Dutkova, K., Holubcikova, J., Kravcova, M., Babincak, P., Tavel, P., & Madarasova Geckova, A. (2017). Is Spiritual Well-Being Among Adolescents Associated with a Lower Level of *Bullying* Behaviour? The Mediating Effect of Perceived *Bullying* Behaviour of Peers. *Journal of Religion and Health*, 56(6), 2212–2221. <https://doi.org/10.1007/s10943-017-0392-2>
- Eisenstein E. (2005). Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Revista Adolescência*

- Erikson, E. (1950). *Childhood and society*. New York, NY: Norton.
- Erikson, E. (1968). *Identity, youth and crisis*. New York, NY: Norton.
- Estudos do desenvolvimento cognitivo e a teoria de Jean Piaget. (1973). PUC/RJ.
- European Commission (2021). *Special Eurobarometer 506: Attitudes of Europeans towards tobacco and electronic cigarettes* (v1.00). (2021). [Data set]. European Commission, Directorate-General for Communication. http://data.europa.eu/88u/dataset/S2240_506_ENG
- Farinha, F. T., Banhara, F. L., Bom, G. C., Kostrisch, L. M. V., Prado, P. C., & Trettene, A. D. S. (2018). Correlação entre espiritualidade, religiosidade e qualidade de vida em adolescentes. *Revista Bioética*, 26(4), 567–573. <https://doi.org/10.1590/1983-80422018264275>
- Ferreira, M., & Nelas, P. B. (2016). Adolescências. Adolescentes. Millenium - *Journal of Education, Technologies, and Health*, (32), 141–162.
- Florczak, K. L. (2010). Gathering information on spirituality: From whose perspective? *Nursing Science Quarterly*, 23, 201-205. doi:10.1177/0894318410371836
- Fowler, J. (2017). From staff nurse to nurse consultant: Spiritual care part 1: The importance of spiritual care. *British Journal of Nursing*, 26, 478. doi:10.12968/bjon.2017.26.8.478
- Fundação Portuguesa Cardiologia (2014). *Tabagismo*. Consultado a 23 de setembro de 2022. <http://www.fpcardiologia.pt/saude-do-coracao/factores-de-risco/tabagismo/>
- Gini, G., & Pozzoli, T. (2009). Association between *bullying* and psychosomatic problems: A Meta-analysis. *Pediatrics*, 123, 1059-1065. doi:10.1542/peds.2008-1215
- Gladden, R. M. (2014). *Bullying Surveillance among Youths: Uniform Definitions for Public Health and Recommended Data Elements*. Version 1.0. *Centers for Disease Control and Prevention*, GA
- Global School-based Student Health Survey. (2021). <https://www.who.int/>. Retrieved October 23, 2021, from <https://www.who.int/teams/noncommunicable-diseases/surveillance/systems-tools/global-school-based-student-health-survey>
- Gmel, G., Mohler-Kuo, M., Dermota, P., Gaume, J., Bertholet, N., Daeppen, J. B., & Studer, J. (2013). Religion Is Good, Belief Is Better: Religion, Religiosity, and Substance Use Among Young Swiss Men. *Substance Use & Misuse*, 48(12), 1085–1098. <https://doi.org/10.3109/10826084.2013.799017>

- Hilton III, J., & Sweat, A. (2017). "Developing Teenage Testimonies: Programs and Pedagogy with Spiritual Impact." *Religious Educator: Perspectives on the Restored Gospel* 18, no. 2 (2017): 111-129.
<https://scholarsarchive.byu.edu/re/vol18/iss2/8>
- Ho, D. Y. F., & Ho, R. T. H. (2007). Measuring Spirituality and Spiritual Emptiness: Toward Ecumenicity and Transcultural Applicability. *Review of General Psychology*, 11(1), 62–74.
<https://doi.org/10.1037/1089-2680.11.1.62>
- Hymel, S., & Swearer, S. M. (2015). Four decades of research on school *bullying*. An introduction. *American Psychologist*, 70(4), 293–299. <https://doi.org/10.1037/a0038928>
- Inchley, J., Currie, D., Budisavljevic, S., Torsheim, T., Jåstad, A., Cosma, A., Kelly, C., Arnarsson, A. M., & Samdal, O. (2020). *Spotlight on adolescent health and well-being. Findings from the 2017/2018 Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) survey in Europe and Canada. International report. Volume 2. Key data*. WHO Publications.
<https://www.euro.who.int/en/publications/abstracts/spotlight-on-adolescent-health-and-well-being-findings-from-the-20172018-health-behaviour-in-school-aged-children-hbsc-survey-in-europeand-canada-international-report-volume-2-key-data>
- King, P. E., & Furrow, J. L. (2004). Religion as a Resource for Positive Youth Development: Religion, Social Capital, and Moral Outcomes. *Developmental Psychology*, 40(5), 703–713.
<https://doi.org/10.1037/0012-1649.40.5.703>
- Koenig, H. G. (2008). *Medicine, religion, and health: Where science and spirituality meet*. West Conshohocken, PA: Templeton Foundation Press.
- Koenig, H. G., King, D. E., & Carson, V. B. (2012). *Handbook of religion and health* (2nd ed.). New York, NY: Oxford University Press.
- Kohlberg, L. (1984). The Psychology of Moral Development: The Nature and Validity of Moral Stages (*Essays on Moral Development, Volume 2*) (1st ed.). Harper & Row.
- Larson, R. W., Wilson, S., & Mortimer, J. T. (2002). Conclusions: Adolescents' preparation for the future. *Journal of Research on Adolescence*, 12, 159-166.
- Lavado E, Calado V. (2019). ECATD-CAD. *Estudo sobre os comportamentos de consumo de álcool, tabaco, drogas e outros comportamentos aditivos e dependências: Portugal 2019. Relatório Nacional*. Disponível em: ECATD19_nacional.pdf (sicad.pt)

- Lavorato Neto, G., Rodrigues, L., Rozendo da Silva, D. A., Ribeiro Turato, E., & Gomes Campos, C. J. (2018). Spirituality review on mental health and psychiatric nursing. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71, 2323-2333. doi:10.1590/0034-7167-2016-0429
- Lerner, R. M. (2004). Programs promoting positive youth development and civil society. In R. M. Lerner (Ed.), *Liberty: Thriving and civic engagement among America's youth* (pp.109-142). Thousand Oaks, CA: Sage
- Lerner, R. M., & Galambos, N. L. (1998). Adolescent development: Challenges and opportunities for research, programs, and policies. *Annual Review of Psychology*, 49, 413–446.
- Lopes, M. B. (2016). A LIBERDADE RELIGIOSA EM PORTUGAL, A(S) CONSTITUIÇÃO(ÕES) E O TRIBUNAL CONSTITUCIONAL. *“Estudos Em Homenagem Ao Conselheiro Presidente Rui Moura Ramos,” Vol. I*
- Louro, F. (2020). *Consumo de álcool na adolescência: Conhecer para intervir* [Dissertação: Mestrado em Enfermagem]. Instituto Politécnico de Portalegre.
- Luthar, S. S. (1993). Methodological and Conceptual Issues in Research on Childhood Resilience. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 34(4), 441–453. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1993.tb01030.x>
- Maia, J. M. D., & Williams, L. C. de A. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas em Psicologia* (Vol. 13, pp. 91–103). Scieloepsic
- Malti, T., Galarneau, E., & Peplak, J. (2021, November 24). Moral Development in Adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 31(4), 1097–1113. <https://doi.org/10.1111/jora.12639>
- Manual Geral: Servir em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.* (2021). A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3(5), 551–558. <https://doi.org/10.1037/h0023281>
- McBride, D. C., Mutch, P. B., & Chitwood, D. D. (1996). Religious belief and the initiation and prevention of drug use among youth. In C. B. McCoy, L. R. Metsch, & J. A. Inciardi (Eds.), *Intervening with drug-involved youth* (pp. 110–130). Thousand Oaks, CA: Sage.
- McGuire, T. C., McCormick, K. C., Koch, M. K., & Mendle, J. (2019). Pubertal Maturation and Trajectories of Depression During Early Adolescence. *Frontiers in Psychology*, 10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01362>

- Miller, L., Davies, M., & Greenwald, S. (2000). Religiosity and Substance Use and Abuse Among Adolescents in the National Comorbidity Survey. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 39(9), 1190–1197. <https://doi.org/10.1097/00004583-200009000-00020>
- Miranda-Rodríguez, R., & García-Méndez, M. (2019). Construcción de una Escala de Dominio Moral en Adolescentes. *Revista Iberoamericana De Diagnóstico Y Evaluación – E Avaliação Psicológica*, 53(4). <https://doi.org/10.21865/ridep53.4.13>
- Neighbors, C., Brown, G. A., Dibello, A. M., Rodriguez, L. M., & Foster, D. W. (2013b). Reliance on God, Prayer, and Religion Reduces Influence of Perceived Norms on Drinking. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 74(3), 361–368. <https://doi.org/10.15288/jsad.2013.74.361>
- Novo, R., & Prada, A. R. R. (2016). *Jean Piaget*.
- Oliveira, M.F.B., Carneiro, T.F. (2004). *Relações familiares e o adolescente psicótico: o delírio como sintoma da história familiar* [Dissertação de mestrado]. Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=0212067_04_Indice.html
- Ozorak, E.W. (1986). Social and Cognitive Influences on the Development of Religious Beliefs and Commitment in Adolescence. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 28, 448.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano* (8ª edição). Porto Alegre: Artmed Editora, S.A.
- Parcel, T. L., McLanahan, S., & Sandefur, G. (1995). Growing Up with a Single Parent: What Hurts, What Helps. *Social Forces*, 73(3), 1184. <https://doi.org/10.2307/2580615>
- Paul Victor, C. G., & Treschuk, J. V. (2019). Critical Literature Review on the Definition Clarity of the Concept of Faith, Religion, and Spirituality. *Journal of Holistic Nursing*, 38(1), 107–113. <https://doi.org/10.1177/0898010119895368>
- Perkins, H. W. (2002). Social norms and the prevention of alcohol misuse in collegiate contexts. *Journal of Studies on Alcohol*, Supplement 14, 164–172.
- Precioso, J., Araújo, A. C., Machado, J., Samorinha, C., Calheiros, J. M., Becoña, E., Ravara, S. B., Vitória, P., Rosas, M., Bonito, J., Antunes, H. (2011). A família, a escola e a sociedade na protecção das crianças ao fumo ambiental do tabaco, In A. Barca, M. Peralbo, A. Porto, J. C. Brenlla, B. D. Silva, L. S. Almeida (orgs.), *Actas do XI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*

- (pp. 869-882) La Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación e Universidade do Minho. [ISSN 1138-1663]
- Precioso, J., Samarrinha, C., Albuquerque, C., Antunes, H., Bonito, J. Rebelo, L., & Rosas, M. (2009). Factores de Risco e Factores Protectores Relacionados com o Consumo de Tabaco por Sexos. In J. Bonito (Org.), *Educação para a Saúde no Século XXI – Teorias, Modelos e Práticas* (pp. 291-305). Évora: Universidade de Évora. [ISBN: 978-989-95539-3-4]
- Rice, P. & Dolgin, K. (2002). *Adolescents in Theoretical Context from The Adolescent: Development, Relationships and Culture*, 10th edition. Boston: Allyn and Bacon.
- Roberts, W. e Strayer, J. (1996). Empatia, expressividade emocional e comportamento pró-social. *Desenvolvimento Infantil*, 67(2), 449-470.
- Roeser, R. W., Issac, S.S., Abo-Zena M., Brittan, A. & Peck, S.J. (2008). Self and identity processes in spirituality and positive youth development. In *Positive Youth Development and Spirituality: From Theory to Research*. Edited by Richard M. Lerner, RobertW. Roeser and Erin Phelps. West Conshohocken: Templeton Foundation Press, pp. 74–105.
- Russell, A. M., Yu, B., Thompson, C. G., Sussman, S. Y., & Barry, A. E. (2020). Assessing the relationship between youth religiosity and their alcohol use: *A meta-analysis from 2008 to 2018. Addictive Behaviors*, 106, 106361. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2020.106361>
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American journal of orthopsychiatry*, 57(3), 316-331.
- Santos, A. R. M. D., Silva, E. A. P. C. D., Silva, P. P. C. D., Cartaxo, H. G. D. O., & Freitas, C. M. S. M. D. (2014). ESTILO DE VIDA NA ADOLESCÊNCIA: O ENVOLVIMENTO RELIGIOSO ATUANDO NOS COMPORTAMENTOS DE RISCO À SAÚDE. *Pensar a Prática*, 17(1). <https://doi.org/10.5216/rpp.v17i1.18741>
- Santos, A., Oliveira, L., Farias Júnior, J., Silva, P., Silva, E., & Freitas, C. (2015). Associação entre prática religiosa e comportamentos de risco à saúde em adolescentes de Pernambuco, Brasil. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 20(3), 284. <https://doi.org/10.12820/rbafs.v.20n3p284>
- Schenker, M., & Minayo, M.C.D.S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência Risk and protective factors and drug use among adolescence. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(3), 707–717. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000300027>

- Schnitker, S., Shubert, J., Houltberg, B., & Fernandez, N. (2020). Bidirectional Associations across Time between Entitativity, Positive Affect, Generosity, and Religiousness in Adolescents Training with a Religiously Affiliated Charity Marathon Team. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(3), 686. <https://doi.org/10.3390/ijerph17030686>
- Schoen-Ferreira, T. H., FariasAznar, M., & SilvesFerreira de Mattos, E. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 107-115. ISSN: 1413-294X. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26180112>
- Schwartz, K. D., William M. B., & Wayne T. A. (2006). Mentors, friends, and gurus: Peer and nonparent influences on spiritual development. In *The Handbook of Spiritual Development in Childhood and Adolescence*. Edited by Eugene C. Roehlkepartain, Pamela E. King, Linda Wagener and Peter. L. Benson. Thousand Oaks: Sage, pp. 310–23.
- Scliar, M. (2007). História do conceito de saúde / History of the concept of health. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 17(1), 29–41. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100003>
- Senna, S. R. C. M., & Dessen, M. A. (2012). Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 101–108. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722012000100013>
- Serviço de Intervenção nos Comportamento Aditivos e nas Dependências (2019). *Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Droga e outros Comportamentos Aditivos e Dependências / 2019*. <http://www.sicad.pt/BK/EstatisticalInvestigacao/>
- Silberman, I. (2005). Religion as a meaning system: Implications for the new millennium. *Journal of Social Issues*, 61, 641–663. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2005.00425.x>
- Sincero, S. M. (n.d.). *The Ecological Systems Theory by Urie Bronfenbrenner*. <https://Explorable.Com/>. Retrieved August 16, 2022, from <https://explorable.com/ecological-systems-theory>
- Sinha, J. W., Cnaan, R. A., & Gelles, R. J. (2007). Adolescent risk behaviors and religion: Findings from a national study. *Journal of Adolescence*, 30(2), 231–249. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2006.02.005>
- Smetana, J., Campione-Barr, N., & Metzger, A. (2006). Adolescent development in interpersonal and societal contexts. *Annual Review of Psychology*, 57, 255-284.
- Smith, C., & Denton, L. M. (2005). *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers* (Updated ed.). Oxford University Press.

- Smith, C., & Denton, L. M. (2009). *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers* (Reprint). Oxford University Press.
- Smith, P. K. (2019). Introduction. In P. K. Smith (Ed.), *Making an impact on school bullying: Interventions and recommendations* (pp. 1-22). Routledge.
- Sprinthal, N. A., & Collins, A. (2008). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista* (4a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sprinthal, N. A., & Collins, A. W. (1994). *Adolescent Psychology: A Developmental View* (3rd ed.). McGraw-Hill Humanities/Social Sciences/Languages.
- Steinberg, L., & Morris, A. S. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology*, 52, 83-110
- Sweat, A. R. (2011). *Student Oral Participation and Perceived Spiritual Experiences in Latter-Day Saint Seminary* [Dissertation]. Utah State University.
- Thomas, R.M. (1997). *Moral Development Theories – Secular and Religious: A Comparative Study*. Praeger.
- Tomass, M. K. (2012). Religious identity, informal institutions, and the nation-states of the near east. *Journal of Economic Issues*, 46, 705-728.
- Tsagem, S. Y. (2022). The Adolescence Stage. *Developmental Psychology: A Life-Span Approach*, 71–98.
- Turkay, H., & Yetim, A. A. (2018). The Relationship between Social Status and Sports. *International Journal of Sports and Physical Education*, 4(1). <https://doi.org/10.20431/2454-6380.0401003>
- Urbán, D. J. A., Ingles, C. J., Rodriguez-Aguilar, M., & García-Fernández, J. M. (2022). Consumo de tabaco y alcohol: metas académicas, autoconcepto escolar y rendimiento académico en adolescentes portugueses. *Health and Addictions/Salud Y Drogas*, 22(2), 283–297. <https://doi.org/10.21134/haaj.v22i2.719>
- Valim, G., Simionato, P., & Gascon, M. (2017). O consumo de álcool na adolescência: uma revisão literária. *Adolescência e Saúde*. 14(4), 184-194.
- Wallace, J. M., & Forman, T. A. (1998). Religion's role in promoting health and reducing risk among American youth. *Health, Education & Behavior*, 25, 721–741
- White, M. L., Peters, R., & Schim, S. M. (2011). Spirituality and spiritual self-care: Expanding self-care deficit nursing theory. *Nursing Science Quarterly*, 24, 48-56. doi:10.1177/0894318410389059
- Wigfield, A., Lutz, S. L., & Wagner, A. L. (2005). Early Adolescents Development across the Middle School Years: Implications for School Counselors. *Professional School Counseling*, 9(2), 112–119.

- World Health Organization [WHO]. (2008). *Report on the global tobacco epidemic. The MPOWER package*. Geneva: World Health Organization.
- World Health Organization [WHO]. (2017). *World No Tobacco Day 2017. Tobacco threatens us all: protect health, reduce poverty and promote development*. Geneva: World Health Organization.
- World Health Organization [WHO]. (2018). *Global report on trends in prevalence of tobacco smoking 2000–2025, second edition*. Geneva: World Health Organization.
- World Health Organization [WHO]. (2019). *Adolescent health*. WHO. Consultado a 3 de outubro de 2022. https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1
- World Health Organization [WHO]. (2020) *Tobacco key facts. WHO Fact sheet 27*. Consultado a 21 de setembro de 2022. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/tobacco>
- Yarnold, B. M. (1998). Steroid use among Miami's public school students, 1992: Alternative subcultures: Religion and music versus peers and the "body cult." *Psychological Reports*, 82, 19–24.
- Yeşilçınar, İ., Acavut, G., İyigün, E., & Taştan, S. (2018). Eight-step concept analysis: Spirituality in nursing. *International Journal for Human Caring*, 22(2), 34-42. doi:10.20467/1091-5710.22.2.34

ANEXOS

Anexo 1 - Questionário sobre Religiosidade e Comportamentos na Adolescência

 30 minutes

Questionário sobre Religiosidade e Comportamentos na Adolescência



No âmbito da dissertação de mestrado em Estudos da Criança da Universidade do Minho, estamos a desenvolver um estudo sobre a religiosidade e comportamentos na adolescência. Este estudo é da autoria do aluno de mestrado Ricardo Costa Lima sob a supervisão científica da Doutora Susana Caires.

A tua participação neste estudo é:

- **VOLUNTÁRIA:** não és obrigado(a) a preencher este questionário. Se por algum motivo te sentires desconfortável basta fechar a janela e os teus dados não serão gravados.
- **ANÓNIMA:** não é solicitado nenhum dado pessoal, como o teu nome, morada e contactos.
- **CONFIDENCIAL:** apenas o autor do estudo terá acesso direto aos dados obtidos.

Não existem respostas certas ou erradas. Por isso procura ser o mais sincero(a) possível. As tuas respostas devem-se basear naquilo que realmente **conheces, sentes** ou **fazes**.

 **required**

INFORMAÇÕES PESSOAIS

1. Qual a tua idade? *

- ☐ Menos de 13
- ☐ 13
- ☐ 14
- ☐ 15
- ☐ 16
- ☐ 17
- ☐ 18
- ☐ Mais de 18

2. Qual o teu sexo? *

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino

Questionário de Participação Religiosa

Neste questionário pretende-se avaliar o teu nível de participação nas atividades da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Procura ser o mais sincero(a) possível nas tuas respostas.

5. És membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias? *

☐ Sim

☐ Não

6. O quão importante é para ti ser membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias? *

	MTO importante	Importante	Indiferente	Pouco importante	Completamente irrelevante
Resposta	☐	☐	☐	☐	☐

7. Quem mais na tua família é membro da Igreja? *

Podes escolher várias opções

☐ A minha mãe

☐ O meu pai

☐ O(s) meus irmãos

☐ Outro(s) familiar(es)

3. Qual o teu ano de escolaridade? *

- ☐ 6º
- ☐ 7º
- ☐ 8º
- ☐ 9º
- ☐ 10º
- ☐ 11º
- ☐ 12º
- ☐ Outra

4. Com quem resides? *

- ☐ Mãe
- ☐ Pai
- ☐ Ambos (pai e mãe)
- ☐ Outros familiares
- ☐ Instituição

11. Nos últimos 3 meses, com que frequência participaste na(s) atividade(s) mensais que escolheste em cima? *

Podes responder mesmo que não sejas membro da Igreja

	4 ou mais vezes/mês	De 2 a 3 vezes/mês	Menos de 2 vezes/mês	1 vez/mês	Nunca
Resposta	☐	☐	☐	☐	☐

12. Alguma vez participaste em alguma destas atividades da Igreja? *

Podes escolher mais do que uma opção

- ☐ Acampamento
- ☐ Conferência de Jovens
- ☐ FSJ
- ☐ Viagem ao Templo
- ☐ Nunca participei nestas atividades

13. O quão importante é para ti participar nas atividades de jovens da Igreja?

*

	MTO importante	Importante	Neutro/índi ferente	Pouco importante	Completa mente irrelevante
Resposta	☐	☐	☐	☐	☐

8. Com que frequência participas nas reuniões de domingo? *

Podes responder mesmo que não sejas membro da Igreja

	4 ou 5 vezes/mês	De 2 a 3 vezes/mês	Menos de 2 vezes/mês	Nunca
Resposta	☐	☐	☐	☐

9. O quão importante é para ti participar nas reuniões de domingo? *

	MTO importante	Importante	Indiferente	Pouco importante	Completa- mente irrelevante
Resposta	☐	☐	☐	☐	☐

10. Nos últimos 3 meses, participaste em alguma destas atividades mensais da Igreja? *

Podes escolher mais do que uma opção

- ☐ Reuniões dos Quóruns do Sacerdócio Aarônico (rapazes)
- ☐ Reuniões das moças
- ☐ Mutual
- ☐ Comité da juventude da Ala/Ramo
- ☐ Nunca participei nestas atividades

14. Estás a frequentar o programa de Seminário? *

☐ Sim

☐ Não

15. Com que frequência participas no seminário?

	5 dias/seman a	4 dias/seman a	3 dias/seman a	2 dias/seman a	1 dia/semana
Resposta	☐	☐	☐	☐	☐

16. O quão importante é para ti o Seminário? *

	MTO importante	Importante	Neutro/indi ferente	Pouco importante	Completa mente irrelevante
Resposta	☐	☐	☐	☐	☐

COMPORTAMENTOS ESCOLARES

As questões seguintes são sobre as tuas experiências na escola

17. O quão importante é a escola para ti? *

	MTO importante	Importante	Neutro/indiferente	Pouco importante	Completamente irrelevante
Resposta	☐	☐	☐	☐	☐

18. Durante os últimos 30 dias, com que frequência **faltaste** às aulas ou **não compareceste** na escola, sem justificação? *

- ☐ 0
- ☐ 1 a 2 dias
- ☐ 3 a 5 dias
- ☐ 6 a 9 dias
- ☐ 10 ou mais dias

19. Durante os últimos 30 dias, com que frequência **sentiste** que os teus colegas de escola estavam a ser atenciosos e colaboradores contigo? *

	Sempre	A maioria das vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
Resposta	☐	☐	☐	☐	☐

20. Durante os últimos 30 dias, com que frequência os teus **encarregados de educação verificaram** se os teus trabalhos escolares estavam feitos? *

	Sempre	A maioria das vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
Resposta	☐	☐	☐	☐	☐

21. Durante os últimos 30 dias, com que frequência os **teus encarregados de educação reconheceram** os teus problemas e preocupações? *

	Sempre	A maioria das vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
Resposta	☐	☐	☐	☐	☐

22. Durante os últimos 30 dias, com que frequência os **teus encarregados de educação realmente sabiam** o que estavas a fazer durante o teu tempo livre? *

	Sempre	A maioria das vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
Resposta	☐	☐	☐	☐	☐

VIOLÊNCIA

As próximas questões são sobre **bullying e cyberbullying**

23. Pensa se, na escola ou em outro lugar, já te **sentiste vítima** das situações que a seguir se referem: *

	Nunca	1 ou 2 vezes no ano letivo	2 ou 3 vezes/mês	Mais de 2 vezes/sema na
Empurraram-me com violência	☐	☐	☐	☐
Ameaçaram-me	☐	☐	☐	☐
Gozaram ou humilharam-me	☐	☐	☐	☐
Bateram-me	☐	☐	☐	☐
Chamaram-me nomes ofensivos	☐	☐	☐	☐
Levantaram calúnias/intrigas/rumores a meu respeito (ou sobre a minha família)	☐	☐	☐	☐
Exluíram-me do grupo (não quiseram conviver comigo)	☐	☐	☐	☐
	Nunca	1 ou 2 vezes no ano letivo	2 ou 3 vezes/mês	Mais de 2 vezes/sema na

Magoaram-me de propósito (beliscaram-me com força, picaram-me com objetos, ...)

☐
☐
☐
☐

Estragaram-me objetos pessoais ou vestuário, de propósito

☐
☐
☐
☐

Apalparam-me contra minha vontade

☐
☐
☐
☐

24. Pensa se já te **sentiste vítima** das situações que a seguir se referem: *

	Nunca	1 ou 2 vezes no ano letivo	2 ou 3 vezes/mês	Mais de 2 vezes/sema na
Entraram na minha conta de e-mail e fizeram-se passar por mim, enviando e-mails em meu nome	☐	☐	☐	☐
Enviaram-me SMS ou e-mails com o objetivo de me ameaçar ou insultar	☐	☐	☐	☐
Partilharam com outras	Nunca	1 ou 2 vezes no ano letivo	2 ou 3 vezes/mês	Mais de 2 vezes/sema na

pessoas na Internet informação sobre mim (sem minha autorização)	☐	☐	☐	☐
Enviaram-me ou postaram online mentiras sobre mim	☐	☐	☐	☐
Ofenderam-me através da Internet ou do telemóvel	☐	☐	☐	☐
Fui excluído(a) de um jogo ou de um grupo online	☐	☐	☐	☐
Tiraram-me uma foto e colocaram online sem minha permissão	☐	☐	☐	☐
Tenho medo de ir ao computador ou telemóvel e ligar a internet	☐	☐	☐	☐

25. Pensa se, na escola ou em outro lugar, **já tiveste alguma das atitudes ou comportamentos** que a seguir se referem: *

Nunca	1 ou 2 vezes no ano letivo	2 ou 3 vezes/mês	Mais de 2 vezes/semana
-------	----------------------------------	---------------------	---------------------------

Empurrei com violência	☐	☐	☐	☐
Ameacei	☐	☐	☐	☐
Gozei ou humilhei	☐	☐	☐	☐
Bati	☐	☐	☐	☐
Chamei nomes ofensivos	☐	☐	☐	☐
Levantei calúnias/intrigas/rumores (sobre alguém ou sua família)	☐	☐	☐	☐
Excluí uma pessoa do grupo (não quis mais conviver com ela)	☐	☐	☐	☐
Tirei coisas (objetos pessoais, dinheiro, ...)	☐	☐	☐	☐
Magoei, de propósito (belisquei com força, piquei com objetos, ...)	☐	☐	☐	☐
Estraguei objetos pessoais ou vestuário, de propósito	☐	☐	☐	☐
Apalpei contra a	Nunca ☐	1 ou 2 vezes no ano letivo ☐	2 ou 3 vezes/mês ☐	Mais de 2 vezes/semana ☐

vontade da
outra pessoa



26. Pensa se **já tiveste alguma das atitudes ou comportamentos** que a
seguir se referem: *

	Nunca	1 ou 2 vezes no ano letivo	2 ou 3 vezes/mês	Mais de 2 vezes/sema na
Entrei na conta de e- mail de alguém e fiz- me passar por ele(a), enviando e- mails	☐	☐	☐	☐
Enviei SMS ou e-mails com o objetivo de ameaçar ou insultar alguém	☐	☐	☐	☐
Partilhei com outras pessoas na Internet informação intíma sobre alguém	☐	☐	☐	☐
Enviei ou postei online mentiras sobre alguém	☐	☐	☐	☐
Ofendi alguém através da Internet ou do telemóvel	☐	☐	☐	☐
	Nunca	1 ou 2 vezes no ano letivo	2 ou 3 vezes/mês	Mais de 2 vezes/sema na

Excluí alguém
de um jogo
ou de um
grupo online

☐☐☐☐

Tirei uma
foto a
alguém e
coloquei
online sem a
sua
autorização

☐☐☐☐

Deixei
alguém com
medo de ir
ao
computador
ou telemóvel

☐☐☐☐

CONSUMO DE ÁLCOOL

As questões seguintes perguntam sobre ingestão de bebidas alcoólicas. Isso inclui cerveja, vinho, vodka, rum, ... ou qualquer outra bebida contendo álcool.

27. Nos últimos 30 dias, quantos dias consumiste pelo menos um copo de bebida contendo álcool? *

- ☐ Nenhum
- ☐ 1 ou 2 dias
- ☐ 3 a 5 dias
- ☐ 6 a 9 dias
- ☐ 10 a 19 dias
- ☐ 20 a 29 dias
- ☐ Todos os 30 dias

28. Nos dias em que consumiste alguma bebida alcoólica, quantas copos bebeste por dia? *

- ☐ Nenhum
- ☐ Menos que 1 copo
- ☐ 1 copo
- ☐ 2 copos
- ☐ 3 copos
- ☐ 4 copos
- ☐ 5 ou mais copos

29. Durante a tua vida, quantas vezes tiveste embriagado/a (bêbado/a) pelo consumo excessivo de bebidas alcoólicas? *

- ☐ Nenhuma vez
- ☐ 1 a 2 vezes
- ☐ 3 a 9 vezes
- ☐ 10 vezes ou mais

30. Durante a tua vida, quantas vezes tiveste ressaca, doente, problemas com a família ou amigos, faltaste à escola ou te envolveste em brigas devido ao consumo de bebidas alcoólicas? *

- ☐ Nenhuma vez
- ☐ 1 a 2 vezes
- ☐ 3 a 9 vezes
- ☐ 10 vezes ou mais

TABAGISMO

As questões seguintes são sobre o consumo de cigarros ou outro tipo de tabaco.

31. Que idade tinhas quando experimentaste um cigarro pela primeira vez?

*

- ☐ Nunca experimentei cigarros
- ☐ Menos de 8 anos
- ☐ 8 ou 9 anos
- ☐ 10 ou 11 anos
- ☐ 12 ou 13 anos
- ☐ 14 ou 15 anos
- ☐ 16 anos ou mais

32. Nos últimos 30 dias, em quantos dias fumaste tabaco? *

- ☐ Nenhum
- ☐ 1 ou 2 dias
- ☐ 3 a 5 dias
- ☐ 6 a 9 dias
- ☐ 10 a 19 dias
- ☐ 20 a 29 dias
- ☐ Todos os 30 dias

33. Nos dias em que fumaste, quantos cigarros fumaste por dia? *

- ☐ Nenhum
- ☐ 1 ou menos
- ☐ 2 a 4
- ☐ 5 a 10
- ☐ 11 a 20
- ☐ Mais de 20

34. Durante os últimos 12 meses, tentaste parar de fumar cigarros? *

- ☐ Eu nunca fumei cigarros
- ☐ Eu não fumei cigarros nos últimos 12 meses
- ☐ Sim
- ☐ Não

35. Algum dos teus pais ou responsável fuma tabaco? *

- ☐ Nenhum
- ☐ Pai ou responsável
- ☐ Mãe ou responsável
- ☐ Os dois
- ☐ Eu não sei

This content is neither created nor endorsed by Microsoft. The data you submit will be sent to the form owner.

 Microsoft Forms

Anexo 2 - Matrícula no Seminário



A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS ÚLTIMOS DIAS

Matrícula no Seminário

Opções para matrícula no Seminário: (1) preencha este formulário ou (2) faça sua matrícula pela Internet no site seminary.LDS.org/register.

Observação: Alunos dos programas em horário escolar devem incluir o horário em seu calendário escolar.

Informações do Aluno Favor escrever de forma legível.				
Nome (prônimo, nome do meio, sobrenome)		Nome de preferência		Idioma de preferência
Data de nascimento (dia, mês, ano)	Ala ou ramo		Estaca ou distrito	
Sexo ☐ Masculino ☐ Feminino	Religião ☐ SUD ☐ Outra	Série escolar no próximo ano	Frequência ao Seminário e à escola	
Informações do Contato Principal (Pais ou Responsáveis)				
Nome (prônimo, sobrenome)		Telefone residencial		Celular
Endereço postal		Telefone comercial		Número para mensagem de texto
Cidade	Estado ou província	CEP	Pais	Pais para mensagem de texto
E-mail		Meio de contato de preferência ☐ Residência ☐ Trabalho ☐ Celular ☐ Mensagem de Texto ☐ E-mail ☐ Não entrar em contato		
Informações do Contato Secundário (Pais ou Responsáveis)				
Nome (prônimo, sobrenome)		Telefone residencial		Celular
Endereço postal		Telefone comercial		Número para mensagem de texto
Cidade	Estado ou província	CEP	Pais	Pais para mensagem de texto
E-mail		Meio de contato de preferência ☐ Residência ☐ Trabalho ☐ Celular ☐ Mensagem de Texto ☐ E-mail ☐ Não entrar em contato		
Assinaturas Ao assinar este formulário de matrícula, você aceita o contrato abaixo.				
Estudante			Data	
Pai/Mãe (ou responsável)			Data	
Contrato				

Permissão para Participar do Seminário

Participar do Seminário é um privilégio e lhes damos as boas-vindas. Você e seu filho ("vocês", coletivamente) autorizam e aceitam participar dos debates, das atividades e das aulas do Seminário, inclusive caso seu filho se matricule no Seminário diário, que ocorre durante a semana. Vocês concordam em obedecer às normas do Seminário (incluindo a exigência de frequência regular e pontual às aulas) e também concordam que os Seminários e Institutos de Religião, um departamento da Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e suas entidades legais afiliadas ("nós"), não são responsáveis por quaisquer danos que resultem de sua falha em obedecer a essas normas.

Normas de Privacidade Quanto às Informações do Aluno

Vocês concordam que podemos coletar e processar suas informações pessoais contidas neste formulário e em seu registro de membro (caso sejam membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias) para propósitos relacionados à sua matrícula, sua participação no Seminário e para responder a quaisquer perguntas ou assuntos que possam surgir enquanto estiver no Seminário. Entendem que

suas informações pessoais podem ser transferidas para a sede da Igreja nos Estados Unidos e autorizam essa transferência, se for o caso. Suas informações pessoais podem ser retidas por tempo indeterminado como parte do registro histórico permanente da Igreja. Jamais venderemos suas informações. Utilizamos medidas técnicas e organizacionais para proteger as informações pessoais que recebemos contra perda, uso indevido, alterações não autorizadas e para proteger sua confidencialidade.

Estudos e pesquisas: Se lhes for pedido para participar de uma pesquisa, vocês entendem que a participação é totalmente voluntária e que é permitido deixar de participar a qualquer momento. Quaisquer informações pessoais que fornecerem como parte de um estudo de pesquisa (por exemplo, endereço de e-mail ou número de telefone celular) serão usadas apenas com a finalidade de entrar em contato com vocês para falar a respeito de sua participação em futuros estudos e futuras pesquisas. Vocês podem optar por não entrarmos em contato.